

04 CADEIRNOS

ANUAL 2023

CULTURA: HISTÓRIA & PATRIMÓNIO DE AVEIRO

06

EM TORNO DAS GEMINADAS: O CONTRIBUTO DO DIAGNÓSTICO ARQUEOLÓGICO PARA A REQUALIFICAÇÃO DA IGREJA DE SANTO ANTÓNIO E CAPELA DE SÃO FRANCISCO (AVEIRO)

RICARDO COSTEIRA DA SILVA
PAULO MORGADO
SÓNIA FILIPE

22

PATRIMÓNIO, CULTURA E IDENTIDADE NA CELEBRAÇÃO DOS 200 ANOS DA FUNDAÇÃO DA FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

RICARDO JORGE GOMES

42

TESOUROS DO MUSEU DE AVEIRO/SANTA JOANA NA HISTÓRIA DOS ÓCULOS ANTIGOS

MARIA DO SAMEIRO
BARROSO

60

JOÃO AUGUSTO MARQUES GOMES CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DE UM EMINENTE REPRESENTANTE DA HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

CARLA FISCHER SERÓDIO

80

SOB O SIGNO DA OBSERVÂNCIA: MODELOS DE SANTIDADE FEMININA NA PRODUÇÃO HAGIOGRÁFICA AVEIRENSE

GILBERTO CORALEJO
MOITEIRO

92

A BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO VOUGA: AS ALTERAÇÕES NATURAIS E ANTRÓPICAS NA FAIXA NOROESTE DE PORTUGAL

JOANA MARGARIDA
RIBEIRO MARQUES

AVEIRO

CÂMARA
MUNICIPAL





Ficha Técnica

Título

Cadernos de Cultura:
História & Património de Aveiro

Edição e propriedade

Câmara Municipal de Aveiro
Praça da República
3810-156 Aveiro

Comissão editorial

Câmara Municipal de Aveiro
Universidade de Aveiro

Comissão científica

Delfim Bismarck Ferreira
José António Rodrigues Pereira
Maria Helena da Cruz Coelho
Maria Inês Amorim

Coordenação editorial

Câmara Municipal de Aveiro
Divisão de Cultura e Turismo
Arquivo Municipal

Conceção gráfica

Providência Design

Composição gráfica

Gabinete de Comunicação da CMA

Impressão

Felprint – Indústria Gráfica, Lda.

Periodicidade

Anual

Tiragem

250 exemplares

ISSN

2184-816X

Depósito Legal

478358/20

Capa

Sala de Lavor/Capela Relicário de Santa Joana
(pormenor do revestimento em talha dourada)
C. 1734
Escola portuguesa
Museu de Aveiro/Santa Joana (CMA)
Inv. 180/M
© JAC

Normas de Publicação

“Cadernos de Cultura: História & Património de Aveiro” publica artigos inovadores, redigidos em português (língua preferencial) e inglês que versem sobre temas relacionados com história, património, arqueologia, cultura, etnografia - entre outros ligados a Aveiro -, e que cumpram as recomendações e normas de edição produzidas para o efeito e disponibilizadas em rbma.cm-aveiro.pt.

Os artigos e respetiva declaração de autoria deverão ser remetidos à Câmara Municipal de Aveiro, utilizando o endereço arquivo.municipal@cm-aveiro.pt.

Os artigos publicados são da inteira responsabilidade dos autores.



AVEIRO 2024

CAPITAL PORTUGUESA DA CULTURA

O ano como palco.
Um cenário infinito.

Aveiro, da Ria à Foz

Sou o número quatro.

Cadernos de Cultura: História & Património de Aveiro, que ora chega em mãos, prossegue no alargar do conhecimento através da mestria dos autores. Aduz-se, ao rigor do saber, o escrutínio prévio por comissão científica, de forma a que o leitor contacte com textos selecionados. Selo bibliométrico diferenciador de revista que se ambiciona a caminho da indexação.

No correr desta edição, encontramos artigos fortemente instrutivos e de reconhecimento patrimonial - edificado ou natural - de Aveiro Cidade-Região. Toma-se, também, contacto com personalidades insígnies, "Influencers" que deixaram marca e inspiração.

Viajamos ao passado das Igrejas Geminadas de Santo António e de S. Francisco, conjunto arquitetónico único e Monumento Nacional.

Outros escritos encaminham-nos para a Vista Alegre, a primeira fábrica de porcelana que nasceu há quase 200 anos nas margens da Ria, com arte, engenho e responsabilidade social. Hoje faz parte da identidade de Portugal.

O Museu de Aveiro/Santa Joana, também monumento nacional, é literalmente visto - história da Oftalmologia - pelos óculos mais antigos conhecidos em Portugal, os das freiras do Convento de Jesus.

Desta vez reconhecemos Marques Gomes, homem culto, apaixonado pela sua terra e relevante na historiografia aveirense.

Continua o périplo pelo Mosteiro de Jesus de Aveiro (Museu de Aveiro/ Santa Joana), acompanhando a vivência da religiosidade de outrora e tentando entender os modelos na hagiografia aveirense.

É então na Bacia do Rio Vouga que este número da Revista desagua à foz.

Forte agradecimento aos Autores dos artigos, Membros da Comissão Científica e obviamente a Si, Caro Leitor.

Miguel Capão Filipe
Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Aveiro

Revista Cultural de Aveiro

A Câmara Municipal de Aveiro lança o quarto número da Revista Cadernos de Cultura: História & Património de Aveiro, um importante instrumento editorial ao serviço da nossa aposta no aprofundamento do conhecimento da nossa história e cultura, e um forte estímulo ao estudo e investigação do riquíssimo património de Aveiro, que queremos partilhar com os nossos concidadãos.

Nesta quarta edição, a heterogeneidade de temas que tem pautado esta publicação acentua-se, desafiando-nos a conhecer mais sobre personalidades, geografia, arqueologia, religião, medicina e a longa vida da Fábrica da Vista Alegre, que no próximo ano celebra os seus 200 anos.

Nas novas apostas que estamos a concretizar na gestão da Câmara Municipal de Aveiro no mandato autárquico em curso, quero destacar duas delas.

O recente registo do Culto a Santa Joana no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial de Portugal, após um aturado processo desenvolvido pela Equipa da Câmara Municipal de Aveiro com o inestimável apoio da DGPC. O intenso trabalho de preparação da operação "Aveiro Capital Portuguesa da Cultura 2024", cujo programa apresentamos neste mês de Novembro. Convidamos Todos a viver intensamente connosco "um Ano como Palco, n'Um Cenário Infinito", partilhando nesta página o seu logo.

O Nosso Bem-Haja à Equipa da Câmara Municipal de Aveiro gestora desta publicação, a Todos os que tornaram possível pelos seus escritos e trabalhos a quarta edição desta Revista, à Comissão Científica, desejando boas leituras a Todos quantos se queiram juntar a nós para conhecer Mais e Melhor Aveiro, cuidando bem da preservação, valorização e promoção da notável herança cultural de que somos herdeiros e gestores.

Seguimos Juntos na Luta pelas Boas Causas.

José Ribau Esteves,
Presidente da Câmara Municipal de Aveiro.

06

**EM TORNO DAS GEMINADAS:
O CONTRIBUTO
DO DIAGNÓSTICO
ARQUEOLÓGICO PARA A
REQUALIFICAÇÃO DA IGREJA
DE SANTO ANTÓNIO E
CAPELA DE SÃO FRANCISCO
(AVEIRO)**

RICARDO COSTEIRA
DA SILVA

PAULO MORGADO

SÓNIA FILIPE



22

**PATRIMÓNIO, CULTURA
E IDENTIDADE NA
CELEBRAÇÃO DOS 200 ANOS
DA FUNDAÇÃO DA FÁBRICA
DA VISTA ALEGRE**

RICARDO JORGE GOMES

42

**TESOUROS DO
MUSEU DE
AVEIRO/SANTA JOANA
NA HISTÓRIA DOS
ÓCULOS ANTIGOS**

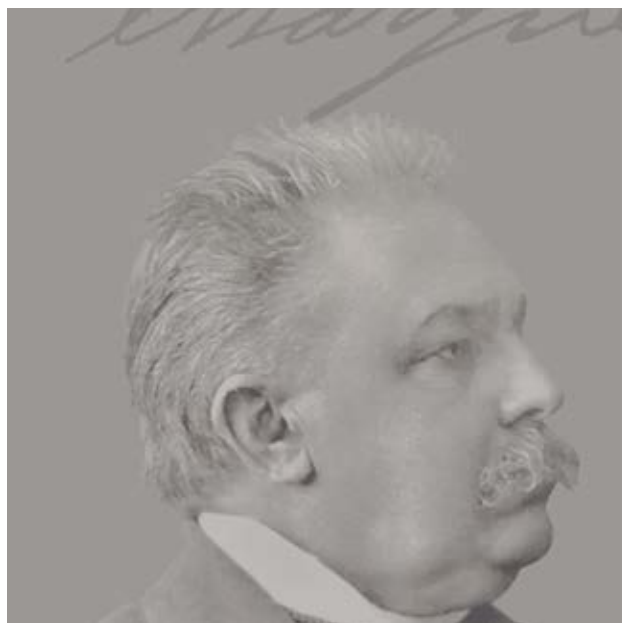
MARIA DO SAMEIRO
BARROSO



60

**JOÃO AUGUSTO
MARQUES GOMES
CONTRIBUTOS PARA O
ESTUDO DE UM EMINENTE
REPRESENTANTE DA
HISTORIOGRAFIA
AVEIRENSE**

CARLA FISCHER SERÔDIO



80

**SOB O SIGNO DA
OBSERVÂNCIA:
MODELOS DE SANTIDADE
FEMININA NA PRODUÇÃO
HAGIOGRÁFICA AVEIRENSE**

GILBERTO CORALEJO
MOITEIRO

92

**A BACIA HIDROGRÁFICA DO
RIO VOUGA:
AS ALTERAÇÕES NATURAIS
E ANTRÓPICAS NA FAIXA
NOROESTE DE PORTUGAL**

JOANA MARGARIDA
RIBEIRO MARQUES





Em torno das Geminadas:

o contributo do diagnóstico
arqueológico para a
requalificação da Igreja de
Santo António e Capela de
São Francisco (Aveiro)

Ricardo Costeira da Silva
Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra
(FLUC); Centro de Estudos
Interdisciplinares da
Universidade de Coimbra
(CEIS20)
rcosteiradasilva@gmail.com

Paulo Morgado
GeoBioTec | Universidade
de Aveiro
pmorgado@ua.pt

Sónia Filipe
Arqueóloga
smjfilipe@gmail.com

A execução da empreitada de conservação e restauro da Igreja de Santo António e Capela de São Francisco (Aveiro), ocorrida em 2012/2013, foi precedida de uma intervenção arqueológica prévia, de diagnóstico, da área envolvente deste conjunto edificado.

O programa de trabalhos, que contemplou a realização de prospeção geofísica e escavações arqueológicas, pretendia obter informação sobre a evolução construtiva destes edifícios, garantindo, em simultâneo, minimizar possíveis impactes negativos do ponto de vista arqueológico-patrimonial.

Apresentam-se os resultados que contribuíram para o esclarecimento de questões de ordem estrutural, cronológica e evolutiva deste conjunto monumental.

The rehabilitation, conservation and restoration programme of the Church of Santo António and Chapel of São Francisco (Aveiro), which took place in 2012/2013, was preceded by a previous diagnostic archaeological intervention in the area surrounding the building.

The fieldwork, which included geophysical prospection (GPR - Ground Penetration Radar) and archaeological excavations, sought to obtain information about the constructive evolution of these buildings, while ensuring the minimization of possible damage on the archaeological and heritage remains.

We now present the results that contributed to clarify questions of structural, chronological and evolutionary character of this building.



1. Localização da Igreja de Santo António (Capela de S. Francisco e respetivos anexos conventuais) em Aveiro (sobre base do Google Maps).

1. Pressupostos iniciais

¹Posteriormente, durante a fase de execução de obra, aquando da substituição do soalho do coro alto da Igreja de Santo António, recuperou-se uma surpreendente coleção de cerâmica que colmatava o carregamento da abóbada, reportável à construção fundacional (1524) do monumento (Silva, 2018).

O conjunto edificado composto pela Igreja de Santo António, Capela da Ordem Terceira de S. Francisco e respetivos anexos conventuais, corresponde a uma interessante mole arquitetónica situada na periferia meridional do centro histórico de Aveiro (Fig. 1). O primitivo convento franciscano de Santo António, de que apenas subsiste a igreja e parte do claustro, foi fundado em 1524 (Gomes, 1875, p. 148; Gonçalves, 1959, p. 133). Desde então conheceu várias transformações e reestruturações que, paulatinamente, lhe foram alterando a traça original. Parte destas reformas terá sido motivada pela própria construção da capela de S. Francisco que, em 1677, (Oudinot, 2009, p. 461) se adossa ao flanco norte da igreja, e da Casa do Despacho (na década de 80 do séc. XVII), justificando a vulgar designação de “Igrejas Geminadas” (Fig. 2).

Classificado como Monumento Nacional, o imóvel apresentava evidentes problemas de conservação. Neste sentido, a Câmara Municipal de Aveiro, no âmbito de um projeto de regeneração urbana intitulado “Parque da Sustentabilidade”, contando com a colaboração da ADERAV - Associação para o Estudo e Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro (que, desde há muito, se vinha debatendo com esta questão, procurando inverter o processo de degradação em curso), procedeu (em 2012/2013) à reabilitação estrutural e à realização de ações de conservação e restauro da Igreja de Santo António, Capela de S. Francisco e respetivos anexos.

Dos trabalhos realizados, debruçamo-nos especificamente sobre as ações de natureza arqueológica que antecederam a obra (em 2010) e que pretendiam recolher informação

de suporte, apoio e fundamentação do referido projeto. Estas ações preparatórias contemplaram a realização de uma campanha de prospeção geofísica no pavimento das duas igrejas e na área exterior a este conjunto edificado, acompanhada da abertura de três sondagens arqueológicas de diagnóstico junto às fundações dos referidos edifícios.

Destas intervenções apenas se havia divulgado¹ um conjunto de fragmentos da designada Cerâmica (ou Formas) de Açúcar (Morgado, Silva e Filipe, 2012, pp. 778-780; Silva e Morgado, 2020, pp. 159-161). Os resultados inéditos que agora se apresentam vêm contribuir para o esclarecimento de questões de pormenor, de ordem estrutural e cronológica do monumento, permitindo associar algumas transformações estruturais a acontecimentos históricos citados pelas fontes documentais.



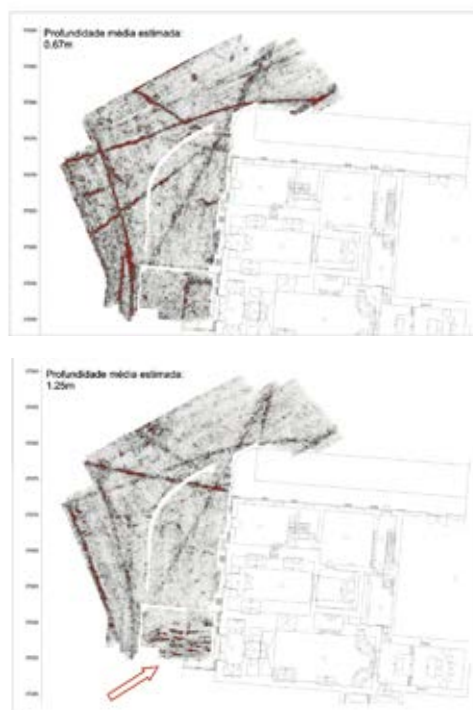
2. Vista geral da linha de fachada do complexo das "Igrejas Geminadas".

2. Prospecção Geofísica

Uma das ações de diagnóstico programadas contemplou a realização de trabalhos de prospecção geofísica, levados a cabo pela empresa Geosurveys - Consultores Em Geofísica, Lda, tendo por objetivo efetuar o levantamento de possíveis anomalias geofísicas encontradas no subsolo e que pudessem estar eventualmente associadas a infraestruturas ou a eventos arqueológicos. Tendo em conta as anomalias expectáveis, optou-se pela utilização da metodologia do Georadar 3D, que possibilitou a cobertura total da área com elevada resolução de leitura. Uma vez que este sistema tridimensional é constituído por antenas de média-alta frequência, que limita a profundidade de penetração do sinal (aproximadamente 1,5m), optou-se por complementar esta metodologia com a utilização de um sistema bidimensional de média frequência de modo a permitir a deteção e análise dos possíveis eventos/anomalias existentes a maiores profundidades.

O método de Georadar (GPR - Ground Penetrating Radar) consiste na emissão e receção de um pulso (sinal) eletromagnético que se propaga no terreno. Usualmente duas antenas em modo biestático, uma emissora (Tx) e uma recetora (Rx), são mantidas a uma distância constante e são deslocadas pelo terreno enquanto o sistema regista os tempos que o pulso demora a percorrer o espaço entre as duas antenas. Os tempos vão variar consoante as propriedades físicas do subsolo e as interfaces ou objetos aí presentes que reflitam, refratem ou difratem o pulso. São produzidos traços com a variação da amplitude do pulso em profundidade, que quando justapostos dão origem a radargramas, traduzindo a variação das propriedades dielétricas do meio.

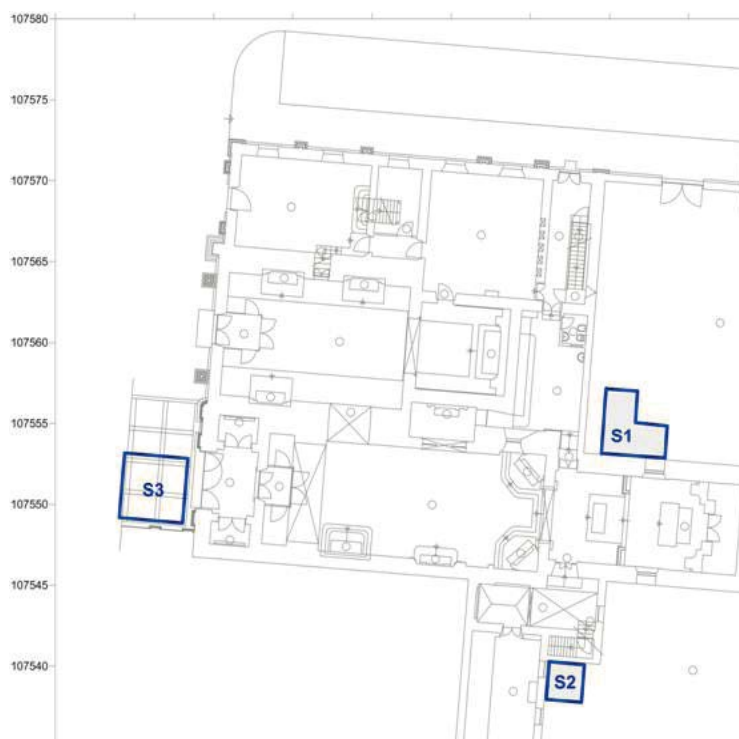
A análise dos dados obtidos pelo GPR permitiu identificar uma série de anomalias. Um



3. Anomalias identificadas pelo método do Georadar no largo fronteiro do complexo edificado. Em cima, a 0,67m de profundidade.

Em baixo, a 1,25m de profundidade, destacam-se as anomalias detetadas na área adjacente à porta da Igreja de Santo António interpretadas como possíveis sepulturas.

relacionar-se-ão com infraestruturas básicas (canalizações, esgotos e outro tipo de condutas subterrâneas) e outras a possíveis eventos arqueológicos (Fig. 3). Entre estas destaca-se a presença de alinhamentos em frente ao átrio e junto à porta principal da Igreja de Santo António a uma profundidade média estimada em 1,25m (Fig. 3). Estas ocorrências foram, pela sua morfologia e disposição, interpretadas como possíveis sepulturas. Face ao risco assumido de quaisquer ações poderem acarretar um impacto negativo sobre estas estruturas, foi imediatamente proposto e acordada a alteração do traçado das valas de drenagem inicialmente programadas para aquele local. Por sua vez, conduziram à decisão de localizar neste espaço uma das sondagens arqueológicas programadas (Sond. 3) de forma a despistar a natureza daquelas anomalias.



4. Localização das áreas de sondagem de escavação arqueológica.

3. Sondagens arqueológicas de diagnóstico

As três sondagens arqueológicas de diagnóstico foram dispostas na zona exterior e limítrofe do edifício (Fig. 4) onde se previa a abertura de valas de drenagem e ventilação das fundações das construções históricas.

As sondagens 1 e 2 foram implantadas na área traseira do imóvel, em terreno baldio que fora alvo (em data incerta) de trabalhos mecânicos ilícitos de remoção de terras. Neste sentido encostaram-se as sondagens ao corpo edificado de modo a avaliar o impacto originado por tais ações e, simultaneamente, caracterizar com rigor a natureza das fundações (verificando o seu estado de conservação) e a realidade estratigráfica arqueológica que não tinha sido afetada.

A sondagem 3, por sua vez, foi implantada no átrio da Igreja de Santo António, junto ao ângulo que confina com a área do antigo espaço conventual, atuais instalações da Polícia Judiciária, com o objetivo esclarecer as anomalias detetadas pela prospeção geofísica que sugeriam a presença de espaços sepulcrais organizados.

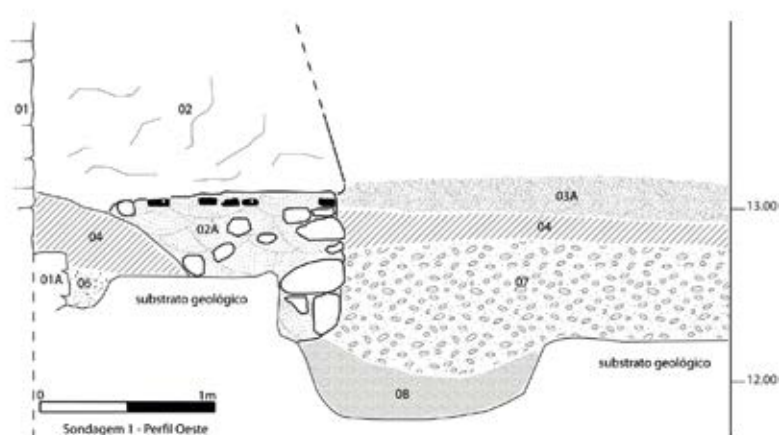
3.1. Sondagem 1

A sondagem 1 (com 12m²) encostou ao alçado norte da capela-mor da Igreja de Santo António (Fig. 4) e pôs em evidência uma sequência estratigráfica que se encontrava ainda em deposição primária (não mexida) (Fig. 5). Esta situação afasta parcialmente o receio de que os referenciados trabalhos mecânicos ilícitos de remoção de terras junto das fundações do monumento, pudessem ter afetado em profundidade a estratigrafia deste terreno. Efetivamente, nesta área precisa, os

referidos trabalhos, nomeadamente o desaterro parcial do topo das fundações do monumento (u.m. 01A), apenas afetaram níveis de época contemporânea. Este facto é corroborado pela existência de uma camada uniforme em toda a sondagem (u.e. 03 e 03A), de época contemporânea (século XX), que sela todos os estratos inferiores de época moderna (século XVI).

Sob os níveis remexidos ou de época contemporânea foi possível identificar a vala de fundação que acompanha parcialmente o embasamento da capela-mor da Igreja de Santo António (Fig. 5). O espólio exumado no aterro que a preenchia confirma a atribuição de datação de construção na primeira metade do século XVI (1524). As referidas fundações, constituídas por pedra não aparelhada de diversa dimensão, unidas por argamassa de cal, são pouco profundas (nunca ultrapassam 1m de profundidade) e assentam diretamente no substrato geológico argiloso. Constata-se, no entanto, a existência de uma descontinuidade vertical regular tanto na fundação (Fig. 5) como na própria empena do alçado exterior da capela-mor (atestada, igualmente, por interrupção na vala de fundação) que indica o redimensionamento desta estrutura em momento posterior à sua original construção. Este facto parece encontrar eventual confirmação histórica na notícia documental da renovação e ampliação da capela-mor, ocorrida em 1564 (40 anos após a primeira construção), patrocinada pelo então Senhor de Angeja (Jorge Moniz) que ali terá sido sepultado (Gonçalves, 1959, p. 133).

Os trabalhos nesta sondagem permitiram ainda registar o aparecimento de uma estrutura em negativo (fossa) aberta no substrato geológico argiloso de configuração subretangular (Fig. 5).



5. Sondagem 1:
em cima, vista geral do plano final de intervenção com marcação da estrutura em negativo identificada e pormenor das fundações do edifício;
em baixo, perfil oeste da sondagem.

Localizada no extremo Oeste da sondagem, esta estrutura foi parcialmente cortada pela implantação de um contraforte em alvenaria que encosta ao alçado exterior da Igreja de Santo António. Esta fossa encontrava-se colmatada por dois estratos sedimentares (u.e.s 07 e 08) que forneceram um abundante lote de materiais arqueológicos.

Mais de 65% dos fragmentos cerâmicos exumados no estrato inferior correspondem ao que tipologicamente se designa de Cerâmica do Açúcar, também vulgarmente chamadas de Formas de Açúcar (Morgado, Silva e Filipe, 2012, pp. 778-780; Silva e Morgado, 2020, pp. 159-161). Este tipo de recipientes, que se configura como um molde cônico com um furo na base, era utilizado na atividade de purga do Açúcar. É presença assídua noutros contextos da cidade de Aveiro (Morgado, 2009; Morgado, Silva e Filipe, 2012; Silva e Morgado, 2020) que terá sido um dos mais importantes centros produtores e exportador de Formas para os tradicionais locais de produção açucareira, sobretudo para as ilhas da Macaronésia (Madeira, Açores e Canárias) em Época Moderna. Em síntese, deverá assinalar-se a presença de 75 fragmentos de bordo com diâmetro mais comum, entre os 180mm e os 250mm, encontrando paralelismo com o tipo 1 registado noutro centro produtor oleiro como o Barreiro (Barros, Cardoso e González, 2006) ou com o tipo 3 de um centro produtor açucareiro como a Madeira (Sousa, 2006). O conjunto é maioritariamente composto por modelos mais simples com bordos de lábios boleados (76%) (Fig. 6-1 e 2), seguido das Formas com lábio aplanado (17%) (Fig. 6-3 e 4) e dos recipientes de maior dimensão (390mm de diâmetro) de bordo em fita com ressalto acentuado sobre o corpo (7%) (Fig. 6-5).

Todos os fundos (19 exemplares) apresentam orifício aberto em momento pré-cozedura no seu vértice, cuja base é frequentemente aplanada (Fig. 6-6). Embora maioritários, estes recipientes surgem a par com outras formas cerâmicas de uso comum (panelas, cântaros, taças e alguidares...) e, em menor quantidade, com louça de mesa de fabrico fino como as escudelas de faiança.

A cerâmica utilitária de uso doméstico integra-se no grupo que na bibliografia da especialidade se tem vindo a designar por "louça vermelha de produção da região de Aveiro/Ovar (Barreira, Dórdio e Teixeira, 1998; Castro, Dórdio e Teixeira, 2003). Trata-se genericamente de peças fabricadas ao torno e cozidas em ambiente oxidante (conferindo cor vermelha e alaranjada às suas superfícies), apresentando pastas compactas, depuradas e com inclusões de pequeno calibre (essencialmente quartzo e mica). O conjunto recuperado revela um reduzido repertório morfológico que se circunscreve, essencialmente, a formas abertas de mesa como as tigelas/taças e pratos ou a alguidares (louça de cozinha). Enquadram-se genericamente nos quadros tipológicos elaborados para o estudo das cargas dos navios naufragados na ria de Aveiro (Alves *et al.*, 1998; Bettencourt e Carvalho, 2008; Carvalho e Bettencourt, 2012 ou Coelho, 2012) e que surgem extensamente documentadas em contextos terrestres na área urbana de Aveiro e em área contígua à desta intervenção (na orla do antigo Bairro das Olarias – Silva, Filipe e Morgado, 2017; Silva e Morgado, 2020) ou em paragens tão distantes como as ilhas atlânticas (Sousa, 2011), a Europa do Norte (Gaskell-Brown, 1979; Gutiérrez, 2007) ou a Terra Nova (Pope, 2012; Newstead, 2012, 2013 e 2014), apenas a título de exemplo.

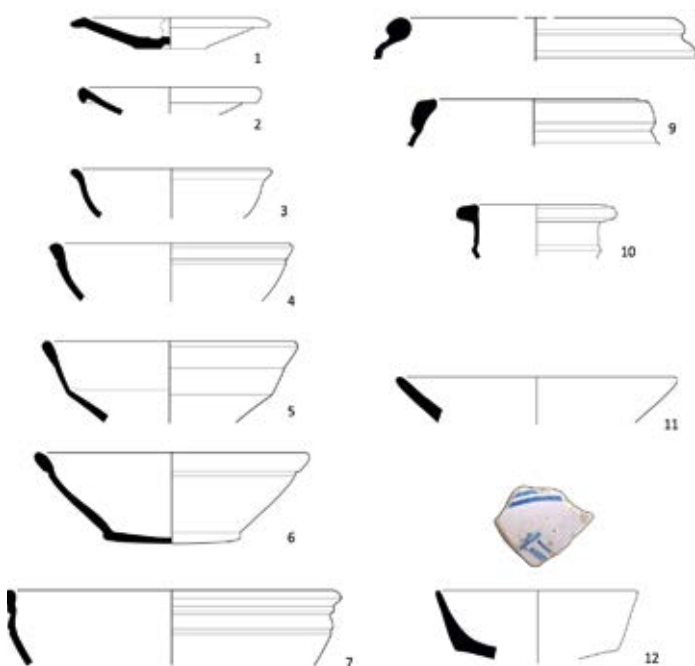


6. Formas de açúcar exumadas na sondagem 1:

1. Tipo I (com canelura ou ressalto na demarcação do bordo);
2. Tipo IA;
3. Tipo IC (bocal cilíndrico com incisões);
4. Tipo IC;
5. Tipo II;
6. Fundos.

Desenhos de Sara Almeida.

8. Outros objetos recuperados na sondagem 1: fragmento de crucifixo em osso; alfinetes em bronze; moeda em bronze, dobrada e fruste; dedal em bronze.



7. Peças cerâmicas exumadas na sondagem 1:

- 1 a 10. louça de barro vermelho;
- 11-12. faiança.

Desenhos de Sara Almeida.



As tigelas são a forma mais representada, surgindo em vários formatos e com fabricos cuidados e de boa qualidade, apresentando regularmente superfície interior polida ou mesmo brunida. Apresentam perfis maioritariamente convexos, mas também, em menor número, troncocónico invertidos (Fig. 7 - 6) e carenados (Fig. 7 - 5), semelhantes aos modelos 1A, 1B e 1C1 da Ria de Aveiro A (RAVA) (Alves *et al.*, 1998, p. 191; Carvalho e Bettencourt, 2012, p. 736-737). Assiste-se a algumas variações ao nível do formato do bordo: com lábio boleado e amendoado (Fig. 7 - 4 a 6), extrovertido com lábio boleado (Fig. 7 - 3) ou extrovertido com lábio espessado e boleado (Fig. 7 - 7). Entre as formas abertas deverá ainda destacar-se a presença de pequenos pratos de bordo pendente (Fig. 7 - 2), das típicas tampas ou testos com pega de botão ou pedúnculo central (Fig. 7 - 1) e dos alguidares de perfil aparentemente troncocónico e bordo de lábio pendente (Fig. 7 - 8).

Relativamente às formas fechadas assiste-se a um predomínio de fragmentos pertencentes a grandes cântaros com linhas brunidas verticais na superfície exterior. Geralmente apresentam uma aresta mediana no colo, debaixo da qual arranca a asa em fita com depressão ou canelura central. Os bordos são salientes, com lábio triangular horizontal (Fig. 7 - 10). Regista-se uma reduzida quantidade de elementos classificados como panelas. De facto, estes resumem-se a pequenos bordos, salientes ou por vezes introvertidos e emoldurados com lábio boleado (Fig. 7 - 9).

Entre a louça de barro vermelho destaca-se, por fim, um fragmento em cerâmica fina, talvez pertencente a uma jarrinha, com a representação de uma Santa Luzia em alto-relevo (Fig. 11 - 2).

Outros fabricos de cerâmica mais finos como a cerâmica em pasta branca com superfícies

vidradas a óxido de chumbo e cobre e as faianças estão também presentes embora em diminuta percentagem e muito fragmentados. A este respeito, assinala-se a presença de pratos lisos em faiança (Fig. 7 - 11) e escudelas minoritariamente com duplo filete em azul-cobalto junto ao bordo (Fig. 7-12).

Para além da cerâmica utilitária apenas se regista o aparecimento de um azulejo de arestas, de um fragmento de crucifixo em osso, de um conjunto de materiais metálicos em bronze (4 alfinetes de cabeça, um dedal e uma moeda dobrada e fruste - Fig. 8) e um grupo de 14 fragmentos líticos em sílex (lascas e pequenos núcleos) que deverão provavelmente pertencer a elementos de pederneira.

Para além do numeroso espólio recolhido nos níveis de colmatação desta fossa, a própria configuração desta estrutura em negativo, a constituição argilosa do substrato geológico onde foi aberta e a sua proximidade ao antigo bairro das olarias levam-nos a ponderar a hipótese de poder estar relacionada com esta atividade oleira. Nos últimos anos, tem-se verificado a recorrência deste tipo de estruturas em toda esta área envolvente e contígua à antiga linha de muralha (Morgado, Silva e Filipe, 2012; Silva, Filipe e Morgado, 2017; Silva e Morgado, 2020) e muitas vezes associadas ao descarte de peças com defeito de fabrico e mesmo a fornos

²Nos últimos anos foram identificados fornos de produção cerâmica em dois locais distintos no centro histórico de Aveiro e que se encontram ainda em fase de estudo. É o caso do forno revelado na intervenção realizada na Rua Capitão Sousa Pizarro, n.º 20-24A / Rua Homem de Cristo Filho, n.º 85 a 89, e das estruturas de combustão reconhecidas durante a reabilitação dos três edifícios localizados no quarteirão definido pela Rua Luís Cipriano, Rua Batalhão de Caçadores e Rua dos Combatentes da Grande Guerra (Gomes *et al.*, 2018).

Neste particular deve-se recordar a natureza do carregamento da abóbada do coro alto desta Igreja, constituído por várias peças cerâmicas defeituosas (sobretudo Formas de Açúcar e anforetas - Silva, 2018) e que constitui prova concludente da proximidade com zonas de produção oleira.



de cerâmica. Esta situação autoriza-nos a pensar que o espaço onde em 1524 se edificava a Igreja de Santo António poderia estar ocupado por alguma destas oficinas de oleiro.

3.2. Sondagem 2

A sondagem 2, com uma área de 5,30m² (2,30m x 2,30m), foi encostada ao alçado exterior Este da sacristia (Fig. 4). Ao contrário do verificado na sondagem 1, esta revelou várias intrusões de época contemporânea. Para além da camada superficial, foi possível identificar um depósito de entulho (com abundantes fragmentos de telha, tijoleira e ladrilhos de liós e alguns blocos de cimento) (u.e. 04) resultante de recentes obras de reabilitação, nomeadamente a renovação da cobertura deste bloco. Este estrato corta o único depósito primário (u.e. 06) identificado que assenta diretamente sobre o substrato geológico argiloso (Fig. 9) e cujo espólio exumado parece indicar uma cronologia de deposição adentro do século XVI/século XVII. A cerâmica utilitária de barro vermelho continua a evidenciar a presença quase exclusiva dos serviços de mesa em detrimento da louça de cozinha, quase inexistente. Verifica-se um predomínio das tigelas que, de acordo com as suas dimensões, se podem individualizar em dois grupos: Um cujo diâmetro não ascende os 10/11cm e outro entre os 19 e 25cm de diâmetro. O primeiro acolhe peças de perfil curvo muito simples com lábio boleado (Fig. 10 - 1), por vezes ligeiramente extrovertido (Fig. 10 - 2). O segundo grupo denota uma maior diversidade de tipos. Os bordos surgem quase sempre com moldura e delimitados por canelura e podem ter lábios espessados (Fig. 10 - 4), boleados (Fig. 10 - 3),

extrovertidos (Fig. 10 - 5) e até planos (Fig. 10 - 6). Os pratos surgem ainda pouco representados e assumem dimensões variadas embora apresentem lábio quase sempre pendente (Fig. 10 - 7), por vezes também espessado (Fig. 10 - 8).

Ainda entre a cerâmica de mesa deverá destacar-se a presença residual de pequenos jarrinhos. Para além de alguns fragmentos de paredes de jarros com listas brunidas, assinala-se um bordo com decoração incisa e aplicação de mascarões (Fig. 11 - 1). Trata-se de um objeto com fino acabamento e que normalmente surge associado a contextos conventuais a partir de meados do século XVI (Pais, Pacheco e Coroado, 2007, p. 23; Silva e Pacheco, no prelo).

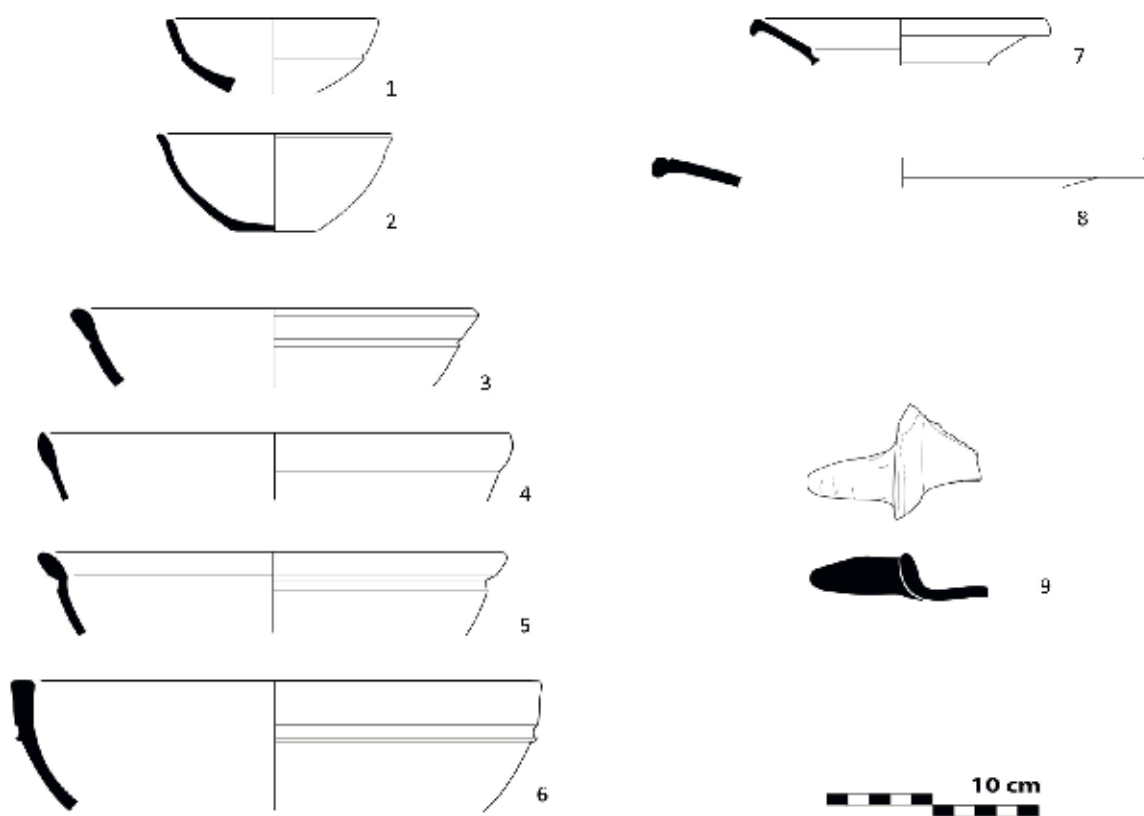
A cerâmica de cozinha está praticamente ausente do conjunto e resume-se a algumas tampas/testos, vulgarmente com pedúnculo central, destacando-se a presença do que parece tratar-se de uma pequena sertã com pega (Fig. 10 - 9).

A escavação desta sondagem permitiu pôr a descoberto as fundações do alçado Este da sacristia (u.m. 02) e do alçado Sul do corpo (u.m. 01) que alberga o vão de escadas de acesso ao piso 1 (Fig. 9). Constata-se que as duas estruturas fundacionais não se encontram interligadas ou encadeadas, sendo claro que o vão de escadas terá sido construído posteriormente à sacristia. Esta distinção é ainda mais notória quando comparados os materiais de construção utilizados (Fig. 9). O embasamento da sacristia (u.m. 02A) é constituído por seixos arredondados de médio e grande porte unidos entre si por argamassa de cal. Por outro lado, a fundação da caixa de escadas (u.m. 01A) utiliza



9. Sondagem 2: vista geral do plano final da intervenção e pormenor das fundações dos edifícios.

10. Peças cerâmicas em barro vermelho exumadas na sondagem 2. Desenhos de Sara Almeida.



11. Fragmentos de cerâmica fina com decoração em alto relevo (n.º 1) e selo impresso com representação de Santa Luzia (n.º 2).
Desenhos de Sara Almeida.



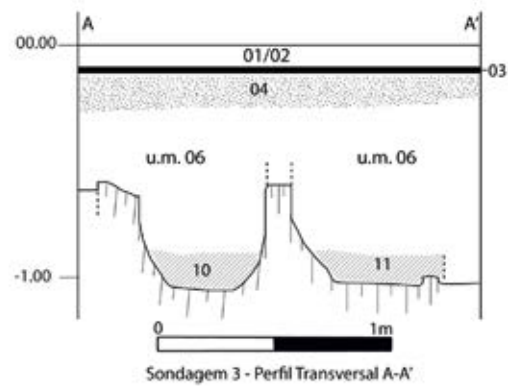
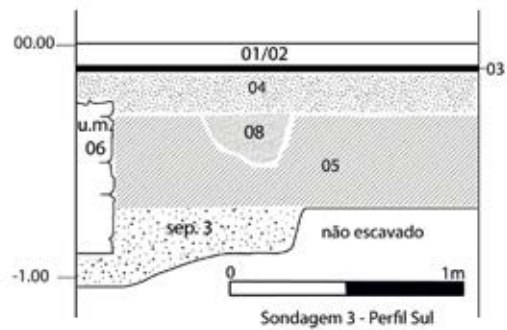
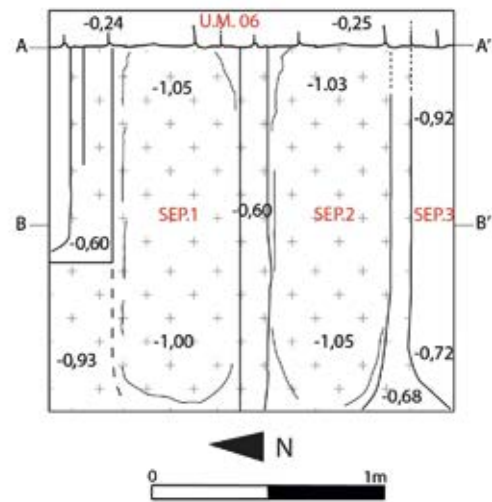
pedras facetadas de pequeno e médio porte com argamassa de cal de permeio. Nenhuma destas construções evidencia a presença de vala ou caboucos de fundação e ambas assentam diretamente sobre o substrato geológico de matriz argilosa (Fig. 9). Esta situação não permitiu esclarecer, com rigor, a cronologia de construção destes dois blocos. Contudo, permite estabelecer, com certeza, a posterioridade de construção das escadas de acesso ao piso 1 relativamente à construção da sacristia. Pelo que se observa, apesar da sacristia ter sofrido um grande incêndio em 1712, que motivou a sua total reabilitação (Gomes, 1875, p. 149; Gonçalves, 1959, p. 135), o mesmo não terá afetado as respetivas fundações do edifício que, pensamos, deverão tratar-se de um resquício da construção original.

3.3. Sondagem 3

Como já foi referido, a localização da sondagem 3 (Fig. 4) foi motivada pelos resultados obtidos pela prospeção geofísica (Fig. 3). De facto, a realização de uma pequena área de sondagem de 3m² veio confirmar o que se suspeitava. Imediatamente abaixo dos níveis de circulação de época contemporânea, identificou-se um primeiro estrato (u.e. 05) provavelmente de época Moderna que se encontra bastante revolvido e do qual se recolheu um conjunto variado de ossos humanos, não articulados, de pequena dimensão (essencialmente falanges). A realidade presente deixava antever o que se veio

a confirmar - a presença de enterramentos que se encontravam profanados, em data incerta, mas certamente recuada.

Detetaram-se três sepulturas de formato sub-retangular abertas no substrato geológico argiloso (Fig. 12). Apenas se procedeu à escavação das sepulturas 1 e 2 (interfaces 09 e 12 respetivamente). A sepultura 3 foi apenas delimitada por se encontrar junto ao perfil sul. Estas estruturas, em negativo, encontram-se dispostas paralelamente e com uma orientação E-W. Atingem 50/60cm de largura, comprimento superior a 1,60m e altura máxima de 46cm (Fig. 12). Foram cortadas a nascente por um muro (u.m. 06) que assenta parcialmente sobre o enchimento das sepulturas (Fig. 12). A escavação não permitiu colocar esta estrutura plenamente a descoberto, impossibilitando a obtenção das suas dimensões (largura) e dificultando também a tentativa de interpretação. O muro não dispõe de vala de fundação e parece ter sido construído de encosto, de Este para Oeste. A própria irregularidade da sua face externa assim o faz supor. Recorrendo às fontes históricas estamos em crer que possa pertencer ao embasamento do acrescentado do vestíbulo da Igreja de Santo António realizado na 2ª metade do século XVIII (Gonçalves, 1959, p. 133). Facto que, a comprovar-se, permite datar as sepulturas de momento anterior. Julgamos que aquelas deverão fixar-se na 2ª metade do século XVI, poucos anos após a consagração do templo.



12. Sepulturas identificadas na sondagem 3. Representação das fases de escavação, plano final e respetivos perfis estratigráficos.

O enchimento das sepulturas 1 e 2 revela sinais evidentes de profanação (u.e.s 10 e 11 – Fig. 12). Não foi encontrado nenhum esqueleto em deposição primária ou, sequer, ossos humanos em articulação. Pelo contrário, recolheu-se um conjunto significativo de ossos desconexos, pertencentes sobretudo aos membros inferiores e superiores e seis crânios (Fig. 13). O material osteológico encontrava-se muito fragmentado, o que condicionou a análise e consequentes resultados obtidos. Este facto ficou a dever-se aos vários revolvimentos pós-deposicionais

ocorridos e, bem assim, à própria natureza do sedimento deste contexto arqueológico, com elevada variação de humidade. Apesar disso, foi possível fazer o estudo antropológico destes elementos (Simões, 2015) e estimar que o conjunto era constituída por um mínimo de 9 indivíduos. Destes, conclui-se que a amostra era formada por 4 não adultos (compreendendo várias etapas do ciclo de vida, desde a gestação até à adolescência) e 5 adultos (4 do sexo masculino e 1 do sexo feminino) (Simões, 2015, p. 10).



4. Considerações finais

Face à dimensão reduzida da área sondada, os resultados obtidos surpreendem pela qualidade e quantidade de informação que proporcionam. Para além do estudo dos materiais arqueológicos exumados, os trabalhos arqueológicos realizados em momento prévio à empreitada de reabilitação e conservação dos espaços contribuíram para pôr em confronto fontes documentais com os dados arqueológicos, permitindo uma (re)aproximação a diferentes momentos e impulsos construtivos ocorridos neste conjunto monumental. A este respeito, por exemplo, foi possível confirmar o redimensionamento da capela-mor da Igreja de Santo António, conforme atestado documentalmente (Gonçalves, 1959, p. 133). Os dados arqueológicos recolhidos na sondagem 1 autorizam que possam ter ocorrido apenas 40 anos após a sua construção, em 1564. A Igreja de Santo António e o complexo conventual terão sido alvo de várias alterações. As fontes históricas dão-nos igualmente conta que, em 1653, aquela igreja se encontrava em completa ruína (Gonçalves, 1959, p. 133), tendo sido novamente alvo de avultadas obras estruturais em 1658 (Gomes, 1875, p. 148). Em 1712, a sacristia terá sido totalmente arrasada por um incêndio, tendo sido (re)construída no ano seguinte no mesmo local que a atual (Gomes, 1875, p. 149; Gonçalves, 1959, p. 135) e aproveitando as fundações do edifício anterior, conforme comprovado a partir da leitura dos resultados da sondagem 2. Estas duas sondagens concorreram para avaliar as fundações do monumento que seriam alvo prioritário do projeto de requalificação. A sondagem 3 permitiu ainda esclarecer que no pátio fronteiro à Igreja de Santo António se encontram preservadas sepulturas escavadas

no substrato argiloso. Esta possibilidade tinha sido antecipada pelos trabalhos de geofísica, ao identificarem um conjunto de anomalias de sugestiva configuração. A escavação arqueológica veio a determinar que as estruturas funerárias se encontram bem definidas, pese embora a desarticulação dos esqueletos aqui jazentes, motivado sobretudo pela reformulação da fachada da Igreja que se reporta à 2ª metade do século XVIII (Gonçalves, 1959, p. 133), obra que lhe concedeu o estilo barroco que ainda hoje conserva.

A par do confronto entre os registos históricos e as materialidades arqueológicas, no que concerne à evolução construtiva dos edifícios, assinala-se ainda o facto de ter sido possível identificar uma camada de ocupação deste pedaço de chão junto ao núcleo muralhado de Aveiro que aponta para a presença da atividade de produção cerâmica em momento anterior à instalação deste complexo eclesial.

Todos estes dados foram atempadamente cedidos à equipa projetista e concorreram, de modo determinante, para a minimização de eventual impacte patrimonial negativo decorrente da implementação do projeto de requalificação do complexo edificado composto pela Igreja de Santo António, Capela da Ordem Terceira de São Francisco e Casa do Despacho. Neste sentido podemos afirmar que, ajustada à sua amplitude, esta intervenção poderá ser vista como modelar, pondo em evidência a relevância da implementação de fases de pré-avaliação e apreciação do impacte arqueológico de um projeto de construção com afetação do subsolo e/ou a cota positiva. Neste caso particular, o recurso a trabalhos prévios de prospeção geofísica, a par da realização de sondagens prévias, de diagnóstico e caracterização do



13. Vista frontal e lateral de um dos crânios exumados. Fotografia de Flávio Simões, 2015.

espaço a intervir, revelou-se muito útil para o sucesso da execução do projeto global de reabilitação. Como foi transmitido, o incremento de trabalhos prévios de arqueologia permite reduzir a imprevisibilidade da ocorrência de vestígios patrimoniais relevantes em etapa avançada de execução de determinado projeto e delinear, com maior rigor e detalhe, o plano de intervenção prevista para fase de obra. Através deste processo foi possível diagnosticar as áreas de maior interesse arqueológico, onde era expectável o aparecimento de vestígios mais significativos, e outras de baixo potencial patrimonial ou afetação mínima. A cedência destas informações à equipa projetista durante o período de elaboração do projeto concorreu para que este se pudesse adaptar às pré-existências, acautelando danos patrimoniais desnecessários. Por último, permitiu traçar um metódico caderno de encargos de todos os trabalhos arqueológicos a levar a cabo em fase de obra, devidamente calendarizados e orçamentados, evitando, em grande parte, os habituais constrangimentos e linhas de tensão que se estabelecem entre os diversos intervenientes: arqueologia, empreiteiro, projetista, fiscalização e dono de obra.

Foi assim possível, desde a primeira hora, implementar um conjunto de ações de diagnóstico e salvaguarda patrimonial que permitiram ampliar o conhecimento sobre este espaço construído e a sua evolução.

A intervenção em torno das [igrejas] Geminadas cumpriu, pois, o seu propósito em todas as suas dimensões (informativa, de gestão e planeamento), patenteando a relevância da implementação de boas práticas patrimoniais no quadro da promoção de operações urbanísticas de relevo, em estreita ligação com as entidades

de tutela do património - DRCC [Direção Regional de Cultura do Centro] e DGPC [Direção Geral do Património Cultural], em conformidade com o estatuto de classificação que o conjunto possui.

De facto, apesar da reduzida área sondada, os resultados surpreenderam pela qualidade e diversidade de informação recuperada, tendo contribuído para o esclarecimento de questões de ordem estrutural, cronológica e evolutiva deste conjunto monumental.

Creemos que os trabalhos realizados contribuíram para o aprofundamento do conhecimento deste complexo histórico, da sua evolução construtiva e, bem assim, das relações de proximidade entre estes edifícios e o antigo núcleo amuralhado de Aveiro. Do somatório dos resultados recolhidos em cada uma das intervenções arqueológicas de diagnóstico e/ou acompanhamento dos projetos e empreitadas de reabilitação dispersos pela cidade de Aveiro - sempre parcelares pela sua natureza e dimensão -, resultará uma imagem mais próxima da então existente, traduzindo de modo mais claro as formas e estratégias de ocupação deste território urbano e a sua evolução ao longo dos séculos.

Bibliografia:

- ALVES, Francisco; RODRIGUES, Paulo; GARCIA, Catarina; ALELUIA, Miguel (1998) – A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV Ria de Aveiro A e da zona Ria de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar. In *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela, pp. 185-210.
- BARREIRA, Paula, DÓRDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. In *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela, pp. 145-184.
- BARROS, Luís; CARDOSO, Guilherme; GONZÁLEZ, António (2006) – As formas de Pão de Açúcar da Olaria de Santo António da Charneca – Barreiro. In *A Cerâmica do Açúcar em Portugal na Época Moderna - Coleção "Mesa Redonda"*. Lisboa/Machico, 1, pp. 33-45.
- BETTENCOURT, José; CARVALHO, Patrícia (2008) – A carga do navio Ria de Aveiro A (Ilhavo, Portugal): uma aproximação preliminar ao seu significado histórico-cultural. *Cuadernos de Estudios Borjanos*. Borja. L-LI, pp. 257-287.
- CARVALHO, Patrícia; BETTENCOURT, José (2012) – De Aveiro para as Margens do Atlântico – a carga do navio Ria de Aveiro A e a circulação de cerâmica na época Moderna. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. (coords.) - *Velhos e Novos Mundos - Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa, 2, pp. 733-746.
- CASTRO, Fernando; DÓRDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo (2003) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante (século XVI a meados do século XVIII): identificação visual e química dos fabricos. In *Actas das 3ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela, pp. 223-230.
- COELHO, Inês P. (2013) – Muito mais do que lixo – a cerâmica do sítio arqueológico subaquático Ria de Aveiro B-C. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. (coords.) - *Velhos e Novos Mundos - Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa, 2, pp. 757-770.
- GASKELL BROWN, Cynthia (1979) - *Plymouth Excavations, Castle Street: the Pottery*. Plymouth City Museum and Art Gallery.
- GOMES, João A. Marques (1875) - *Memórias de Aveiro*. Aveiro: Tip. Commercial.
- GOMES, Paulo Dórdio; SILVA, António Manuel; TEIXEIRA, Ricardo; COUTO, Marcos; RODRIGUES, Miguel (2018) – Louça vermelha de Aveiro e Ovar: ensaio de uma síntese atualizada. In *3.7 Olaria de Ovar - catálogo da exposição*, 2018. Ovar, pp. 5-41.
- GONÇALVES, A. Nogueira (1959) - *Inventário Artístico de Portugal: distrito de Aveiro – zona Sul*, vol. 6, Lisboa: Academia Nacional das Belas Artes, pp. 133-138.
- GUTIÉRREZ, Alejandra (2007) – Portuguese coarsewares in early modern England: reflections on an exceptional pottery assemblage from Southampton. *Post-Medieval Archaeology*, 41/1, pp. 64-79.
- MORGADO, Paulo (2009) – A Cerâmica do Açúcar em Aveiro na Época Moderna. *Patrimónios*, Série II, n.º 7, Aveiro, pp. 117-142.
- MORGADO, Paulo; SILVA, Ricardo C.; FILIPE, Sónia (2012) – A Cerâmica do Açúcar de Aveiro: recentes achados na área do antigo bairro das olarias. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. (coords.) - *Velhos e Novos Mundos - Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa, 2, pp. 771-782.
- NEWSTEAD, Sarah (2012) – Portuguese Coarseware in Newfoundland, Canada. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. (coords.) - *Velhos e Novos Mundos - Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa, 2, pp. 747-756.
- NEWSTEAD, Sarah (2013) – Merida No More: Portuguese Redware in Newfoundland. In P. POPE, P.; LEWIS-SIMPSON (eds.) - *Exploring Atlantic Transitions: Archaeologies of Transience and Permanence in NewFound Lands*. Woodstock, UK, pp. 140-151.
- NEWSTEAD, Sarah (2014) – Cod, Salt and Wine: tracing portuguese pottery in the english north atlantic world. *North Atlantic Archaeology*. Washington, DC. 3, pp. 75-92.

- OUDINOT, José, R. R. de Quadros (2009) - Aveiro, *Apontamentos Históricos. Compilação de escritos vários do autor*. Câmara Municipal de Aveiro.
- PAIS, Alexandre; PACHECO, António; COROADO, João (2007) - *Cerâmica de Coimbra, do século XVI-XX*. Edições Inapa, Coimbra.
- POPE, Peter E. (2012) – Portugal and Terra Nova: ceramic perspectives on the early-modern atlantic. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. (coords.) - *Velhos e Novos Mundos - Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa, 2, pp. 783-788.
- SILVA, Ricardo Costeira (2018) – Um carrego de abóbada na igreja quinhentista de Santo António (Aveiro, Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 21, 1, pp. 181-195.
- SILVA, Ricardo Costeira; FILIPE, Sónia; MORGADO, Paulo (2017) – Aveiro em Quatrocentos: evidências materiais de um período (ainda) pouco conhecido junto ao Mosteiro de Jesus (Aveiro, Portugal). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. (eds.), *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 1595-1609.
- SILVA, Ricardo Costeira; FILIPE, Sónia; MORGADO, Paulo (2012) - Intervenção arqueológica de diagnóstico e de apoio à elaboração do projecto de requalificação da igreja de santo António e capela de S. Francisco (Aveiro). Relatório final dos trabalhos arqueológicos realizados. Documento policopiado
- SILVA, Ricardo Costeira; MORGADO, Paulo (2020) – As Formas de Açúcar de Aveiro: estado actual da investigação. *Arqueologia Moderna e Contemporânea*, n.º 2, pp. 155-171.
- SILVA, Ricardo Costeira da; PACHECO, António (no prelo) – A fancy way of drinking...water: high-relief pottery from the 2nd half of the 16th century in Coimbra (Portugal). In *Actas do XIII Congreso sobre Cerámica Mediterránea Medieval y Moderna de la AIECM3*, Granada.
- SIMÕES, Flávio (2015) – *Relatório Antropológico para o trabalho de requalificação da Igreja de Santo António e Capela de S. Francisco*. Trabalho policopiado.
- SOUSA, Élvio (2006) - A Cerâmica do Açúcar das cidades de Machico e do Funchal. Dados Históricos e Arqueológicos para a Investigação da Tecnologia e Produção do Açúcar em Portugal. In *A Cerâmica do Açúcar em Portugal na Época Moderna - Colecção "Mesa Redonda"*. Lisboa/Machico, 1, pp. 9-31.
- SOUSA, Élvio (2011) - *Ilhas de arqueologia: o quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores (séculos XV-XVIII)*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- TARECO, Helder; CARVALHO, André; MORGADO, Paulo; FILIPE, Sónia (2010) Campanha de prospecção geofísica no antigo Convento de Santo António de Aveiro e área envolvente. Relatório Final. Documento policopiado



Património, Cultura e Identidade na celebração dos 200 anos da Fundação da Fábrica da Vista Alegre

Ricardo Jorge Gomes
Gestor

Mestre em Património,
Artes e Turismo Cultural
(Escola Superior de
Educação do Instituto
Politécnico do Porto)

Investigador-Colaborador
do InED (Centro de
Investigação e Inovação
em Educação do Instituto
Politécnico do Porto)

rjgomes.art@gmail.com

A história da fábrica de porcelana da Vista Alegre é tão rica quanto longa. Esta é um modelo extraordinário não só da industrialização do nosso país, mas também um exemplo de sucesso económico e social, que devido à sua herança cultural se tornou num repositório de cultura e de património. A sua longevidade aumenta a necessidade de estudo e de contextualização: seja esta interna, percebendo o seu funcionamento e a sua gestão, seja externa, compreendendo quais os fatores preponderantes para os seus dois séculos de vida.

The history of the Vista Alegre porcelain factory is as rich as it is long. This is an extraordinary model not only of the industrialization of our country, but also an example of economic and social success, which due to its cultural heritage has become a repository of culture and heritage. Its longevity increases the need for study and contextualization: whether this is internal, understanding its operation and management, or external, understanding the preponderant factors for its two centuries of life.



1. Busto de José Ferreira Pinto Basto, jardim da Vista Alegre, 2023. Fotografia do autor

Introdução

Celebra-se em 2024 dois séculos desde a fundação da fábrica da Vista Alegre. A data assinala não só a mais antiga empresa de porcelana em Portugal, mas também o progresso e constante desenvolvimento de uma marca reconhecida internacionalmente pela sua qualidade. O seu legado vai muito além da sua popularidade, sendo marcada sobretudo pela sua história, pelo seu património e pelo seu valor cultural e identitário.

Barranha (2016) descreve que é na experiência das obras através da validação dos seus valores específicos e particulares, materiais e imateriais, enquanto testemunho da vivência humana que o património cultural se prolonga; é onde o reflexo do passado indica um contexto, através da interação entre pessoas, materiais, lugares e tempo. Descrição profunda que reflete

na perfeição o legado da Vista Alegre, dando assim a orientação para o desenvolvimento do presente texto onde apresento o contexto, as pessoas, os valores, e as ideias que permitiram a fundação e desenvolvimento da Vista Alegre desde a sua origem até à atualidade.

O presente artigo pretende assim celebrar o percurso da Vista Alegre, abordando e aprofundando as origens da criação da marca, desde o seu fundador, à história e contexto da sua fundação, assim como os vários elementos do seu sucesso; tais como o ensino na fábrica, os mestres que dirigiam as oficinas e a criação do museu. Fatores que contribuíram para que seja hoje um exemplo de Património, Cultura e Identidade, não só para o município de Ílhavo e para a região de Aveiro, mas sobretudo para Portugal.



2. Pannel cerâmico, bairro da Vista Alegre, 2023. Fotografia do autor

José Ferreira Pinto Basto e a Fundação da Vista Alegre

José Ferreira Pinto Basto nasceu no Porto em 1774 e faleceu em Lisboa em 1839. Foi um dos oito filhos do importante comerciante do Porto, Domingos Ferreira Pinto Basto e de D. Maria do Amor Divino da Costa. O seu pai, para além de grande proprietário de terras em Cabeceiras de Basto, era também contratador Real do Tabaco e Saboarias¹, e acionista da Companhia dos Vinhos do Alto Douro. Casou-se com Bárbara Inocência Felicidade Allen em 1801, filha do Cônsul Britânico Edward William Allen e irmã de João Allen, tendo tido 15 filhos (Rosa, 1995).

José Ferreira Pinto Basto dirigia negócios ligados à importação e exportação, nomeadamente estaleiros e navios, que transportavam sabão e tabaco para Macau e para o Brasil. Em 1809 mudou-se para Lisboa para ser contratador do Tabaco e das Reais Saboarias do Reino através da Firma Domingos Ferreira Pinto & Teixeira onde criou sociedade com o seu irmão João Ferreira Pinto Basto (1788-1854), representante em Londres da Companhia de Vinhos do Alto Douro e do Real Contratador do Tabaco e Saboarias, que ambos herdaram do seu pai (Mendes, 2016).

José Ferreira Pinto Basto era o que hoje chamaríamos no século XXI de empreendedor. Comprou a Quinta da Ermida, no local da Ermida que hoje pertence ao concelho de Ílhavo, a 7 de Março de 1812, vindo depois a adquirir em hasta pública, a 26 de Outubro de 1816, as terras e a Capela da Vista Alegre, monumento nacional a partir de 1910, com a intenção de construir uma fábrica dedicada ao fabrico de porcelana. À época, para além de várias propriedades, já tinha uma fábrica de moagens e outra de soda na zona do Alboi em Aveiro. Em 1818 é-lhe conferido o título de comendador da Ordem

da Nossa Senhora da Conceição e da Ordem de Cristo, assim como um brasão de armas próprio, tornando-se em 1820 cavaleiro fidalgo da corte real (Mendes, 2016).

Em 1820 iniciaram os testes da porcelana e a fundação da fábrica da Vista Alegre deu-se em 1824, deixando a administração para o seu filho Augusto Ferreira Pinto Basto. Com a fundação da Fábrica da Vista Alegre, José Ferreira Pinto Basto manifesta também o seu carácter filantrópico, através da criação do bairro social para os operários, que acompanhou o desenvolvimento da fábrica, até se tornar numa aldeia fabril autossuficiente. Esta foi, à época, uma das mais originais e desenvolvidas experiências de filantropia industrial no nosso país, não só pelo desenvolvimento das condições de fixação da população fabril, através da construção de habitação, mas também pelo incentivo à educação escolar e formação artística dos seus trabalhadores, elemento crucial para a qualidade das suas peças, passando pelo estímulo das atividades culturais, com a fundação do teatro e da banda de música filarmónica. Não ficando por aqui, continuou a investir nas condições da constituição de uma comunidade, através da criação dos serviços como o refeitório e a creche, assim como os espaços verdes que ainda hoje ladeiam a fábrica da Vista Alegre (Mendes, 2016).

A filantropia não se esgotou no seu fundador, continuando com os seus filhos, nomeadamente João Theodoro Pinto Basto que criou outros serviços e equipamentos como a messe, o dormitório, o corpo de bombeiros da Vista Alegre², uma cooperativa onde se adquiria géneros de primeira necessidade, serviços como

¹O sector do tabaco e das saboarias eram exclusivos da coroa, cuja gestão era muitas das vezes arrendada a particulares, sendo estes os contratadores Reais do Tabaco e Saboarias (Mónica, 1992).



3. Casa do bairro da Vista Alegre, 2023.
Fotografia do autor

² O Corpo de Bombeiros Privativo da Vista Alegre foi criado a 1 de Outubro de 1880 e é o mais antigo corpo privativo do país. No Museu da Vista Alegre encontram-se alguns dos objetos e equipamentos.

a barbearia e a taberna, assegurando também a assistência médica, através de um fundo que garantia auxílio monetário aos seus sócios, e a criação de uma comissão de desportos e recreios encarregue de organizar e planear eventos de lazer, tais como festas, espetáculos e torneios (Senos, 2008).

Para além do espírito diligente, empreendedor, ativista e filantropo de José Ferreira Pinto Basto, desconhecemos os motivos pelos quais quis investir no desenvolvimento e fabrico da porcelana, sabendo que após a criação da Vista Alegre se dedicou à política, sendo um dos fundadores da Associação Mercantil de Lisboa em 1834, e mais tarde provedor da Casa Pia, foi também deputado às cortes constituintes em 1837, tendo-se tornado senador da cidade de Aveiro dois anos depois, conseguindo em conjunto com José Estevão que a linha de caminho-de-ferro passasse pela cidade, fator fundamental para o encurtamento do espaço e facilitador de trocas comerciais e de ideias quando a ferrovia veio ajudar as cidades a estenderem-se até ao campo (Mendes, 2016).

A Vista Alegre esteve à frente do seu tempo no que respeita à industrialização, sendo fundada quando a revolução industrial ainda não tinha chegado ao nosso país. Portugal não foi exceção, no entanto viveu uma industrialização tardia situada entre os anos de 1870 a 1914. E para esse atraso contribuíram vários fatores de cariz económico, social e político.

Do ponto de vista económico, o mercado Português era dominado pela influência britânica, não só pela longa estadia após as invasões francesas, mas porque Portugal era um grande importador de materiais britânicos, sem concorrência no nosso país. A nossa atividade industrial era incipiente e extremamente tradicional, baseada sobretudo nas ferrarias, saboarias, olaria, ourivesaria, tecelagem de lã e tapetes, fazendo parte de um

quadro rural, não dispondo de mão-de-obra assalariada (Castro, 1976).

Do ponto de vista social, tínhamos uma enorme dificuldade em formar e fixar mão-de-obra qualificada, condição para operar a maquinaria altamente eficiente, se coordenada por técnicos especializados, o que não era o caso, assim como a pouca indústria existente tinha dificuldade na fixação da população, sobretudo devido à ausência de habitação, dificuldades essas alargadas também à formação de técnicos e de empresários (Castro, 1976).

Do ponto de vista político as razões eram variadas, desde logo a recuperação lenta do país após as invasões francesas, a que sucedeu a revolução de 1820, seguida da independência do Brasil em 1822; tendo em conta que o comércio colonial dava escala à produção, Portugal perdeu assim um potencial importador da nossa, ainda diminuta, indústria. As elevadas limitações de ordem burocrática e administrativa, aliadas à falta de protecionismo à indústria, pelo menos enquanto não estivesse a nível de competir com as suas congéneres estrangeiras, assim como a ausência de incentivo do estado, através de isenções fiscais, subsídios ou empréstimos, ditariam também o atraso industrial nacional. Este atraso só foi atenuado com o investimento na indústria algodoeira e na metalurgia, através de formação especializada, assim como através da exportação de conservas de peixe e de cortiça, uma vez que dependiam em grande medida das matérias-primas de produção nacional (Mendes, 2016).

A primeira e única máquina a vapor que a Vista Alegre possuiu foi implementada em 1855 por Daniel Verlong, artista que dirigia a oficina de serralharia da fábrica. A Inglaterra esteve na vanguarda da Revolução Industrial entre 1760 e 1830, espalhando-se em poucas décadas um pouco por todo o mundo a diferentes velocidades. Podemos afirmar que a fundação



4. Fachada da Fábrica da Vista Alegre, 2023.
Fotografia do autor

A Fábrica da Vista Alegre

da fábrica da Vista Alegre, foi não só um esforço empreendedor, devido à aposta numa área sem tradição no nosso país, como também de perseverança, tendo em conta os onze anos de esforços e experiências até à produção da porcelana, assim como um enorme desafio às condições económicas e políticas de Portugal em 1824 (Rosa, 1995).

Estas dificuldades foram sobretudo do ponto de vista político, uma vez que do ponto de vista social, José Ferreira Pinto Basto soube tirar partido de modelos de fixação e formação de operários e técnicos especializados, tal como Robert Owen fizera em 1800 em New Lanark, na Escócia, em plena revolução industrial, construindo uma comunidade em volta de uma fábrica de transformação de algodão. Os contactos que José Ferreira Pinto Basto tinha com a realidade inglesa, justificam o conhecimento das experiências de Robert Owen e do sucesso da New Lanark, seja por via da família da sua mulher, seja pelo seu irmão, João Ferreira Pinto Basto, seu sócio e colaborador, que vivia em Londres, onde tinha a agência sediada, estando inserido num círculo de excelentes relações com políticos e profissionais dos meios financeiros, a quem mais tarde se juntou o seu filho, Teodoro Ferreira Pinto Basto. Tal como Robert Owen, José Ferreira Pinto Basto criou uma comunidade baseada no bem-estar e na educação dos seus operários, com a intenção de obter uma classe trabalhadora pacífica, harmoniosa e produtiva, desempenhando um papel ativo na comunidade, seja em confraternização com os trabalhadores, seja através do apoio, sendo em conjunto com o seu irmão, Alberto Ferreira Pinto Basto, padrinhos de várias crianças, ou ainda no apoio à enfermidade, reconhecendo o direito de ganhar em caso de doença (Almeida, 2010).

A história da Vista Alegre cruza-se com a história da porcelana em Portugal ou não estivessem intimamente ligadas. Depois das primeiras experiências no século XVIII na forma de medalhas, anéis e camafeus pelo engenheiro militar e brigadeiro Bartolomeu da Costa³, na fábrica do Rato em Lisboa, houve um abrandamento no desenvolvimento da porcelana em Portugal. Só após a descoberta da argila refratária nas margens do Rio Vouga, nos anos 60 do século XVIII, por um francês de nome João Drouet, foi possível a construção de fornos que fossem capazes de atingir altas temperaturas, ao contrário do que acontecia nos fornos construídos até então com tijolos ordinários, alcançando assim a possibilidade de cozedura da porcelana. No entanto, foi necessário aguardar até 1834, quando um operário da Vista Alegre, Luís Pereira Capote, descobriu o caulino⁴ e se desenvolveram as condições para a produção da porcelana em Portugal (Gomes, 1993).

Depois da compra da quinta da Ermida, em 1812, como referido, e até à inauguração da fábrica, em 1824, José Ferreira Pinto Basto dedicou-se, entre 1820 e 1822, a testar barros com as características necessárias para o fabrico da porcelana, num pequeno laboratório químico que estabeleceu no seu palacete em Lisboa. Embora os resultados fossem pouco animadores, a verdade é que o espírito diligente o levou a dar o próximo passo com a fundação da Vista Alegre, Fábrica de Porcelana, Vidro e Processos Químicos. Para o efeito, foi criada uma sociedade para gerir a empresa, sob a denominação de José Ferreira Pinto Basto & Filhos (Rosa, 1995), sendo a fábrica e a sociedade que a geria, fundadas num ambiente de enorme instabilidade política⁵ (Gomes, 1993).

Em Janeiro de 1824, iniciaram-se as obras nas propriedades que José Ferreira Pinto Basto possuía nas margens da ria de Aveiro, fruindo da proximidade da cidade de Aveiro, da barra

³ Responsável pela fundição da estátua de D. José I, esculpida por Joaquim Machado de Castro que está na Praça do Comércio (antigo Terreiro do Paço).

⁴ O caulino é um mineral composto por silicatos hidratados de alumínio e apresenta características especiais que permitem a sua utilização na produção do papel, da cerâmica e de tintas. Este é um mineral de cor branco devido ao baixo teor de óxido de ferro, sendo um dos minerais mais abundantes na crosta terrestre.

⁵ Após a revolta de 1820, que implantou o Liberalismo em Portugal, seguiram-se catorze anos de confrontos que terminaram após a guerra civil com a vitória dos liberais.

⁶Do mar de graças Maria / o rio e a fonte procedem / mas lá junto à lapa mana / cá da mesma penha desce / Bebe, pois, bebe à vontade / acharás que é muitas vezes / tão útil para a saúde / quão para a vista alegre (excerto na inscrição da fonte do Carrapichel).

⁷Alexandre Brongniart (França, 1770-1847), filho do famoso arquiteto Alexandre-Théodore Brongniart, foi um mineralogista, geólogo e naturalista francês, que organizou e descreveu, por ordem cronológica, pela primeira vez, as formações geológicas do período terciário. Brongniart foi nomeado professor de história natural na École Centrale des Quatre-Nations, Paris, em 1797, e em 1800 foi nomeado diretor da Fábrica de Porcelana Sèvres, onde trabalhou para melhorar a arte da esmaltação e fez de Sèvres a principal fábrica desse tipo na Europa, cargo que manteve até sua morte.

de Ílhavo e do porto de Mira, mas também das matérias-primas para manter a produção na fábrica, tal como a madeira, o barro e a areia em abundância. Nestes terrenos existia já a capela da Nossa Senhora da Penha de França, com festa religiosa conhecida desde o século XVIII, e a fonte onde está inscrito o poema que deu o nome à Fábrica⁶. O edifício, com 40 metros de frente por 66 metros de comprimento, continha um enorme pátio, as oficinas da fábrica, um laboratório químico e outro farmacêutico, e um bairro com casas de habitação para os operários, artistas e aprendizes. No entanto, o fabrico da porcelana ainda não estava consolidado, de forma que avançaram em simultâneo com a produção de vidro e cristais, no que foi um investimento bem sucedido no imediato. Para esse efeito beneficiaram não só das dificuldades que a Stephene, Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande, atravessava, mas também da contratação de profissionais experientes da mesma zona que procuravam melhores condições de vida (Senos, 2008).

De forma a proteger o seu empreendimento, José Ferreira Pinto Basto pediu privilégios à coroa, para que durante vinte anos protegessem a indústria, através da proibição de exportação das várias matérias-primas utilizadas no processo de produção, sendo essa proteção concedida a 3 de Março de 1826 (Gomes, 1993). A produção de vidro demonstrava uma enorme qualidade, destacando-se as peças com relevos, com ornatos lapidados e gravados, assim como vidros decorados a ouro que se destacavam pelo seu design, bem como os trabalhos delicados de incrustação de medalhões. Em 1838 os vidros e cristais da Vista Alegre eram objeto de consagração na Exposição de Produtos da Indústria Portuguesa promovida pela Sociedade Promotora da Indústria Nacional. A partir de 1846 a produção de vidro foi-se reduzindo gradualmente até que em 1880 se deixou de produzir (Gomes, 1993). Já a porcelana passou por vários testes até se conseguir um produto consistente e de qualidade. Em 1827 a Vista Alegre já tinha procedido a duas tentativas de fabrico de porcelana, cedendo algumas amostras à Real Junta do Comércio as quais se mostravam prometedoras para o setor. José Ferreira Pinto Basto não ficou como administrador, embora a fábrica fosse dirigida sob a sua orientação, desde a formação técnica dos filhos à contratação dos artistas nacionais e estrangeiros, sendo o seu filho Augusto Valério Pinto Basto o seu primeiro administrador, a quem se atribui as novas técnicas de fabrico adquiridas no estágio com o diretor da Fábrica Real de Sèvres, Alexandre Brongniart⁷, entre 1830 e 1834 (Gomes, 1993).

Em 1834, Luís Pereira Capote, um aprendiz de oleiro que ia fazendo testes com vários tipos de barro que era trazido por operários que vinham trabalhar nas construções da Vista Alegre, descobriu que o barro cozido de Vale Rico, no concelho de Santa Maria da Feira, tinha as qualidades plásticas que se espera da porcelana dura, descobrindo assim barro extremamente abundante em caulino, mineral essencial na composição da porcelana. Ultrapassada a fase de testes, veio a fase de melhoria da porcelana, através da qualidade de produção, da redução de custos e do aumento da qualidade estética. Após o desempenho de vários cargos políticos,

como o de deputado e de senador, José Ferreira Pinto Basto faleceu em Outubro de 1839, sendo sepultado em Lisboa, deixando aos filhos a gestão dos seus variados negócios. Com o falecimento da viúva em 1858, a sociedade regularizou-se adotando o nome Ferreira Pinto Irmão, de forma a assegurar a união do tronco familiar, para gerir os interesses da sociedade, seguindo a tradição de empresa familiar (Rosa, 1995).

Com a expansão da Revolução Industrial, ocorreram mudanças sociais, tecnológicas e científicas em todo o mundo. O progresso de máquinas e equipamentos fez aumentar o número de produtos à disposição, com preços menores, levando a que a organização social e humana, principalmente nas grandes cidades, mudasse dramaticamente. As Exposições Universais surgem como forma de reunir num espaço os avanços tecnológicos que a industrialização conseguiu realizar, através de novas máquinas, equipamentos, pesquisas, experiências e matérias-primas, desenvolvidos pelo homem, para que pessoas, indústrias e países fechassem acordos económicos na compra e venda desses itens (Castro, 1976).

Com o florescimento da Vista Alegre, era imperativa a participação em exposições e feiras da especialidade, não só como forma de divulgação comercial e industrial, através da qualidade das suas peças de porcelana e do domínio da técnica, mas sobretudo com a intenção de gerar o consumo através da aproximação de produtores e consumidores (Alves, 1999). Em 1840 a Vista Alegre entra num período de enorme produção que contrastou com a política do país, devido ao Cabralismo que a partir de 1842 fez abrandar a procura e aumentar os impostos, diminuindo assim as vendas e levando ao aumento de porcelana armazenada. A fábrica da Vista Alegre parou, e em 14 de Maio de 1844 foi organizado um batalhão popular e uma junta governativa, de que fez parte Alberto Ferreira Pinto Basto, administrador da Fábrica da Vista Alegre, que, com os seus operários e populares de Ílhavo, marcharam para Coimbra e mais tarde para Vila Nova de Gaia, acampando em Santo Ovídio onde se conservaram até à queda do Governo Terceira-Cabral. Devido a este acontecimento os armazéns da Vista Alegre estavam cheios de loiça, quando em 1846 se deu no Minho a revolução da Maria da Fonte contra o governo. Segundo Gomes (1993), os proprietários da fábrica anunciaram a venda dos produtos a preços convidativos, acabando assim por facilitar a divulgação da porcelana portuguesa, que aliada à melhoria do contexto político que se viveu depois de 1848, levou a um período de prosperidade da empresa.

A partir de 1850 começam a produzir peças em *biscuit* com o intuito de aperfeiçoar a escultura sem recorrer ao vidrado, sendo esta uma forma menos dispendiosa de melhorar e apurar a modelação. Por outro lado a pintura é alvo de desenvolvimento, devido ao processo *transfer print* pela litografia, que veio suceder ao processo de gravura sobre cobre. Em 1853 o museu da fábrica, criado para armazenamento de exemplares da produção e de carácter privativo, sofre um incêndio perdendo-se assim alguns exemplares de relevo dos primórdios da empresa (Mendes, 2016).



5. Chaminé do edifício da Fábrica da Vista Alegre, 2023. Fotografia do autor

Com a chegada do século XX, veio também uma crise marcada pela política, pela técnica e pela estética. Politicamente, Portugal, depois da implantação da República e do início da Primeira Guerra Mundial, estava instável devido à desvalorização da moeda e da inflação. Na técnica, os meios de produção da porcelana mantinham-se inalteráveis há vários anos; por outro lado, a estética dominante nos modelos da Vista Alegre eram marcadamente religiosos e tradicionais. No fundo, a produção de porcelana respondia a uma procura nacional dos velhos valores seculares, afastando-se assim do surgimento de novas correntes estéticas, de que se destaca a Arte Nova (Mendes, 2016).

Desafios que só a custo a Vista Alegre conseguiu responder, após vários anos orientados para uma arte que era maioritariamente de cariz religioso e muito direcionada para as lamparinas de quarto e paliteiros. Este período ficou marcado pela decadência da Vista Alegre, uma vez que paralelamente às questões de ordem técnica e estética, não tinha um serviço comercial devidamente montado e dirigido para a orientação do fabrico. Esta fase de estagnação

levou a que a empresa procurasse outras formas de rendimento, levando-a a produzir isoladores em cerâmica para aplicações elétricas, tornando-se fornecedor dos telégrafos do Estado português (Mendes, 2016).

A partir dos anos 20 dá-se um período de progresso, devido a uma série de melhorias efetuadas pela mão do seu administrador de então, João Theodoro Pinto Basto, começando no alargamento e modernização das instalações da Vista Alegre, aumentando assim o número de funcionários⁸ de 400 para 600 no espaço de quatro anos. Um dos maiores contributos foi a construção de um forno de largas dimensões, através de desenhos adquiridos em Limoges, trazendo assim melhorias técnicas significativas, sobretudo a nível produtivo, através da introdução da primeira máquina de produção de pratos (Rosa, 1995).

Do ponto de vista organizacional, reformulou e constituiu várias secções⁹ atribuindo a cada uma a respetiva competência, por forma a tornar o trabalho da fábrica mais eficiente, e criando quatro cargos¹⁰ para melhorar a orientação artística (Rodrigues, 2021). No centenário

⁸ Para além das enormes melhorias implementadas nos anos 20, o aumento de 50% de recursos humanos pode estar relacionado com o Decreto nº551, de 7 de Maio de 1919 que limita a jornada de trabalho a 8 horas diárias, obrigando assim à contratação de mais mão-de-obra para garantir a produção.

⁹ Oficina de Pintura, Oficina de Modelagem, Oficina de Formas, Depósito de Modelos, Museu, Escritório de Modelos e Decorações, Comissão de Modelos e Decorações, Aula de Desenho, Aula de Pintura e Aula de Escultura.

¹⁰ Inspetor de Pintura, Chefe de Pintura, Professor de Desenho, Chefe de Oficina de Escultura e de Modelagem.

¹¹ Em 1945 a Vista Alegre adquire 50% da empresa Eletro-Cerâmica do Candal situada em Vila Nova de Gaia, cuja fábrica estava preparada para produzir cerâmica e isoladores elétricos, e onde já havia um laboratório, sendo este reestruturado em 1956 (Silva, 2017).

¹² O clube de colecionadores é uma assinatura anual que permite prioridade no acesso a peças de coleção, assim como vários tipos de descontos nos artigos da Marca Vista Alegre.

¹³ A porcelana corresponde a 16,9% dos lotes de artes decorativas em leilão, sendo superada apenas pela prataria (21,55%) e pelo mobiliário (19,09%), (Mendes, 2016).

da fundação da fábrica, cuja exposição comemorativa foi feita no Museu Nacional de Arte Antiga, destacam-se as peças *art deco*, assim como um florescimento da escultura, por via dos paliteiros e das garrafas de porcelana comercializadas com sucesso no mercado internacional, através de casas de exportação de vinho do Porto e de xerez (Mendes, 2016).

A partir dos anos 40 intensificam-se as inovações técnicas, apostando-se na especialização dos quadros da empresa e na expansão para mercados internacionais, através de colaborações com Sèvres, Herend e Langerthall, assim como a vinda de colaboradores estrangeiros, de onde se destaca Andor Hubray Cebrian, diretor artístico da fábrica de Herend na Hungria, e Léon Georges Baudry, diretor da fábrica de Sèvres em França. Foi estabelecida a tradição de peças únicas, como o serviço produzido para Sua Majestade Isabel II, Rainha de Inglaterra, e multiplicaram-se as colaborações com artistas contemporâneos. Em 1949 é fundado em Vila Nova de Gaia o Gabinete e Laboratório Central de Estudos¹¹. Em 1952 foram criados os estatutos para fundar o Sporting Clube da Vista Alegre, que, apoiado pela administração, disponibilizou campos de jogos e uma sede para o efeito. A Vista Alegre, mais do que uma unidade de produção de porcelana, era um conjunto intrincado de relações que ultrapassavam a vida profissional e se espelhavam no seu bairro operário, com creche, teatro e pequenas hortas autossuficientes (Mendes, 2016).

A partir dos anos 60 dá-se a consolidação da Vista Alegre no mercado. É fundado o Serviço de Criação Artística e aumentam as colaborações com artistas. Em 1964 foi inaugurado o Museu da Vista Alegre, expondo ao público peças representativas do longo e rico caminho percorrido e em 1974 a empresa torna-se numa sociedade anónima continuando na posse da família Pinto Basto, assumindo em 1997 uma fusão com o grupo Cerexport que duplicou o volume de negócios, e reforçou a presença em mercados internacionais, formando o maior grupo nacional de *tableware*, e o sexto maior do mundo nesse setor (Mendes, 2016).

Em 1985 foi inaugurado o Centro de Arte e Desenvolvimento da Empresa, com o objetivo de fomentar a criação de novos modelos e decorações, bem como promover formação nas áreas da pintura e escultura. A Vista Alegre marca presença em exposições internacionais como a de 1984 no Metropolitan Museum of Art intitulada *Portugal and Porcelain*, ou a de 1998 no Brasil, sob o mote Exposição Vista Alegre: porcelana portuguesa testemunho da história. Em 1995 é fundado o clube de colecionadores¹² com 2500 sócios, como resposta ao aumento significativo do colecionismo, que se fez sentir em Portugal nos anos 80, fortemente influenciado pela inauguração de galerias, antiquários e leilões. A entrada do país na CEE, em 1986, levou a uma abertura de mercados mas também de conhecimento, que se traduziu numa procura expressiva de aquisição de peças da marca, não só devido à excelência da cerâmica, mas também pela sua raridade, tornando-se assim numa ótima fonte de investimento¹³ (Mendes, 2016).

A Vista Alegre marcou o panorama nacional, recebendo o título de Real Fábrica como reconhecimento da sua arte e do seu sucesso industrial, trazendo assim a sua história e tradição ao longo de 200 anos aos lares portugueses. Em 2001 deu-se a fusão com o grupo Atlantis, regressando assim às origens do vidro e do cristal, passando a designar-se Grupo Vista Alegre Atlantis. Este passo só foi possível devido a um enorme agregado de acionistas que investiram na empresa, adquirindo assim uma marca de grande prestígio, reconhecida pela sua inovação e *design*, estando presente nos principais mercados de porcelana artística mas também de consumo, um pouco por todo o mundo, sendo nesta fase que a família Pinto Basto perde a maioria nas decisões da fábrica, mas também da marca Vista Alegre. Em 2009 foi adquirida pelo grupo Visabeira, solidificando assim a sua posição nacional e internacional com o claro benefício de fazer parte de um grupo empresarial internacional, com negócios que vão da tecnologia e comunicações à mineração, da construção à indústria e da prestação de serviços ao turismo (Mendes, 2016).

A sua resiliência e longevidade, aliada à cooperação e partilha de conhecimentos de um grande grupo internacional, são visíveis no crescimento que a Vista Alegre teve na última década. Esta deve-se a uma visão estratégica do grupo, que incide sobretudo na gestão da marca e da sua atuação e no posicionamento de mercado, mas também na forma como se relaciona com as restantes vertentes dentro do próprio grupo da Visabeira. Isso é visível desde as campanhas de comunicação e *marketing* com uma linguagem cosmopolita e global, passando pela valorização da arte e do saber fazer portugueses, através da marca Bordallo Pinheiro e da Atlantis, que estão à venda nas várias lojas da marca Vista Alegre. Na área turística a criação de um hotel inserido na sua rede de hotéis Montebelo, que oferece não só um produto de lazer, mas também uma experiência completa na visita à fábrica, nomeadamente às oficinas de pintura manual, às lojas e ao Museu da Vista Alegre, transformando assim a visita numa experiência única que alia património, cultura, arte e lazer. Esta estratégia foi possível devido à Vista Alegre fazer parte de um grupo internacional com pujança e conhecimento, mas particularmente devido a um plano de crescimento que vai muito para além do mercado nacional, erguendo assim uma marca centenária a um estatuto de marca internacional de reconhecido mérito, não só artístico mas sobretudo cultural e patrimonial.



O Ensino na Fábrica da Vista Alegre

O ensino fez parte da origem da Vista Alegre desde os primeiros dias da fundação da fábrica em Ílhavo. A data exata da fundação da escola não se encontra definida, nem em que condições se iniciou o seu ensino. A falta de escolas numa localidade pouco habitada não oferecia outra possibilidade que não fosse a instrução na fábrica. A primeira referência à educação da Vista Alegre dá-se em 1826, conforme descrito por Laura Rosa (1995), onde pela descrição demonstra que o foco do ensino era a educação básica dos seus alunos e não na formação técnica, referindo-se à existência de um mestre encarregado da educação dos aprendizes no ensino de ler, contar e na doutrina cristã.

A fundação de uma escola com estreita ligação à fábrica não era casual. Ílhavo era uma localidade remota, sendo a cidade mais próxima Aveiro. À época, estas terras não tinham indústria de relevo, nem tão pouca população nem formação à altura deste empreendimento, de forma que a criação desta escola decorre da construção de um bairro operário, com a intenção de fixar trabalhadores junto da Fábrica da Vista Alegre. A escola aparece assim como forma de educar os filhos dos operários, mas também um caminho para a profissionalização da sua mão-de-obra. A criação de um bairro operário para os empregados e aprendizes data de 1827 conforme descreve Pedro Rocha (2014). O método de ensino aplicado era o de ensino mútuo, não só porque foi o processo seguido nas escolas públicas em Portugal a partir de 1835, mas também porque a génese deste tipo de instrução era direcionada para um ensino com poucos recursos e muitos alunos (Silva, 2017), sendo desta forma o método ideal para a formação na escola da Vista Alegre devido à sua economia didática perante um grande número de alunos. Nos primeiros anos de fábrica os aprendizes viviam no bairro da Vista Alegre com os empregados e artistas, onde aprendiam as primeiras letras, música e a tocar alguns instrumentos (Mendes, 2016).

Em 1837 já havia cinquenta aprendizes que aprendiam uma profissão como se estivessem num colégio militar (Rosa, 1995). Sabemos também que à data do falecimento de José Ferreira Pinto Basto em 1839, a escola estaria a funcionar em pleno. Há ainda a informação de um colégio com internato, de entidade desconhecida, que se situava junto ao portão principal da fábrica, onde se ensinavam os ofícios da fábrica, música e instrução, onde iniciaram o estudo treze alunos, tendo chegado aos quarenta, porém esta instituição acabou em 1842 (Gomes, 1993). Em 1845 é descrito que os alunos aprendiam música, desenho e ofícios fabris, sendo que existia um recolhimento de órfãos que aprendiam desenho e costura. Já as órfãs tinham um colégio que ficava separado, onde aprendiam tarefas femininas, como pintura e polimento de ouro sobre a porcelana, uma vez que esta tarefa cabia unicamente às mulheres (Rosa, 1995). A aula de desenho foi suprimida quando a Escola Industrial de Aveiro foi fundada em 1894.

Na Escola Industrial de Aveiro estudaram doze alunos de Ílhavo e de Vagos, sendo destes sete pintores cerâmicos, um oleiro, dois modeladores, um porcelanista e um gravador, fazendo todos parte da primeira turma no ano letivo de 1894/95. Nesta turma estudaram Duarte Magalhães, futuro mestre da oficina de pintura; Francisco Miller, porcelanista; e António Franco, gravador (Rodrigues, 1996). A alteração não vingou, de forma que as aulas de desenho e pintura foram retomadas no início do século XX nas instalações da Vista Alegre (Rodrigues, 1996).

Na fábrica eram várias as áreas em que era necessário formar aprendizes para dar continuidade ao trabalho desenvolvido. A pintura, escultura e modelação eram das mais importantes, de tal forma que muitos dos aprendizes adotavam o estilo dos seus mestres. O ensino da pintura sempre foi privilegiado, levando a que muitas das vezes fosse o próprio



mestre o responsável pelas aulas de desenho e de pintura. No entanto, o ensino na escola da Vista Alegre só ganha características de especialização, e é exercido de forma sistemática, nos finais do século XIX (Rosa, 1995).

No século XX a escola foi alvo de três reestruturações. A primeira, em 1925, estabeleceu a Escola de Desenho e o seu regulamento, e só aceitava alunos empregados e filhos a cargo de empregados na fábrica da Vista Alegre. A segunda reestruturação, em 1944, instituiu a aula de Desenho de Pintura e Escultura para operários adultos e filhos menores de operários, conforme programa aprovado pela administração. A terceira, em 1954, levou à separação do espaço e tempo das aulas entre alunos adultos e alunos menores, assim como a criação de um curso complementar para quem apresentasse maiores aptidões, e a formação dos alunos menores com maior vocação, com direito a permanência de mais tempo na Pintura e Escultura, para dar seguimento à instrução prática. Nesta alteração há a possibilidade de os alunos com classificação de Bom na Escola de Desenho acederem à Aula de Pintura, constituindo assim o último ciclo de formação na Escola de Desenho. Desta forma os alunos-aprendizes continuavam a ser seguidos pelos professores de Desenho, e os alunos da aula de Pintura em contexto de trabalho estariam dependentes do chefe da oficina (Rocha, 2014).

Como já havia sido referido, desconhece-se a data exata do início da Escola da Vista Alegre, sabe-se no entanto que em 1996 acabaram as aulas de desenho e pintura, no modelo usado durante o último século da sua existência. Embora se desconheçam os motivos, pode-se especular que a sua função original, de formar os filhos dos colaboradores e ajudar a fixar a mão-de-obra, há muito deixara de fazer sentido. Primeiro porque Ílhavo cresceu e não havia uma

necessidade urgente na fixação de população, tendo a sua rede de ensino acompanhado o crescimento do concelho, possibilitando a formação dos seus jovens através do ensino público. Em segundo lugar o ensino técnico e profissional deu lugar aos cursos profissionais e ao ensino superior. De alguma forma os cursos profissionais vieram preparar os especialistas de cerâmica na sua vertente mais técnica, no controlo da pasta e do barro, e os cursos superiores prepararam os desenhadors, nomeadamente através das licenciaturas em belas artes, comunicação visual e design.



Os Mestres e a Sua Influência na Formação Artística

A direção artística da fábrica da Vista Alegre passava essencialmente pelos mestres, que, para além do domínio das características plásticas dos materiais, e da decisão da linha estética e artística das peças de porcelana, ditavam ainda as matérias e estilos para formar aprendizes para as oficinas de pintura e escultura. Durante muito tempo foram estes quem organizava as aulas e os alunos, sendo que a partir do século XX havia já um professor de desenho, que devido à grande afluência de alunos, ensinava e avaliava as aulas de forma a libertar o mestre para a gestão das oficinas e orientação da equipa de pintura e escultura. O ensino na Vista Alegre ficou desta forma marcado pelo legado dos mestres.

Os Primeiros Anos (1824-1834)

O primeiro período de produção foi extremamente experimental, sendo a primeira fornada de 1827, quando as peças ainda eram na sua maioria pó de pedra. Assim, após o estabelecimento da fábrica da Vista Alegre, foram recrutados três oficiais da Saxónia, sendo que só um singrou na função de especialista em escultura e modelação. Desta forma José Scorder, era à época, o único estrangeiro na fábrica de porcelana (Gomes, 1993). Da Real Casa Pia veio o aluno José Maria Fabre para a secção de pintura, assinando assim as duas primeiras peças conhecidas da Vista Alegre, juntando-se ao artista Manuel Morais da Silva Ramos, pintor e escultor, responsável pela criação do primeiro logótipo de marcação da loiça da Vista Alegre, e condecorado pelo governo italiano com o grau de cavaleiro da Ordem de S. Maurício e S. Lázaro. Na escultura estava o artista José Joaquim Rodrigues Primavera, exímio miniaturista e retratista da família Pinto Basto, e Anselmo Ferreira, outro Casapiano, que teve como discípulos Patoilo e Cipriano que continuaram como escultores

na Vista Alegre. Com a função de mestre de porcelana, entre 1826 e 1833, esteve João da Silva Monteiro, embora neste intervalo o que produziam ainda não era a verdadeira porcelana; como vidreiros estiveram Francisco Miller, sendo o administrador Augusto Ferreira Pinto Basto. Estes profissionais foram assim considerados os precursores da porcelana na fábrica da Vista Alegre (Rosa, 1995).

Victor François Rousseau (1835-1851)

O primeiro mestre foi Victor François Chartier Rousseau. Começou a trabalhar na Vista Alegre em 1835 e pouco se sabe sobre a sua vida antes desta data. Foi trazido de Londres, onde era retratista, por João Ferreira Pinto Basto, irmão do fundador da Vista Alegre, que aí tinha uma agência de comércio de vinho do Porto. Sendo francês era grande conhecedor dos modelos de pintura da fábrica de Sévres, de que são exemplos as suas criações do Tinteiro Barco e da Lamparina Rousseau, seguindo com alguma fidelidade a tendência artística dos pintores de cerâmica do século XVII e princípio do século XIX, que cobriam muito a louça com decoração exuberante (Frasco, 2005). Dos pintores que trabalharam consigo destacam-se José de Oliveira, António Dias, José Vidal, Manuel Francisco Pereira, António Maria, José Coelho da Fonseca, Luís Augusto Leitão e Manuel Morais da Silva Ramos; como escultores salientam-se Patoilo e Cipriano; e como vidreiros João da Cruz e Costa, sendo o administrador Alberto Ferreira Pinto Basto. Rousseau faleceu em 1852 e deixou um álbum de aguarelas com vistas da ria e da fábrica e desenhos de cenas familiares no Palácio da Vista Alegre, assim como um livro com 697 pinturas e modelos para decoração datado de 4 de Abril de 1849 (Mendes, 2016).



Gustave Fortier (1851-1869)

Gustave Fortier sucedeu a Rousseau, tendo sido por ele indicado. Trabalhou na Vista Alegre em dois períodos: de 1851 a 1855 e numa segunda temporada de 1861 a 1869. A 24 de Maio de 1852 o rei D. Fernando II visitou a fábrica iniciando assim uma colaboração brilhante entre a Vista Alegre e a Casa Real, que se materializou através de uma quantidade admirável de peças para vários palácios reais. Dos pintores que trabalharam com Fortier destacam-se Gabriel Pereira da Bela, Manuel Simões, António Ramos, Joaquim Martins da Rosa, Fortier (filho) e Manuel Morgado; como escultores permanecem Patoilo e Cipriano, sendo os administradores Alberto Basto, Duarte Basto e Domingues Basto, filhos do fundador (Mendes, 2016). Foi nesta época que a Vista Alegre se começou a impor pela sua qualidade artística, marcando presença na Exposição Universal de Paris em 1855, onde recebeu a medalha de prata. Em 1869 Gustave Fortier deixa a Vista Alegre mantendo no entanto um estreita colaboração até ao ano de 1876 (Frasco, 2005).

Joaquim José de Oliveira (1869-1881)

Joaquim José de Oliveira, discípulo de Fortier, foi mestre entre 1869 e 1881. É o primeiro mestre português depois de 34 anos de influência artística francesa na Vista Alegre, alterando paulatinamente o estilo. Para isso contribuiu muito a decoração a sépia e o surgimento da fotografia que servia como modelo de cópia, inaugurando assim as peças da Vista Alegre alusivas a monumentos nacionais. Produziu numerosos trabalhos à pena e aguarela, notabilizou-se igualmente pela pintura de paisagens e motivos florais, sendo um excelente copiadador de gravuras (Frasco, 2005). Era muito exigente com os seus discípulos, de que se destacam Francisco da Rocha Freire, Duarte José de Magalhães, Francisco António Ruivo, António Rocha, José Fernandes Matias, Joaquim Martins Rosa, Cesário de Oliveira,

Francisco Maria Cardoso, João Malhada, Manuel Fernandes Barros e Joaquim José de Magalhães Júnior; como escultores destaca-se F. Teixeira sendo o administrador Domingues Ferreira Pinto Basto. Teve um esforço inglório uma vez apanhou uma das épocas mais difíceis da Vista Alegre associando uma grave crise financeira com a falta de criação de modelos e decorações artísticas relevantes (Mendes, 2016).

Duarte José de Magalhães (1889-1921)

Duarte José de Magalhães, discípulo de Joaquim José de Oliveira, foi o quarto mestre de pintura entre 1889 e 1921. Natural de Ílhavo e filho de Joaquim José de Magalhães, pintor e inspetor de Pintura, inicia-se como aprendiz na arte de desenho e pintura, tendo frequentado a primeira turma da Escola Industrial de Aveiro. Foi através do seu trabalho que a Vista Alegre se conseguiu libertar da influência francesa do excesso de pintura, assim como iniciou o processo de impressão por litografia, ultrapassando dessa forma a grave crise que tinha atingido a fábrica (Frasco, 2005). Deve-se também a si a manutenção da escola de desenho e pintura da fábrica da Vista Alegre, com uma qualidade de ensino de onde saíram grandes pintores dos quais se destacam Cândido Silva, Ângelo Chuva, Palmiro Peixe, José Fernando Matias, António da Rocha, Francisco Maria da Silva, Carlos Bingre, Luís de Oliveira da Velha e Luís Chuva; na escultura destaca-se uma vez mais F. Teixeira, sendo administradores Duarte Ferreira Pinto Basto, Gustavo Ferreira Pinto Basto e Theodoro Ferreira Pinto Basto. O seu último trabalho data de 1924, em co-autoria com Palmiro Peixe, aquando do centenário da fábrica da Vista Alegre (Mendes, 2016).

Ângelo Simões Chuva (1921-1953)

Ângelo Simões Chuva, discípulo de Duarte José de Magalhães, nasceu em Ílhavo em 1883 sendo recebido como aprendiz de pintor quando tinha



VISTA ALEGRE
PORTUGAL

VISTA ALEGRE

1824

14 anos de idade. Aos 27 era já chefe da oficina de pintura. Foi mestre de 1921 a 1953, ano em que se reformou, continuando no entanto a prestar os seus serviços à Vista Alegre até 1958. Foi condecorado duas vezes pelo Presidente da República, e a ele se deve a atualização artística da Vista Alegre, nomeadamente através de modelos decorativos originais de Arte Nova e Art Deco, demonstrando assim uma rara capacidade de adaptação da fábrica a uma temática decorativa inteiramente oposta às suas origens (Frasco, 2005). Como pintores destacam-se Palmiro Peixe, Cândido da Silva, Antero de Magalhães, Teodoro Craveiro, João Pimentel, Manuel Parracho, João Esteves de Almeida, Júlio César, Catarino da Silva, Élio Pimentel, José António Urbano Ferreira, Carlos da Silva Branco, João da Silva Pereira Valente, Mário de Almeida Servo, Armindo Ferreira, Rosa Simões dos Santos Fradinho e Armando Pimentel; como gravadores destacam-se Ângelo Correia e Othelo Matos Moreira, como escultores António Gomes, António Lino Rodrigues da Rocha e Armando Luís de Andrade, sendo administrador Luís de Azevedo Coutinho (Mendes, 2016).

Palmiro da Silva Peixe (1953-1975)

Palmiro da Silva Peixe, discípulo de Duarte José de Magalhães, foi o sexto mestre da oficina de pintura entre 1953 a 1975. Natural de Ílhavo, foi admitido na Vista Alegre como aprendiz de pintor em 1913 com apenas 12 anos. Emigrou para os Estados Unidos em 1920 com um certificado da fábrica atestando a sua função. Voltou um ano depois para ser readmitido como pintor. Em 1963 entrou para o recém criado Serviço de Criação Artística onde paralelamente a mestre de pintura assumia a função de adjunto do diretor. Desta fase destacam-se como pintores Humberto Gaspar, António Ribeiro, Carlos da Branca, José de Almeida e Rogério Catarino; como escultores destaca-se Soares Branco, Carlos Calixto, Jorge Figueiredo, Maria José Branco e João Germano,

sendo administradores Álvaro Ferreira Pinto (1968-78) e Carlos Augusto Bobone (1971-79) (Mendes, 2016). É na sua época que se abre o ateliê de serigrafia e a Vista Alegre se transforma numa sociedade anónima, tendo iniciado nos anos 70 as parcerias regulares com artistas. Palmiro da Silva Peixe foi também responsável por grandes encomendas à Vista Alegre, tais como a decoração de duas talhas em 1940 para o Banco de Portugal, ou um serviço de mesa de 400 peças para o Serviço dos Negócios Estrangeiros, ou ainda um serviço de chá oferecido à Rainha Isabel II em 1955. A sua atividade artística era meticulosamente registada a partir de 1953 num caderno de apontamentos que constitui um brilhante documento no arquivo da Vista Alegre. Também os seus méritos artísticos foram reconhecidos pelo Presidente da República que o distinguiu duas vezes pelo seu contributo artístico (Franco, 2005).

Armando de Oliveira Pimentel (1977-1996)

Armando de Oliveira Pimentel, discípulo de Palmiro da Silva Peixe, nasceu em Vagos em 1930 e descende de uma família enraizada na Vista Alegre, desde os seus avós maternos e paternos, ao seu pai, o primeiro pintor da família. Entrou com 12 anos de idade para a aula de desenho da Vista Alegre e foi nomeado adjunto do mestre de Pintura em 1964, assumindo assim a responsabilidade das aulas de pintura até 1977 quando passou a mestre. Foi Armando Pimentel quem iniciou a técnica de pintura sobre *biscuit* em 1970. Foi também um promotor da Vista Alegre ao participar em inúmeros congressos de design e em feiras de cerâmica na Europa e nos Estados Unidos (Frasco, 2005). Foi enquanto mestre de pintura que se desenvolveu em 1982 o Gabinete de Orientação Artística com a função de internacionalizar a marca e a porcelana da Vista Alegre (Mendes, 2016). Com o fim da escola artística em 1996 reformou-se, sendo assim o último mestre de pintura da Vista Alegre. Faleceu em Janeiro de 2020.



6. Interior do Museu da Vista Alegre, 2023.
Fotografia do autor

O Museu da Vista Alegre

¹⁴ António Vasco Rebelo Valente (1883-1950) licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra mas cedo abandonou a carreira dedicando-se à história e crítica de arte, sendo selecionado em 1932 pelo Governo para dirigir o Museu Nacional de Soares dos Reis, sendo o primeiro diretor desde a sua instalação no Palácio dos Carrancas.

¹⁵ A missão (14 de Abril de 2023) Museu Vista Alegre (in https://vistaalegre.com/pt/t/VAA_VisiteMuseudaVistaAlegre_OMuseuVistaAlegre-1)

O Museu da Vista Alegre passou por diversas fases até à atualidade. Começou como um reservatório de porcelana da fábrica onde se guardavam os melhores exemplares, tendo sido organizado enquanto museu privado em 1838 para a presença na Exposição de Produtos da Indústria Portuguesa. Em 1853 deflagrou um incêndio na fábrica e destruiu o edifício em que estava o Museu, fazendo com que se perdesse uma parte da coleção do período inicial da Vista Alegre (Rosa, 1995).

A primeira organização museológica data de 1947, onde, com a colaboração de Vasco Rebelo Valente¹⁴ é instalado na Casa da Administração, tendo sido catalogado e organizado por períodos de fabrico. Em 1964 o museu foi ampliado e aberto ao público. Inaugurado pelo então Presidente da República Américo Thomaz, instalando-se desta forma nos antigos edifícios da fábrica onde havia muito mais espaço para alojar o enorme espólio de peças de porcelana, assim como documentos e desenhos, sendo renovado em 2001 (Mendes, 2016).

Entre 2014 e 2016 sofreu obras de requalificação que permitiram a ampliação dos espaços expositivos assim como a recuperação do património edificado existente, destacando-se a integração de dois antigos fornos da empresa nas áreas de receção. Com esta última renovação a intenção foi desenhar um espaço museológico que evidenciasse a história da fábrica, da marca, assim como a evolução estética da produção de porcelana e a sua importância na sociedade portuguesa nos séculos XIX e XX. Com uma área de 1200m², distribuídos por 13 salas de exposição, conta com mais de 176 mil visitas desde a última remodelação.

A missão¹⁵ do museu centra-se na salvaguarda, investigação, promoção e interpretação do património industrial, cultural e social da Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, de forma a cultivar e incentivar os visitantes para o conhecimento

da cultura cerâmica através das coleções e exposições do Museu. As suas metas estratégicas assentam na dinâmica de recolha e aquisição de objetos, assim como outros materiais históricos, ligados à indústria da porcelana da Vista Alegre, de forma a contribuir para a preservação e conservação, realizando um trabalho de catalogação e contextualização credível e abrangente, colaborando assim para a ampliação, fidelização e formação de um público heterogéneo. Os seus objetivos estabelecem o fortalecimento das relações entre a instituição e os diferentes elementos da comunidade local, contribuindo assim para a identidade cultural através da promoção das artes decorativas, da história industrial, social, económica e cultural, valorizando a cerâmica e a imagem da Vista Alegre, rentabilizando financeiramente os recursos do museu, dotando-o de instrumentos de divulgação e marketing, que promovam a instituição e a sua imagem pública.

A sua missão está presente no formato como construiu os seus programas de visitas, onde se destaca a interpretação do património industrial, cultural e social. As visitas não se concentram unicamente no museu mas também na área envolvente, promovendo assim não só a cultura cerâmica, mas também a cultura local, tendo sempre presente a salvaguarda do património. Desta forma estão disponíveis três programas: individuais e para famílias; programas para escolas; programa de grupos e turístico. A diferença entre eles, para além do preço e do público-alvo específico, é a profundidade e abrangência da visita.

A equipa do museu é distribuída por quatro áreas de atuação: Coordenação; Serviços de Gestão e Coleções; Serviços de Educação e Comunicação, e Serviços Administrativos e de Apoio aos Visitantes. A coordenação atua principalmente na gestão tática, tendo como objetivo a visão programática e estratégica do museu no seu todo. Os serviços de Gestão



7. Creche e serviço educativo da Vista Alegre, 2023. Fotografia do autor

de Coleções têm como objetivo a gestão, inventariação, conservação, circulação de objetos das coleções, operacionalização dos empréstimos e estudo das coleções do museu. Os Serviços de Educação e Comunicação têm como responsabilidade a programação, organização e acompanhamento das atividades educativas, das visitas guiadas, oficinas e workshops, seminários ou palestras organizadas para diferentes tipos de públicos. O serviço educativo encontra-se no edifício da antiga creche, espaço fundado em 1944, que acolhia e cuidava dos filhos dos trabalhadores. Depois de recuperado foi reconvertido na extensão educativa do Museu da Vista Alegre. Os Serviços Administrativos e de Apoio aos Visitantes tem como função garantir o acolhimento e assistência aos visitantes através da prestação de informação, atendimento de reclamações, assim como o correto funcionamento dos equipamentos museográficos e dispositivos de segurança zelando pela integridade do património afeto ao Museu.

Há ainda um laboratório criativo denominado *IDPool*¹⁶, desenvolvido pela Vista Alegre, e que não sendo público, acaba por fazer parte da estratégia da vertente educativa da Fábrica, do Museu e da marca. O *IDPool* funciona com um programa de residências artísticas, que pretende estimular a troca de ideias e experiências entre artistas, criativos e profissionais altamente qualificados. A seleção dos participantes é feita por uma comissão, que julga a capacidade técnica e originalidade do trabalho/portfólio dos projetos apresentados para candidatura, oferecendo condições de trabalho e desenvolvimento profissional ímpares ao proporcionar acomodação confortável com acesso às áreas de trabalho e instalações técnicas. Com o *IDPool* consegue estabelecer ligações próximas e regulares com artistas emergentes de todo o mundo, das mais diversas idades e áreas criativas, tais como escultores, pintores, ilustradores,

arquitetos paisagísticos, mas também *designers* de produto, designers gráficos e de moda. No fundo são profissionais que querem explorar o universo da porcelana, trazendo as suas visões e expandindo-as neste laboratório de ideias. Com este projeto tem-se conseguido estabelecer uma interação produtiva entre o *know how* da Vista Alegre e as ideias e *backgrounds* que os artistas trazem, resultando em produtos com qualidade que se inserem na visão e missão da Vista Alegre, fazendo com que muitos destes trabalhos façam parte do top de vendas da marca, mas também ganhando os mais prestigiados prémios internacionais.

O arquivo¹⁷ do Museu da Vista Alegre conta com quatro compartimentos cuja separação está bem definida: uma sala de trabalho, onde se desenvolvem os processos de gestão estratégica e funcional do museu; uma sala de pesquisa e investigação onde se analisam e catalogam as peças e/ou documentos; um pequeno armazém onde está o material em curso para ser identificado e catalogado; e uma sala de arquivo equipada com armário antifogo e com a temperatura e humidade controladas. Neste momento o arquivo conta com 334 objetos de vidro, 2057 documentos relativos à história da fábrica e à sua vertente social, 207 objetos relativos à capela, 513 documentos relativos à área industrial, 77 documentos relativos a instituições sociais, 2250 desenhos e 28257 objetos de cerâmica.

O arquivo funciona como o epicentro da gestão de todo o museu, mas também como dinamizador da sua cultura, da sua missão e dos seus valores através do desenvolvimento de exposições, da criação de programas educativos, no apoio à estratégia de marketing e comunicação mas sobretudo, no progresso e crescimento do próprio arquivo, e consequentemente do museu, através de uma política de incorporações muito bem definida assente em dois pontos: métodos de incorporação e desenvolvimento de coleções.

¹⁶ IDPool (14 de Abril de 2023) Museu Vista Alegre (in <https://vistaalegre.com/idpool/>).

¹⁷ O Arquivo (14 de Abril de 2023) Museu Vista Alegre (in https://vistaalegre.com/pt/vaa_VisiteMuseudaVistaAlegre_Cole%C3%A7%C3%B5es-10).



Os métodos de incorporação devem respeitar a vocação e missão do museu, desta forma e com base na legislação em vigor que regula a circulação do património móvel, apenas poderá ser realizada através dos seguintes métodos: aquisição, oferta ou doação/legado, permuta, empréstimo, transferência e depósito. O desenvolvimento de coleções debruça-se sobre objetos que possuam relação direta ou indireta com a fábrica da Vista Alegre, cobrindo o período que abrange os séculos XIX e XX; excepcionalmente poderão ser incorporados objetos de períodos anteriores, se estes revelarem ter um valor adicional para as coleções do museu. Desta forma são seis os princípios gerais: contínuo desenvolvimento da coleção contemporânea através da adição de peças atuais ao museu; levantamento sumário das peças e objetos a transferir da unidade industrial com o objetivo de colmatar falhas nas coleções; criar uma coleção representativa das diferentes comunidades ligadas à fábrica da Vista Alegre; contextualização através da documentação e registo dos objetos da coleção; desenvolvimento de uma coleção coesa que também sirva propósitos educacionais; reflexão e racionalização da coleção atual de forma a identificar as fraquezas e necessidades mais urgentes de desenvolvimento do museu.

O Museu da Fábrica da Vista Alegre funciona assim como um representante da riqueza cultural, garantindo a preservação da memória e da cultura, conferindo-lhe identidade e alteridade. A orientação de linhas para a salvaguarda e protecção do seu património e da sua história, assim como a classificação, conservação e recuperação, a par da investigação e inventariação, permite que a expressão do seu património e cultura vá ao encontro das palavras de Choy (1992), ao comunicarem com a população e contribuírem para manter e preservar a identidade da região, e consequentemente do país.



Conclusão

O longo caminho iniciado pelo espírito empreendedor de José Ferreira Pinto Basto compensou. Os vários anos de tentativas até conseguir uma porcelana de qualidade, a sua visão na criação de uma indústria que precedeu a revolução industrial em Portugal, não esquecendo a sua ação filantrópica perante os colaboradores e operários da Vista Alegre, através da oferta de educação e habitação, deixou um legado admirável. Caminho esse continuado pelos seus descendentes que conseguiram ultrapassar crises económicas e financeiras, guerras e revoluções, fazendo a Vista Alegre crescer e consolidar-se, chegando aos nossos dias como uma empresa, marca e património reconhecido mundialmente.

Podemos afirmar que para a Vista Alegre, a par do investimento inicial nas infraestruturas e do esforço na fixação da mão-de-obra, o ensino foi um dos elementos base para o desenvolvimento da fábrica; não só como um ato de filantropia do seu fundador, mas sobretudo ao permitir ao longo dos anos educar e formar mão-de-obra específica para as suas necessidades. A comunhão destes três pontos foi a grande mais-valia da Vista Alegre para o seu desenvolvimento enquanto fábrica de porcelana para chegar aos nossos dias como uma marca de prestígio. Embora a informação no primeiro século de ensino seja escassa, a verdade é que a sua matriz de educação funcionou. Os primeiros operários já vinham com formação específica, desde os primeiros vidreiros, aos primeiros mestres, que desta forma ensinavam os que iam entrando para a fábrica, e que através da partilha de conhecimentos técnicos, geraram várias gerações de operários e mestres qualificados e formados nas oficinas da empresa; mas essa matriz de aprendizagem também se deu através do ensino: numa primeira fase dando oportunidade à formação de jovens órfãos, e depois ganhando os operários, apostando na continuidade destes não só na escola, mas principalmente garantindo que estes seriam

o futuro da empresa através de mão-de-obra qualificada e devidamente integrada nas necessidades da fábrica da Vista Alegre.

Para o sucesso da Vista Alegre contribuiu a constante reinvenção do seu portfólio de cerâmica, recorrendo a parcerias com artistas das mais variadas áreas, assim como mantendo a tradição através de reedições das suas peças mais icónicas; mas também através da expansão da marca levando-a para novos desafios tais como a produção de mobiliário, de material de cutelaria, de iluminação e de têxteis, levando-a entrar em novos mercados. Ainda assim é manifesto que o fator que mais contribuiu para a sua identidade foi sobretudo a manutenção das instalações originais da fábrica, do museu e do bairro onde ainda habitam ex-funcionários, mantendo assim a relação de décadas entre os habitantes, as suas famílias e a empresa.


Faria e Almeida (2006) comentam sobre a forma como o Património e a Identidade caminham na mesma direção, disputando muitas vezes as mesmas referências, criando um sentido de pertença baseado em marcos patrimoniais, materiais e imateriais, cuja difusão cria um sentimento cultural coletivo, ultrapassando a dimensão local para entrar na consciência de cidadania e de pertença global; sentimento este que acompanha o crescimento e evolução da Vista Alegre, sendo possível também devido a uma história fortemente vincada pelo valor patrimonial, cultural e identitário que esta representa, não só para os Ilhavenses e para a região, mas também para o país.

A Vista Alegre poderá não ser o recurso económico principal do concelho, mas é sem dúvida o mais importante recurso simbólico do meio industrial, não só ilhavense mas também Português, através da laboração da empresa nas instalações originais, como através da aposta na continuidade do seu museu de cariz artístico e industrial, único no país.

Bibliografia

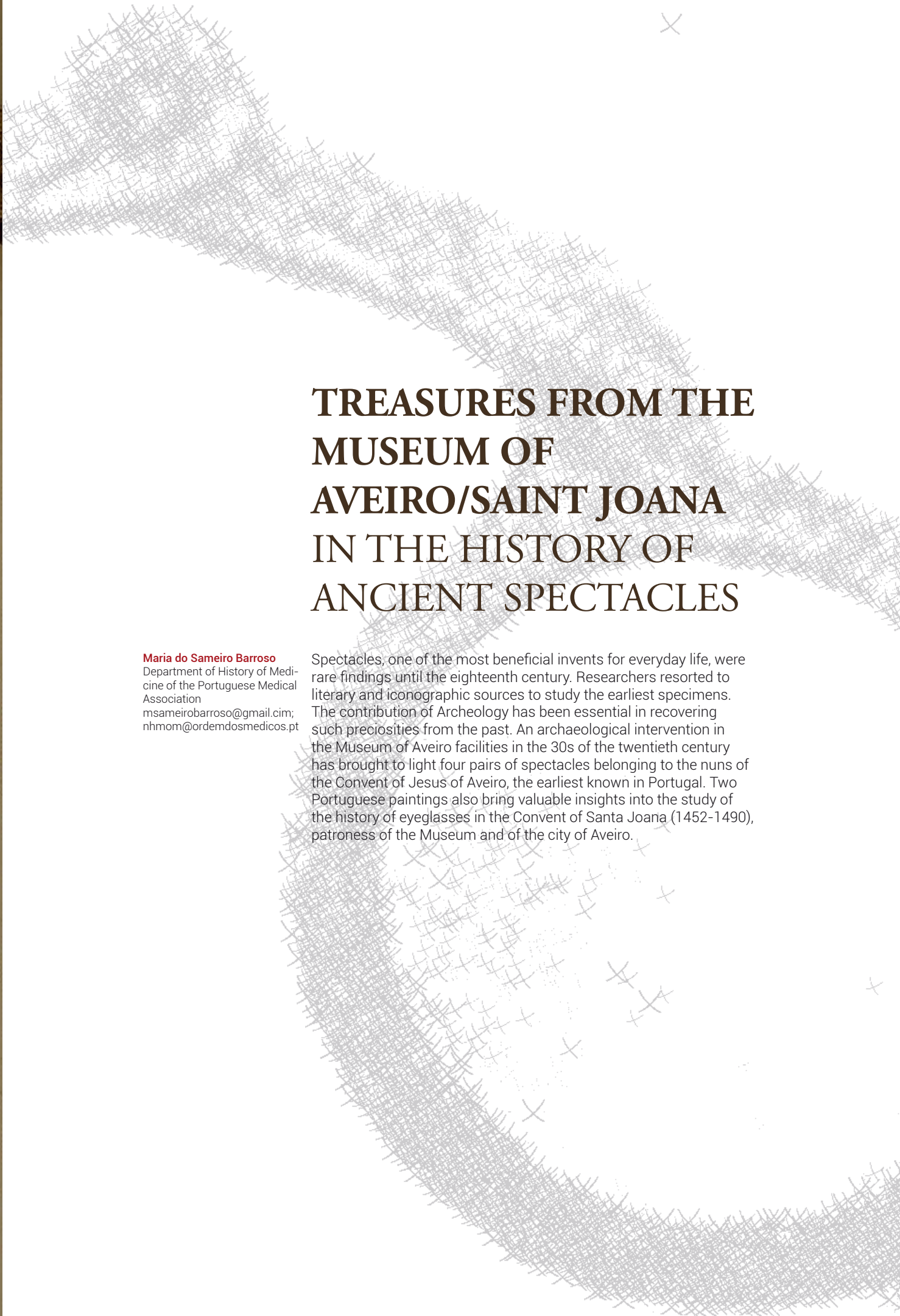
- Almeida, O. (2010). *Utopias Realizadas - da New Lanark de Robert Owen à Vista Alegre de Pinto Basto*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- Alves, J. (1999). *As Exposições Industriais no Porto Oitocentista*. in Mourão, J. & Matos, A. & Guedes M. (Eds.) *O Mundo Ibero-americano nas Grandes Exposições* (pp.165-176). Porto: Editora Vega. https://www.researchgate.net/publication/281785013_As_exposicoes_industriais_no_Porto_oitocentista
- Barranha, H. (2016). *Património Cultural - Conceitos e Critérios Fundamentais*. Lisboa: ICT Press, ICOMOS-Portugal.
- Castro, A (1976). *A Revolução Industrial em Portugal No Século XIX*. Porto: Limiar.
- Choay, F. (1992). *L' Allégorie du Patrimoine*. Paris, Editions du Seuil
- Faria, M. L. de, & Almeida, R. (2006). *A problemática da "identidade" e o lugar do "património" num mundo crescentemente cosmopolita*. *Comunicação & Cultura*, (nº 1), pp.117-133. <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2006.367>
- Frasco, A. F. (2007). *Esculturas e Escultores da Vista Alegre*. Porto: Livraria Figueirinhas.
- Frasco, A. F. (2005). *Mestres Pintores da Vista Alegre*. Porto: Livraria Figueirinhas.
- Gomes, M. (1993). *A Vista Alegre - Memória Histórica*. Aveiro: Livraria Estante Editora
- Mendes, A. (2016) *Vista Alegre: História, Coleccionismo e Mercado na Atualidade*. Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Lisboa. <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/12728/1/VISTA%20ALEGRE%20EF.pdf>
- Mónica, M. (1992) *Negócios e política: os tabacos (1800-1890)*. *Análise Social*. Vol. XXVII (nº116-117), pp.461-479. <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223054198H8hPJ1g-v7Ri73FT8.pdf>
- Rocha, P. (2015). *A Fábrica da Vista Alegre pá! A Vista Alegre até tem um Lugar dos Reformados*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto (Cedido pelo autor).
- Rodrigues, M. (1996). *As Elites Locais e a Escola Industrial e Comercial de Aveiro, 1893-1924*. Boletim Municipal de Aveiro, vol. 28, pp.9-46. https://www.researchgate.net/publication/271764961_As_elites_locais_e_a_Escola_Industrial_e_Comercial_de_Aveiro_1893-1924
- Rodrigues, M. (2021). *A Porcelana Artística da Vista Alegre dos anos 1930-1940*. in Rosmaninho, N. (Ed.) *Estética dos Regimes Autoritários e Totalitários* (pp.326-354). Ribeirão: Edições Húmus.
- Rosa, L. (1995). *A Vista Alegre - Uma Instituição Diferenciada no Âmbito da Indústria Portuguesa do Séc. XIX (1824-1900)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa (Cedido pela Vista Alegre).
- Senos, S. (2008). *Vista Alegre - Espaço Urbano e Industrial*. Trabalho final de Licenciatura. Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Obtido de: https://www.academia.edu/11573109/SENOS_vista_alegre_um_espaco-C3%A7o_urbano_industrial
- Silva, G. (2017). *A Electro-Cerâmica do Candal: Espaço de Reconversão e Memória. Contributos para Projeto de Preservação do Espírito do Lugar*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.





TESOUROS DO MUSEU DE AVEIRO/SANTA JOANA NA HISTÓRIA DOS ÓCULOS ANTIGOS

Os óculos, um dos inventos mais úteis para a vida quotidiana, eram raros até o século XVIII. Os investigadores tinham que recorrer, essencialmente, a fontes literárias e iconográficas para estudar os primeiros exemplares. O contributo da Arqueologia tem sido fundamental para a recuperação dessas preciosidades do passado. Uma intervenção arqueológica no Museu de Aveiro na década de 30 do século XX trouxe à luz quatro pares de óculos que pertenceram às freiras do Convento de Jesus de Aveiro e que são os mais antigos até agora conhecidos em Portugal. Dois quadros portugueses também trazem valiosos contributos para o estudo da história dos óculos no Convento de Santa Joana (1452-1490), patrona do Museu e da cidade de Aveiro.



TREASURES FROM THE MUSEUM OF AVEIRO/SAINTE JOANA IN THE HISTORY OF ANCIENT SPECTACLES

Maria do Sameiro Barroso

Department of History of Medicine of the Portuguese Medical Association
msameirobarroso@gmail.com;
nhmom@ordemdosmedicos.pt

Spectacles, one of the most beneficial inventions for everyday life, were rare findings until the eighteenth century. Researchers resorted to literary and iconographic sources to study the earliest specimens. The contribution of Archeology has been essential in recovering such preciousities from the past. An archaeological intervention in the Museum of Aveiro facilities in the 30s of the twentieth century has brought to light four pairs of spectacles belonging to the nuns of the Convent of Jesus of Aveiro, the earliest known in Portugal. Two Portuguese paintings also bring valuable insights into the study of the history of eyeglasses in the Convent of Santa Joana (1452-1490), patroness of the Museum and of the city of Aveiro.



Du nom et
 en loueur
 de dieu ar
 ateur et
 seigneur
 de toutes
 choses et du benoist son filz ihesu
 crist et du saint esprit et de toute
 la sainte trinite et de la vierge
 marie et de touz les saints et sam
 tes qui sont en la grace de dieu.
 Je gascon par la grace de dieu sur
 nomme plebus Contre de foys

seigneur de Beauu qui tout mo
 temps me suis delite par especial
 en trois choses l'une est en amours
 l'autre est en armes et l'autre si est
 en char. **E**t car des deux
 offices il va en trop de meilleurs
 maistres que ie ne suis. Car trop
 de meilleurs cheualiers ont este
 que ie ne suis. **E**t aussi de
 meilleurs cheualiers d'amours ont
 en trop de gens que ie n'ay pour
 ce seroit grant merite se ien par
 loie Mais ie reuient a deux offices



Introduction

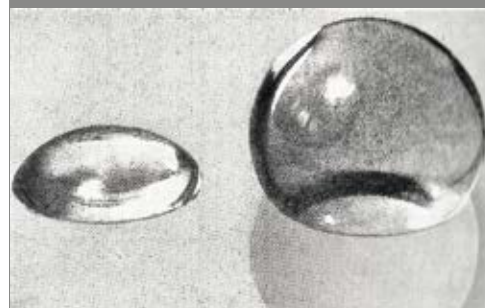
Spectacles appeared after the period corresponding to the so-called "Renaissance of the twelfth century" in the monastic context as a response to the need for reading developed by copyists in schools and monasteries. Profound changes had occurred in the social structure such as the population concentrating in the cities, improvements in the economy, construction of cathedrals and the foundation of universities. As the product of medieval experimental science, inventions such as the mechanical clock and spectacles appeared at the end of the thirteenth century (Lindberg, 2088, pp. 336-337). The name of the inventor is unknown.

Thirty known miniatures depicting people wearing spectacles from the collections of outstanding museums and libraries stand as treasures of monastic life that have come down to us (Pflugck, 1958, p. 34). Spectacles also appear in manuscripts from the nobility. A French manuscript, Ms. 27 (87.MR.34), fol. 3, by an unknown author, from c. 1430–1440, Brittany, France, belongs to a hunting book and depicts Gaston Phebus, Count of Foix (1331-1391), dictating (possibly his hunting adventures) to a scribe² (Fig. 1). This essay will focus on the treasures of Portuguese monastic life, disclosing rarities in the History of Ancient Spectacles.

²Available at <https://www.getty.edu/art/collection/object/105TDR>, accessed 30 April 2023.

1. Ms. 27 (87.MR.34), fol. 3. Gaston Phébus, Count of Foix, Dictating to a Scribe. 1430–1440. Brittany, France. Unknown author. Getty Museum (Free download).

2. On the right: Reading Stone after Roger Bacon (c. 1200).
On the left: Reading Stone after Alhazen (c. 1000).
In Greeff, 1958, p. 12.



Optics and experimental science

Since the reign of Charlemagne (742-814), founder of the Holy Roman Empire and his relevant cultural role in the "Carolingian Renaissance", ordering the construction of schools next to the cathedrals, the first European universities emerged.

The Western world and the Byzantine Empire had already been in contact with Islam and Islamism, founded by the Prophet Mohammed (c.571-632) in Mecca, Arabia. From the beginning of the 7th century AD, the Arabs conquered Persia and part of the Byzantine Empire that lost Egypt, Syria and Palestine. In AD 710, they crossed the Strait of Gibraltar and conquered the Christian kingdoms of Southern Spain and Portugal. In scientific terms, the Arabs had conquered Greek-speaking provinces, making remarkable advances in mathematics, philosophy and medicine. At the end of the eighth century AD, a "House of Wisdom" was founded in Baghdad, and an academy with a library, where Greek science and philosophy were translated into Arabic. The contact with the Arabs provided a convergence of cultures and an exchange of knowledge and experiences, resulting in remarkable discoveries (Hannam, 2010, pp. 19-23).

Optics was one of the fields to which the Arabs brought significant contributions, as well as the development of experimental science (Hunke, 1997, p.101). Their physical-optical theories have dominated European science up to modern times. Roger Bacon (c. 1214-c. 1292), a Franciscan Friar from Oxford University, enunciated the founding principles of experimental science in his work *Opus Majus*:

"I now wish to unfold the principles of experimental science since, without experience, nothing can be sufficiently known. For there are two modes of acquiring knowledge, namely, by reasoning and experience. Reasoning draws a conclusion and makes us grant the conclusion but does not make the conclusion certain, nor does it remove doubt so that the mind may rest on the intuition of truth unless the mind discovers it by the path of experience; since many have the arguments relating to what can be known, but because they lack experience they neglect the arguments, and neither avoid what is harmful nor follow what is good" (Bacon, *Opus Majus* Vol. II, 1962, p. 583).

Roger Bacon's knowledge about optics is based on the work *Opticae Thesaurus* by the Arab Alhazen mathematician, astronomer and physicist Alhazen (Hasan Ibn al-Haytham c. 965 – c. 1040) (Hunke, 1997, p. 93). Reading magnifiers, were plano-convex lenses of rock crystal or beryl, designated as *lapis ad legendum*, (Reading Stone) (Fig. 2) are mentioned in the Minnesang German medieval poetry in the second half of the thirteenth century (On this subject, see Barroso, 2022, pp. 198-261), meaning that they were currently used. They were lenses of beryls or rock crystal, which increased the size of the letters, enabling reading to people over forty years old suffering from presbyopia, as explained by Roger Bacon:



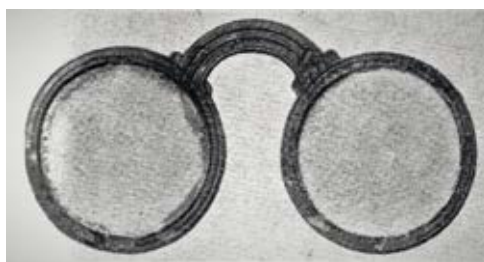
2a. Detail from Death of the Virgin Mary. Engraving by Martin Schongauer (1450-1491). In Pflugk, 1958, pp. 26-28, fig. 1.

If a man looks at letters or other small objects through the medium of a crystal or of glass or of some other transparent body placed above the letters, and it is the smaller part of a sphere whose convexity is toward the eye, and the eye is in the air, he will see the letters much better and they will appear larger to him. For in accordance with the truth of the fifth rule regarding a spherical medium beneath which is the object or on this side is its center, and whose convexity is toward the eye, all conditions are favorable for magnification, since the angle is larger under which the object is seen, and the image is larger, and the position of the image is nearer, since the object is between the eye and the center. Therefore this instrument is useful to the aged and to those with weak eyes. For they can see a letter, no matter how small, sufficiently enlarged (Bacon, *Opus Majus* Vol. II, 1962, pp. 574-5).

Reading magnifiers were already mentioned by Alhazen and even before by Arabic authors but translated into the European languages as looking glasses and mirrors (Benfeghoul, 2022, pp. 259-315) (Fig. 2).

Rare specimens of these earliest visual aids evolved into monocular lenses mounted in a metal frame and handle and to earliest spectacles, which consisted of riveting two monocular lenses. Instead of being put on the manuscripts and moved while reading, they were perched at the base of the nose. Literary evidence indicates their appearance around 1285 (Delcorno, 1974, p. 75). The first representation of rivet spectacles in painting appeared in 1352, abounding throughout European art after that date. A detail from the engraving "The death of Mary" by Martin Schongauer (1450-1491) depicts a man reading a manuscript with the help of a pair of rivet spectacles directly put on a manuscript, amplifying the letters (Pflugk, 1958, pp. 26-28) (Fig. 2a)

3. Pinkheimer's spectacles c. 1520-1530. In Pflugk, 1958, p. 20, fig. 4.



4a. Detail of the fresco by Tommaso da Modena (1326-1379) in the Convent of San Niccolò, Sala del Capitolo, Treviso. In Appuhn, 1958, pp. 2-8, fig. 3.



4. Parts of rivet glasses of the oldest form (Type I) made of beechwood: straight handle, grooved and slotted frame. The parts are each 66 mm long and 2mm thick. The rivet has broken off. The glasses are missing. In Appuhn, 1958, pp. 2-8, fig. 1.



The earliest spectacles in Europe

Magnifiers and spectacles appear in wills since they were expensive, rare and valuable objects. In 1853, Léon, Marquis de Laborde, curator of the Louvre Museum of Antiques, and general director of the archives of the Empire from 1807 to 1869 published the inventories of nobles from 1399 to 1589, considering their helpfulness as they contained information about objects in everyday life, focusing on the Middle Ages and the Renaissance (Laborde, 1853, Introduction, pp. VII-X).

Sometimes magnifiers and spectacles (bericles) were decorated with silver and gold and kept in cases (Laborde, 1853, pp. 163-164).

In 1867, the spectacles of the German lawyer, humanist and prominent Renaissance figure Willibald Pinkheimer (1470-1530) from Nürnberg, discovered behind the panelling of his study room, were the earliest known to us (von Horst Appuhn, 1958, pp. 2-8). They were leather pince-nez (*Bügelbrille*) (Fig. 3).

A pair of leather spectacles with plano-convex glass lenses + 3.00 diopter in a gold setting, which belonged to Friedrich II, King of Denmark (1534-1588), were also known (Lundsgaard, 1929, p. 98).

The archaeological intervention in the Wienhausen Convent in 1953 in the Lüneburg Heath in Germany discovered two complete and nine incomplete rivet spectacles from the fourteenth century, the earliest that have come to our sight. The convent, founded in 1221 for nuns of the Cistercian Order, preserves a valuable collection of pre-Gothic religious art and a vast archive from which we can reconstruct its past and the nun's everyday life.

During the choir's archaeological work, in the autumn of 1953, objects covered with dust were found among the planks of the choir. Findings from monastic life included countless figures of saints, prayer books and religious song lyrics, candles, rosaries and pilgrim objects. Items from everyday life, such as rattles, knives, scissors, painted shells, brushes, wax tablets and a set of eyeglasses, some even with custom-made leather cases, were also found. Most are from the fifteenth century. Some manuscripts and miniatures are possibly from the early fourteenth century, and others from the sixteenth and seventeenth centuries.



5. Type II linden wood riveted glasses with bent stem and frame still slotted. The parts are 69 and 63 mm and 2mm thick. Left lens: green-sighted with large air bubbles. Spherometry Right lens: dark yellow with a green tint, maximum refractive index +3,0 diopter. Spherometry 1. Flat surface; 2 surfaces + 3,00 diopter d. 1,4 mm Ø 34mm. In Appuhn, 1958, pp. 3-8, fig. 7.

6a. Detail of the painting from the Altar of the Church of Bad Wildungen from 1404 by the German Gothic painter Konrad von Soest (1370-1422). in Appuhn, 1958, pp. 3-8, fig. 5.

6. Type III Lindenwood riveted glasses. The two parts are 64 and 67 mm long and 3.5 mm thick. The glasses have a yellowish tinge. Left lens: Spherometry Right lens: dark yellow with a green tint, maximum refractive index +2,75 +3,25 diopter. Spherometry 1. Flat surface; 2 surfaces + 2,25+3,25 diopter d. 1,4 mm Ø 33mm. In Appuhn, 1958, pp. 2-8, fig. 6.

Rivet spectacles, until then known just from paintings, were classified into three typologies according to their evolution, although precise dating is impossible.

All are made of wood and are surprisingly light. From Type I up to Type III, the handle of the monocle gradually curves to fit better over the nose, the two lenses continuing to be joined by the rivet.

Type I (**Fig.4**) corresponds to two monocles of different rivet spectacles made of beech tree wood. The rivets are broken. The left is decorated with engraved circles. Lenses are missing. These fragmented rivet spectacles are similar to the earliest depicted in the Fresco by Tommaso da Modena in 1352 (**Fig. 4a**).

Type II are linden wood riveted glasses with bent stems and slotted frames. The parts are 69 and 63 mm and 2 mm thick. The rivet is broken. Left lens: green-sighted with large air bubbles. Spherometry Right lens: dark yellow with a green tint, maximum refractive index +3,0 diopter. Spherometry: 1. Flat surface; 2 surface + 3,00 diopter d. 1,4 mm Ø 34mm (**Fig 5**).

Type III rivet spectacles are made of linden wood. The rivet on the glasses was replaced upon its finding. The two parts are 64 and 67 mm long and 3.5 mm thick. The glasses have a yellowish tinge. Left lens: Spherometry: Right lens: dark yellow with a green tint, maximum refractive index +2,75 +3,25 diopter. Spherometry: 1. Flat surface; 2 surface + 2,25+3,25 diopter d. 1,4 mm Ø 33mm (**Fig. 6**) They have a parallel in the painting from the Altar of the Church of Bad Wildungen from 1404 by the German Gothic painter Konrad von Soest (1370-1422). It is the

first depiction of spectacles in paintings from the North of the Alps (**Fig. 6a**) (von Horst Appuhn, 1958, pp. 2-8).

The study of a small oak wood Gothic casket, housed in the Lüneberg Museum, close to the Wienhausen monastery, helped to date the eyeglasses more precisely by comparing their style with other objects from the same period. The lid bears an image of Christ as the World's Judge enthroned in an almond-shaped glory. The apocalyptic animals, considered symbols of the four evangelists and therefore hold scrolls with their names, belong to this image taken from the Revelation of St. John.

Sparse carvings on the walls indicate frames with two recessed panels each, covered by precious small lattices, representing soldiers with swords and round shields in a uniform cast of pewter and gilded, between four-petaled flowers, laurel and oak branches.

Four slightly curved glass panes with the evangelists' symbols (on the reverse glass painting) decorate the four corners of the casket (**Fig.7**).

The glass panes are cut lenses that could be used in spectacles before the back was painted. Their size, thickness and irregularities correspond to the pieces found in Wienhausen, especially the Type II rivet spectacles. The convex tops of the glasses were measured with the Spherometry: top left (Angel - Matthew) +3.5 diopters (**Fig. 7a**), bottom left (Leo-Markus) +2+3 diopters, lower right (Taurus-Lukas) +3 diopters, upper right (eagle-Johannes) + 2.5+3 diopters). The undersides cannot be measured because the glasses are firmly cemented to the wood.



7. Lid of the Gothic box from the Lüneburg Town Hall, made around 1330. The carved relief of the Judges of the Worlds surrounds the Evangelists' symbols, painted in the style of early Gothic enamel behind eyeglasses. The lid is an upper level. Below, a strip decorated with gilded pewter reliefs depicting fighting knights and soldiers in the round medallions. In Appuhn, 1958, pp. 62-65, fig. 1.



7a. Broken lens on the case. The reverse glass painting in gold, blue, red and black depicts an angel as a symbol of Matthew the Evangelist. The glass (in original size) is plano-convex with a refractive index of 3.5 ptr. In Appuhn, 1958, pp. 62-65, fig. 3.



8. Leather spectacles from the Germanisches National Museum in Nuremberg, Germany Museum (c. 1500) in Pfluck, 1958, pp. 17-21, fig.1.



The casket was dated 1330. The rivet spectacles would be from the same time, earlier than the painting by Thomas of Modena from 1352 (Appuhn, 1958, pp. 62-65).

These were the earliest known spectacles. Their discovery provided better knowledge about the materials employed in their fabrication. In the paintings, it was impossible to figure out the material, considered ivory or bone. Although made of wood, they were light but difficult to hold in place, frequently falling to the ground and getting broken. The lenses were of transparent glass. The differences between the left and right lenses from Type II and III were determined by the empirical fabrication method since optometry was introduced much later by Benito Daça de Valdes (1591-1634), known as the Father of Optometry (Valdes 1623).



Leather spectacles

Rivet spectacles evolved to pince-nez. The bridge was cast and lowered to better fit at the base of the nose. Leather also replaced wood. The leather started to replace wood in the early fifteenth century. In the inventory from the Dukes of Burgundy, two pairs of spectacles from 1420 were made of leather. However, they were no visual aids. The lenses were of crystal, which would be plane, and would protect from the dust when riding:

Two bericles, or eyeglasses of gold and crystal, mounted on a frame of grey camel leather, which one puts on for powder in front of the eyes when one rides, at the end of which are two pearl buttons (Dukes of Burgundy. 4239.)

(Deux bericles, ou oeiliez d'or, de cristal, assis sur un camelot cendré, que l'on met pour la pouldre devant les yeulx quant l'on chevauche, au bout des quelx a ij boutons de perles. (Ducs de Bourgogne. 4239.)
(Laborde, 1853, p. 163).

Around 1490 and 1495, leather spectacles were already available in Germany. The oldest, from c. 1500, is housed in the Germanisches National Museum in Nuremberg, Germany (**Fig. 8**). The frames are similar to Pinkheimer's spectacles from the early sixteenth century (just the bridge is thicker) and other specimens from the sixteenth century (**fig. 8**) and **fig. 10** from the seventeenth century (Pflugk, 1958, pp. 17-21).

In the mid-sixteenth century, leather spectacles produced by a spectacle-makers's guild. Horn was also used for frames, as stated by the German Meistersinger Hans Sachs (1494-1576) in his booklet printed in 1567/1568:

"I make glasses clear and light
Suiting different ages
From forty to eighty years
The vision to preserve
The frame of leather or horn.

*(Ich mach gut Brillen klar und liecht
Auff mancherley Alter gericht
Von viertzig biß auf achtzig jarn
Damit das gsicht ist zu bewarn
Die Gheuß von Leder oder Horn."*
(Apud Pflugk, 1958, pp. 17-21).

By that time, leather spectacles were also available in France, Great Britain and Spain, sometimes sold in wood cases. English leather spectacles had thinner frames and bridges.

Turtle and different metals started to replace leather in the seventeenth century. However, despite their intrusive appearance, they were sometimes used during the eighteenth century since leather was available, light, and easy to fit the face (Pflugk, 1958, pp. 17-21). Leather spectacles presumably would also be available in Portugal.



10. Portrait of Princess Saint Joana, Portuguese School c. 1472. Oil on oak wood from the Convent of Jesus in Aveiro. Inv. 1/A. Photo: Luis Pavão, 1990. © CMA – MAV/SJ



9. Facade of the Museum of Aveiro / Santa Joana. Photo: Manuel Gomes Teixeira, 2009. © CMA – MAV/SJ

The Museum of Aveiro / Santa Joana

The Museum of Aveiro (**Fig. 9**) was founded in 1911 on the premises of the Convent of Jesus, founded on May 16, 1461, by the bull of Pope Pius II (Rules of the Papal States from 1468-1464), for Dominican nuns of the Preachers Order, in a cloistered regime. Seven years later, the royal Princess Joana (1452-1490), daughter of King D. Afonso V (reigned from 1438, being six years old, to 1477, under the regency of his uncle D. Pedro, Duke of Coimbra (1392-1499), and 1477-1481), heir to the Portuguese throne, entered the convent, attracted by a life of sanctity and prayer. She was the sister of the future King D. João II (1455-1495). She was beatified by Pope Innocent XII (papacy 1691-1700) in 1693 (Pereira, 2015, pp.41-53; Braga 2020, p.14).

Her holiness, devotion and charity made her an icon of the Museum and the city of Aveiro. Princess Joana is said to have refused three marriages with European monarchs. A portrait from c. 1472 (**Fig. 10**) depicts the Princess in court attire, according to her statute, intending to represent the great lady of the state for which she was destined. The authorship was attributed to the royal painter Nuno Gonçalves (c.1420- c.1490), but recent research has refuted this conjecture. The authorship of the painting is unknown, being currently attributed to the Portuguese school of Portuguese painters and standing as one of the best produced in Portugal in the second half of the 15th century (Christo, 2015, pp. 105-112).

After the liberal wars, the "General Ecclesiastical Reform" in 1834 led to the closure of all convents, monasteries, colleges, hospices and houses of all religious orders. The county bishops ran the nuns' institutions until the death of the last nun, which marked the date of definitive closing. All assets were incorporated into the goods of the National Treasury (Braga 2020, 8). In 1911, the Museum of Aveiro was founded in the Convent facilities.

Spectacles

³Available at <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=1102334> accessed 1 May 2023.

⁴Available at <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=1102334> accessed 1 May 2023

Archaeological excavations in the Museum of Aveiro in the 30s of the twentieth century have brought four pairs of spectacles to light. Possibly, these pieces belonged to the nuns of the Convent of Jesus in Aveiro, which became part of its collection at the time of the creation of the Museum³. A leaflet found with the spectacles, confirmed that they belonged to the nuns (Fig.11):

Curiosities of convent life.

Lunettes - coin - bezel rings - and glasses of nuns from the Jesus Convent.

The nuns in the choir probably used them to read the musical scores when singing (Fig. 12). Princess Saint Joana also used to sing in the choir. She grabbed capable breviaries for the choral office from her father, King D. Afonso V, who gave her money to buy a breviary from the Dominican Convent of Benfca in Lisbon (Gaspar, 2015, pp. 29-35).

The spectacles from the Wienhausen Convent were also found in the choir. With its beautiful reading pulpit and tiled walls, the refectory would also be a place where spectacles would be used (Fig. 13).

The Museum also keeps a remarkable library of books from the 1500s and 1800s, mainly religious (Christo, 2015, pp. 105-112), for which reading lenses and spectacles would be helpful over the centuries.

All spectacles had round lenses and no temples. Three are pince-nez. One keeps intact lenses. The other is a pair of nose clip glasses with preserved lenses, one being broken.

The Inv. Nr. - 55/L has a frame front, leather bridge, and no lenses (Fig. 14). The Inv. Nr. - 56/L has a frame front, leather bridge, and no lenses. The rims next to the part that rests on the nose are bent inwards for better support since eyeglasses had no temples at the time. (Fig. 14a). The Inv. Nr. 57/L. has a frame front, leather bridge and transparent glass intact lenses. They are bi-concave negative lenses; -5 diopters (Fig. 14b).

In the early seventeenth century, pince-nez evolved to nose clip glasses (Greeff, 1929, pp. 24-26). The Inv. Nr. 54/L. are nose pinch glasses with a frame front and bridge of silver-plated copper and transparent glass lenses. The right lens is broken. It is a bi-concave positive lens 1 diopter. The frame comprises a single silver-plated laminated copper wire that forms the bridge, continues laterally to form both hoops and closes them at the top with a hook system⁴ (Fig. 15).

The pince-nez are similar to the earliest from the sixteenth century (Fig. 3 and 8) and are from leather. However, further evidence is required regarding the context in which the spectacles were found or the relationship to other objects in the Museum to ascertain a precise date.

Pince-nez were in use from the end of the 15th century until the mid-eighteenth century, although their use sporadically lasted until the mid-eighteenth century.

Metal-rimmed glasses began to be used in the early seventeenth century. The oldest specimens are similar to the glasses from the Museum of Aveiro. Their shape evolved until they were fitted with temples in the mid-eighteenth century (Greeff, 1929, pp. 27-31).

Note: Graduation of lenses from N.º inv. MA. 57/L and N.º de inv. MA. 54/L determined by Sr. António, Ótica Nascimento.



12. Choir of the Convent of Jesus in Aveiro. © CMA – MAV/SJ

13. Refectory of the Convent of Jesus in Aveiro. Fifteenth/sixteenth centuries. Pl. 39. Photo: José Rubio, sd. © CMA – MAV/SJ



11. Leafleft from the inventory. © CMA – MAV/SJ



14. Leather spectacles. H: 4,6 cm, W: 9,2 cm. No lenses. Inv. Nr.- 55/L. Inv. Nr.- 55/L. © CMA – MAV/SJ

14a. Leather spectacles. H: 5 cm, W: 10 cm. No lenses. Inv. Nr. – 56/L. © CMA – MAV/SJ

14b. Leather spectacles. H: 4,6 cm, W: 10 cm. Lenses: Transparent glass. Inv. Nr. 57/L. © CMA – MAV/SJ



15. Wireframe spectacles from silver-plated copper. Lenses: transparent glass, the right lens is broken; Inv. Nr. 54/L. © CMA – MAV/SJ



Saint Joana's ceremony of taking the habit

⁵Available at https://baroqueart.museumwnf.org/database_item.php?id=monument;bar;pt;mon11;31;pt accessed 15 May 2023.

⁶<https://www.facebook.com/museuaveiro/posts/pfbid02jtJU76kLg4PmP-6VEFbMJf7JNfxYbJGZtW-FfENfZtwzupxMw628Y-9VkjBoa957Udl> accessed 15 May 2023.

⁷John 7:53–8:11 available at <https://bible.oremus.org/?passage=John%207:53%E2%80%938:11&version=nrsv> accessed 16 May, 2023.

⁸Philadelphia Museum of Art available at <https://philamuseum.org/collection/object/102202> accessed 16 May, 2023.

The Museum houses 477 paintings dating from c. 1472 to the early twenty-first century, with religious paintings from the 15th to the 18th centuries as its central thematic core (Christo, 2015, pp. 103-112). A set of baroque paintings in naive style, from 1729, by the painter Emanuel Ferreira e Sousa (dates of birth and death unknown) from c.1734 commissioned by the Monastery depict scenes from Princess Santa Joana's life, with clothing from the 18th century.⁵

One of these paintings from c.1734 depicts the Princess Saint taking the habit of the Dominican Order on January 25, 1475, against the will of her father and brother, the court and most of the kingdom's people. The prioress, D. Brites Leitão, carried out the ritual of cutting her hair, attended by D. Mícia Alvarenga and the Novices' Mistress. Princess Joana's jewels and the three crowns she refused are lying on the floor⁶. On the right, a nun is holding a book and wearing spectacles (Fig. 16). Spectacles are needed to correct presbyopia, a condition that affects all types of eyes in people from their early forties onwards. It is caused by the loss of elasticity of the eye lens, which reduces accommodation, resulting in difficulty focusing on nearby objects (Allen 1972, 365). The frames are black.



Christ and the woman taken in adultery

The Museum of Aveiro also houses a painting depicting Christ and the woman taken in adultery by the Portuguese school of painting from 1650 to 1700 (Fig. 17). The Gospel of Saint John narrates the episode. Scribes and the Pharisees brought to the temple a woman caught in adultery⁷. The topic was recreated before the Portuguese painting by artists as the Flemish painter Pieter Brueghel the Younger, active in Antwerp) from 1564–1637/38) c. 1600 and his father Pieter Brueghel, the Elder (c.1525–1530):

In his encounter with the adulteress (John 8:7), Jesus begins to write, "Die sonder sonde is, die w..." ("He that is without sin [among you]!") on the ground. For this work, Pieter Brueghel the Younger followed the composition of his father's (Pieter Brueghel the Elder) 1565 grisaille painting, now in the Courtauld Institute of Art Gallery in London.⁸

The Portuguese painting follows the scene but not in a biblical ambience. The figures wear court clothes. The predominance of reds and the golden embroidery on the tunics and cloaks, contrasting with the delicate white transparency of the cloak and the pallor of the woman, while waiting with her eyes on the ground, her more than likely sentence to be stoned, cannot help reminding me of what Reynaldo dos Santos (1880-1970), physician and pioneer of Vascular Surgery and Portuguese History of Art, wrote about the characteristics of Portuguese art, between the 15th and 16th centuries, but which seems that this painting continues into the seventeenth century: "Our painters loved colour like a jewel." In the background, doves flying in an overcast sky imbue the scene with drama and perhaps hope, or what Reynaldo dos Santos called "Portuguese sweetness" (Santos, 1957, p. 43-46).



16. Taking habit or haircut, c. 1734. Portuguese school. Oil on canvas from the Convent of Jesus, Aveiro, Inv. 233/A. Photo: José Pessoa, 1994 © CMA – MAV/SJ

17. Christ and the woman taken in adultery. Portuguese school. Oil on canvas from the Convent of Jesus, Aveiro, from 1650 to 1700. Inv. 273/A. Photo: José Pessoa, 2010. © CMA – MAV/SJ

18. A bishop wearing rivet spectacles with oval lenses. Detail for a predella of a Gothic altar. Sketch from a Museum Emperor Friedric, Berlin, catalogue, in Greeff, 1929, p. 22.

The earliest spectacles for women

In this scene, Christ is writing his teaching on the floor, and a man (or a woman?) with a cloak is moving forward, trying to read His words. He is wearing spectacles which seem to be oval. They can be round glasses, which, due to the effect of perspective, seem oval, or true oval lens spectacles. The frames are black. Looking in the distance, he (or she) would not be wearing spectacles with convex lenses but concave lenses to correct myopia. Concave optical lenses or plano-concave lenses (lenses with one concave surface and one flat surface) to rectify myopia were in use by the end of the fifteenth century (Pansier 1901, 29). However, the painter appears to have skipped the lenses.

This painting raises the question of oval lenses to shorten the round lenses and increase the width. These specimens are a rarity in the History of ancient spectacles. According to the German ophthalmologist Karl Richard Greeff (1862-1938), turtle spectacles with oval lenses fabricated between 1702 and 1714 were mentioned for the first time in 1913/1914.⁹ A much earlier sketch from 1510 by an artist from Tirol in a catalogue (Nr. 1737) of the Museum Emperor Friedric in Berlin already portrayed a bishop wearing rivet spectacles with oval lenses, held in place with his left hand in a detail for a predella of a Gothic altar (Greeff, 1929, p. 22) (Fig. 18).

Women appear two times in early inventories as owners of magnifying glasses. The first is Queen Joan of Évreux (1310-1371), the third wife of King Charles IV of France:

“For a magnifier glass encircled like an eyeglass, prized XX francs.
(Account of the will of Queen Joan of Évreux.”

(“Pour un vericle encerné en manière de lunette, prisé XX francs.
Compte du testament de la Roynne Jehanne d'Evreux.”)
(Laborde, 1853, p. 163).

The second is Archduchess Margaret of Austria (1480-1530), the first female regent in the Netherlands, Governor of the Habsburg Netherlands from 1507 to 1515 and from 1519 to 1530:

“A bericle, a garnished silver handle with a little golden lion above, to read over a book. (Inventory Margaret of Austria, no. 225”.

(“Une béricle, garnie le manche d'argent et audessus du dict manche ung petit lion donré, pour lyre surung livre. (Inventaire de Marguerite d'Autriche, no 225.”)
(Laborde, 1853, p. 164).

In the sixteenth century, illustrations of women wearing spectacles are more frequent. In the seventeenth century, women are numerous in Dutch painters' works (Weve, 1929, pp. 64-67).

⁹In Zeitschrift für ophthalmologische Optik mit Einschluß der Instrumentenkunde. 1. Jg 1913/1914) Bd. 1, S. 172.

Conclusion

In this essay, spectacles and paintings of people wearing spectacles in paintings from the Museum of Aveiro / Santa Joana have been showcased and analysed within the scope of what is currently known about ancient spectacles.

Of the four pairs of spectacles found, three are leather pince-nez, which were used from the late fifteenth to mid-eighteenth century. The wireframed spectacles were used from the seventeenth century to the mid-eighteenth century until temple spectacles were replaced. The leather pince-nez match the earliest items from European Museums dating back to the early sixteenth century. The pair of wireframed spectacles match the spectacles from the early seventeenth century. For a more precise dating, further evidence is required. However, these are the earliest spectacles I found, ranking among the earliest in Europe.

The paintings are characteristic of the Portuguese school of painting and date back to the early seventeenth and eighteenth centuries. The spectacles of the nun depicted in the ceremony of Saint Joana taking the habit are also pince-nez, in black colour. They could be leather spectacles. The fact that the painter depicted a nun wearing spectacles indicates that it was a known fact.

The painting of the woman taken to Jesus in adultery brings up the rare and exciting existence of oval lenses.

The fact that the oldest glasses were discovered in nun convents in Germany and Portugal is the most remarkable presence of women in the History of Ancient Spectacles, rendering visibility to nuns and their religious and intellectual work.

Emerging from a monastic context, it is not, in reality, surprising that spectacles and paintings with figures wearing spectacles appear in convents, in this case, in the Museum of Aveiro, the former cloistred Convent of Jesus.

References

- ALLEN, James - Manual de las Enfermedades de los Ojos. Spanish version by Palomar-Petit. Reprint of the 16th Edition of 1972. Barcelona: Salvat Editores S. A., 1972. ISBN 84-345-1091-X.
- APPUHN, Horst - Ein Denkwürdiger Fund. Zeiss Werkzeitschrift für Zeiss -Freunde [Jena] 6 Heft 27-30 (1958) 2-8.
- APPUHN, Horst. Wie alt sind die Nietbrille von Wienhausen? Zeiss Werkzeitschrift für Zeiss - Freunde. [Jena] 6 Heft 27-30 (1958) 63-65.
- BACON, Roger - The Opus Majus of Roger Bacon. Translated by Robert Belle Burke. New York: Russell & Russell, Inc. 1962 (First published in 1928) Vol. II.
- BARROSO, M.D.S. - History of Spectacles. – Portugal in the Sixteenth Century. In BARROSO, M. D. S.; DUFFIN, C.; Martins e Silva, J. (eds). Insights into Portuguese Medical History: From the Birth of the Art of Asclepius, Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2022. ISBN-13: 978-1-5275-8831-8. ISBN- 13: 978-1-5275-8831-8, pp. 198-261.
- BENFEGHOUL, Farid. Through the Lens of Islam: the Pre-History of Eyeglasses According to Arabic Sources. **Zeitschrift für Geschichte der Arabisch-Islamischen Wissenschaften**, Sonderdruck Band 23, Institut für Geschichte der Arabisch-Islamischen Wissenschaften an der Johann Wolfgang Goethe-Universität, Frankfurt am Main. ISSN 0179-4639 (2022) 259-315.
- BRAGA, Joana - Ordem dos Pregadores. Mosteiro de Jesus de Aveiro. Inventario de descrição arquivística L. 756. Lisboa: Torre do Tombo, 2020. PDF available at https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2020/12/ID-L-756-PT_TT_MJA-2020-v2.pdf.
- CHRISTO, José António Rebocho - O acervo de livro antigo e as Coleções de Pintur, Desenho aguarela, Gravura e Mapas. MARQUES, Lauro Armando Ferreira (ed.). 100 anos do Museu de Aveiro. Aveiro: ADERAV; AMUSA, 2015. ISBN 978-989-20-5484, pp. 103-112.
- DELCORNO, Carlo (ed.). Giordano da Rivalto. Quaresimale fiorentino, 1305-1306. Edizione critica a cura di Carlo Delcorno. Firenze: G.C. Sansoni, 1974.
- GASPAR, Mons. João Gonçalves. Santa Joana – Presença e memória secular no mosteiro de Jesus de Aveiro em Aveiro. MARQUES, Lauro Armando Ferreira (ed.). 100 anos do Museu de Aveiro. Aveiro: ADERAV; AMUSA, 2015. ISBN 978-989-20-5484, pp. 29-35.
- GREEFF, Karl Richard. Klemm, Klamm – oder Federbrillen. In Greeff, K. [et al.] (hrsg). Katalog einer Ausstellung zur Geschichte der Brille. Im Auftrag des Vorstandes des XIII Internationalen Ophthalmologischen Kongresses zu Amsterdam. Amsterdam: Verlag A. E. d' Oliveira, 1929, pp. 24-26.
- GREEFF, Karl Richard - Brillen mit Ohrenstangen, Schläfen Brillen, Eigentliche Brillen. In Greeff, K. [et al.] (hrsg). Katalog einer Ausstellung zur Geschichte der Brille. Im Auftrag des Vorstandes des XIII Internationalen Ophthalmologischen Kongresses zu Amsterdam. Amsterdam: Verlag A. E. d'Oliveira, 1929, pp. 27-31.
- GREEFF, Karl Richard. Ovale Scheiben. Greeff, K. [et al.] (hrsg). Katalog einer Ausstellung zur Geschichte der Brille. Im Auftrag des Vorstandes des XIII Internationalen Ophthalmologischen Kongresses zu Amsterdam. Amsterdam: Verlag A. E. d' Oliveira, 1929, p.29.
- GREEFF, Karl Richard. Ovale Scheiben. Zwei frühe niederländische Brillennachweise, Sammlung wissenschaftlicher Aufsätze und Berichte über die Brille und ihre Geschichte. In Beiträge zur Geschichte der Brille. Herausgeben von den Firmen Carl Zeiss Oberkochen und Marwitz & Hauser, Brillenmacher: Stuttgart, 1958, p. 22.
- GREEFF, Karl Richard. Zwei frühe niederländische Brillennachweise, Sammlung wissenschaftlicher Aufsätze und Berichte über die Brille und ihre Geschichte. In In Beiträge zur Geschichte der Brille. Herausgeben von den Firmen Carl Zeiss Oberkochen und Marwitz & Hauser, Brillenmacher: Stuttgart, 1958, pp. 12-16.
- HANNAM, James - God's Philosophers. How the Medieval World Laid the Foundations of Modern Science, London: Icon Books Ltd, 2010, p. 18. Printed Edition ISBN 978-1-84831-070-4.
- HUNKE, Sigrid - Allahs Sonne über dem Abendland. Unser Arabisches Erbe. Stuttgart: Fischer Taschenbuch Verlag GmbH, 1997. ISBN 3-596-23543-X.
- ILARDI, Vincent - Renaissance vision from spectacles to telescopes. Philadelphia: American Philosophical Society, 2007. ISBN 978-0-87169-259-7 (paper).
- LINDBERG, David C. - The Beginnings of Western Science: The European Scientific Tradition in Philosophical, Religious, and Institutional Context, Prehistory to AD to 1450. University of Chicago Press, Chicago, 2008, second edition. ISBN-13: 978-0-226-4825-7pp.336-337. ISBN-10: 0-226-4825-0-7 (paper).
- LABORDE, Léon - Marquis de. Notice des émaux, bijoux et objets divers exposés dans les galeries du Musée du Louvre. Ite Partie. Documents et Glossaire, Paris: Vinchon, Imprimeur des Musées Impériaux, 1853.
- LUNDGAARD, Konrad - Brillen berühmter Männer. In Greeff, K. [et al.] (hrsg). Katalog einer Ausstellung zur Geschichte der Brille. Im Auftrag des Vorstandes des XIII Internationalen Ophthalmologischen Kongresses zu Amsterdam. Amsterdam: Verlag A. E. d' Oliveira, 1929, p. 98.
- PANSIER, Pierre - Histoire des Lunettes. Paris: Éditeur A. Maloine, 1901.
- PEREIRA, Isabel Sousa. Museu de Aveiro: O Museu e a memória do Convento. MARQUES, Lauro Armando Ferreira (ed.). 100 anos do Museu de Aveiro. Aveiro: ADERAV; AMUSA, 2015. ISBN 978-989-20-5484, pp. 41-53.
- PFLUGK, Albert Otto von. Lederbrille. In Beiträge zur Geschichte der Brille. Herausgeben von den Firmen Carl Zeiss Oberkochen und Marwitz & Hauser, Brillenmacher: Stuttgart, 1958. Catalogue, p. 17-21.
- PFLUGK, Albert Otto von - Über Brille in alter Kirchenkunst. Beiträge zur Geschichte der Brille. Sammlung wissenschaftlicher Aufsätze und Berichte über die Brille und ihre Geschichte. In Beiträge zur Geschichte der Brille. Herausgeben von den Firmen Carl Zeiss Oberkochen und Marwitz & Hauser, Brillenmacher: Stuttgart, 1958. pp. 26-28.
- PFLUGK, Albert Otto von - Brillen in der mittelalterlichen Buchillustration. Beiträge zur Geschichte der Brille. Sammlung wissenschaftlicher Aufsätze und Berichte über die Brille und ihre Geschichte. In Beiträge zur Geschichte der Brille. Herausgeben von den Firmen Carl Zeiss Oberkochen und Marwitz & Hauser, Brillenmacher, Stuttgart, 1958: p. 34.
- PFLUGK, Albert Otto von - Scissor spectacles." In Greeff, K. [et al.] (hrsg). Katalog einer Ausstellung zur Geschichte der Brille. Im Auftrag des Vorstandes des XIII Internationalen Ophthalmologischen Kongresses zu Amsterdam. Amsterdam: Verlag A. E. d' Oliveira, 1929, pp. 214-215.
- SANTOS, Reynaldo. Conclusão. Os Primitivos Portugueses. 2ª edição, corrigida e aumentada. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1957.
- VALDES, Benito Daça de - Vso de los antoios para todo genero de vistas: en que se enseña a conocer los grados que a cada vno le faltan de su vista y los que tienen qualesquier antojos. Seuilla: Diego Perez, 1623.
- WEVE, Henricus Jacobus. Die ersten Brillen für Frauen. In Greeff, K. [et al.] (hrsg). Katalog einer Ausstellung zur Geschichte der Brille. Im Auftrag des Vorstandes des XIII Internationalen Ophthalmologischen Kongresses zu Amsterdam. Amsterdam: Verlag A. E. d' Oliveira, 1929, pp. 64-67.

C. H. Morgan





JOÃO AUGUSTO MARQUES GOMES

contributos para o estudo de
um eminente representante da
historiografia aveirense

Carla Fischer Seródio

Arquivo Municipal de Aveiro
cserodio@cm-aveiro.pt

Visando assinalar o 170º aniversário do nascimento de João Augusto Marques Gomes, o presente trabalho apresenta esta figura proeminente da história de Aveiro do final do século XIX e início do século XX, explorando as múltiplas facetas da sua atuação numa sociedade em desenvolvimento e num período de significativas transformações políticas. Tem como objetivo aprofundar a compreensão do legado deixado por João Augusto Marques Gomes e da sua influência na história e cultura de Aveiro e da sua região.

Marques Gomes dedicou-se incansavelmente à pesquisa histórica ao longo de toda a sua vida, legando à posteridade um vasto acervo que compreende não só uma extensa produção literária, como igualmente um conjunto de ações notáveis no âmbito da historiografia local e nacional, das quais se destaca a criação do Museu Regional de Aveiro. Este estudo pretende, essencialmente, resgatar do esquecimento este convicto aveirense que viveu e trabalhou sempre com o objetivo de manter bem viva a memória da cidade de Aveiro.

With the aim of commemorating the 170th anniversary of the birth of João Augusto Marques Gomes, the present work intends to present this prominent figure of Aveiro's history in the late 19th and early 20th century, exploring the multiple facets of his involvement in a society in development and in a period of significant political transformations. The goal is to deepen the understanding of the legacy left by João Marques Gomes and his influence on the history and culture of Aveiro and its region.

Marques Gomes dedicated himself tirelessly to historical research throughout his life, leaving to posterity a vast collection that includes not only extensive literary production but also a set of remarkable actions in the field of local and national historiography, among which stands out the creation of the Regional Museum of Aveiro.

This study essentially aims to rescue this dedicated Aveirense who lived and worked with the objective of keeping the memory of the city of Aveiro alive from oblivion.

¹O *Campeão das Províncias*. 8-02-1908.

«(...) uma robusta organização intelectual, servida por uma poderosa força de vontade; uma grande alma formada para os mais generosos cometimentos; um temperamento, uma natureza privilegiada, em que o acompanhamento do meio em que vivemos não conseguiu produzir seus efeitos delectosos.¹»

Introdução

²Epíteto atribuído à cidade de Aveiro no título de uma obra dedicada ao Coronel Jerónimo Morais Sarmento de autoria de João Marques Gomes, em 1899.

Numa cidade profundamente marcada pelos ideais liberais, que designa como «berço da liberdade»², João Augusto Marques Gomes destaca-se como um eminente representante da historiografia aveirense nas suas mais diversas vertentes. A sua dedicação incansável à pesquisa histórica ao longo de toda a vida legou à posteridade um precioso acervo que compreende não somente uma vasta produção literária, como também um conjunto de ações notáveis no âmbito da historiografia local e nacional.

Filho de Francisco Tomé Marques Gomes, que desempenhou inúmeros cargos de destaque em Aveiro, no qual se inclui o de provedor da Santa Casa da Misericórdia, e de Ana Cândida Barros de Almeida, nasceu a 6 de fevereiro de 1853, juntamente com o seu irmão gémeo, Francisco, na rua dos Mercadores, da freguesia da Vera Cruz, em Aveiro.

Foi apadrinhado por Manuel José Mendes Leite e pela Viscondessa de Sto. António, o que terá marcado indubitavelmente a sua personalidade e o seu percurso profissional. Mas o seu pai foi sem sombra de dúvida, o seu maior mentor, tendo-lhe dedicado uma profunda admiração.

Desenvolveu os seus estudos no Liceu Nacional de Aveiro e ingressou, por decreto de 20 de outubro de 1881, no Governo Civil do mesmo distrito para exercer funções na qualidade de amanuense. Não dedicou a sua vida exclusivamente à função administrativa para a qual tinha sido designado, entregando-se, igualmente de forma efusiva ao estudo da história da arte e do património da sua terra natal – atividade essa que muito o absorveu.

Participação na vida cívica

Através das palavras de Francisco Magalhães, publicadas em 1908³, somos transportados para o ambiente de trabalho de João Marques Gomes, o que permite compreender melhor esta figura incontornável.

«Marques Gomes, no meio dos seus livros, rodeado dos seus queridos “biblots”, das suas recordações e retratos de família, manuseando velhos afarrabios, compulsando poeirentos manuscritos no retiro sossegado do seu escriptorio; está no seu meio apeteçido, no seu mundo.»⁴

Herdando, provavelmente, o gosto do seu pai, João Marques Gomes empenha-se no estudo e compreensão da historiografia local, o que lhe deu acesso a inúmeros artefactos históricos e à possibilidade de se empenhar de forma ativa e quase exclusiva, na qualidade de funcionário do Governo Civil, na organização do Museu Regional de Aveiro.

Durante os seus 78 anos de vida, João Marques Gomes pugnou sempre pela preservação e valorização da memória da cidade de Aveiro, pelo que a sua presença em todas iniciativas de âmbito cultural da cidade era assídua e participativa. É neste contexto que se envolve na criação do «Grémio Moderno», e, através deste, na organização da visita real de D. Manuel II a Aveiro, integrado na respetiva comissão de festas com Francisco da Silva Rocha e João de Moraes Machado, em 1908; e em diversos atos públicos de notada relevância, para assim promover a sua cidade.

No âmbito da comemoração do centenário da morte de Marquês de Pombal, inaugura, a 8 de maio de 1882, a «Exposição Distrital de Aveiro», produzindo para o efeito o respetivo catálogo e, em coautoria com Joaquim de Vasconcelos, um álbum ilustrado intitulado «Exposição Districtal de Aveiro em 1882: relíquias da arte nacional».



1. João Augusto Marques Gomes. In «Sessão de Arte», em 1916.

Em 1895, convocado pela comissão do centenário antoniano, é responsável pela seleção de peças artísticas provenientes do distrito de Aveiro e pela elaboração do catálogo de uma exposição de arte sacra ornamental, em Lisboa. Nesse mesmo ano, organiza em Aveiro a «Exposição de Arte Religiosa» no edifício outrora ocupado pelo Convento de Jesus, com o intuito de valorizar e divulgar o património histórico existente na cidade.

Torna-se membro da Academia Real de Belas Artes, da Academia Real das Ciências de Lisboa, da Real Academia de História de Madrid e do Instituto de Coimbra, com os quais colaborou na qualidade de consultor. Exerceu igualmente a função de sócio correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Sociedade Comercial do Porto.

É de assinalar a sua intervenção, como correspondente do Conselho dos Monumentos Nacionais, no processo de “amputação” do edifício do Convento das Carmelitas, em Aveiro, para a construção de uma «nova avenida», em 1905, a propósito do qual emitiu um parecer negativo, apelidando a intervenção de «atentado»⁵. Contudo, a sua posição desfavorável e a forte contestação pública não travaram a destruição de parte do edifício erigido

³O *Campeão das Províncias*. 8-02-1908.

⁴“Marques Gomes no seu Gabinete” in *Campeão das Províncias*. 8-02-1908

⁵Ofício de 31 de março de 1905, assinado por João Marques Gomes na qualidade de Representante do Conselho de Monumentos Nacionais em Aveiro. PT-ANBA-ANBA-B-001-00018_m024



2. Imagem do perfil de João Augusto Marques Gomes. In «Ilustração Moderna», nº 5 (set. 1926), p.109.

Família e amizades

⁶A Irmandade do Senhor Jesus dos Passos de Aveiro, também conhecida como Senhor dos Passos e da Santíssima Trindade. A sua responsabilidade era organizar as celebrações da Semana Santa. Arquivo Distrital de Aveiro (PT/ADAVR/DIO/ISJPVAVR/009/0003/000450).

⁷GOMES, João Augusto Marques – *A Mulher Atravez dos Seculos*. Porto: Livraria Universal de Magalhães & Moniz, 1878.

no século XVIII, o que comprometeu seriamente a sua riqueza patrimonial.

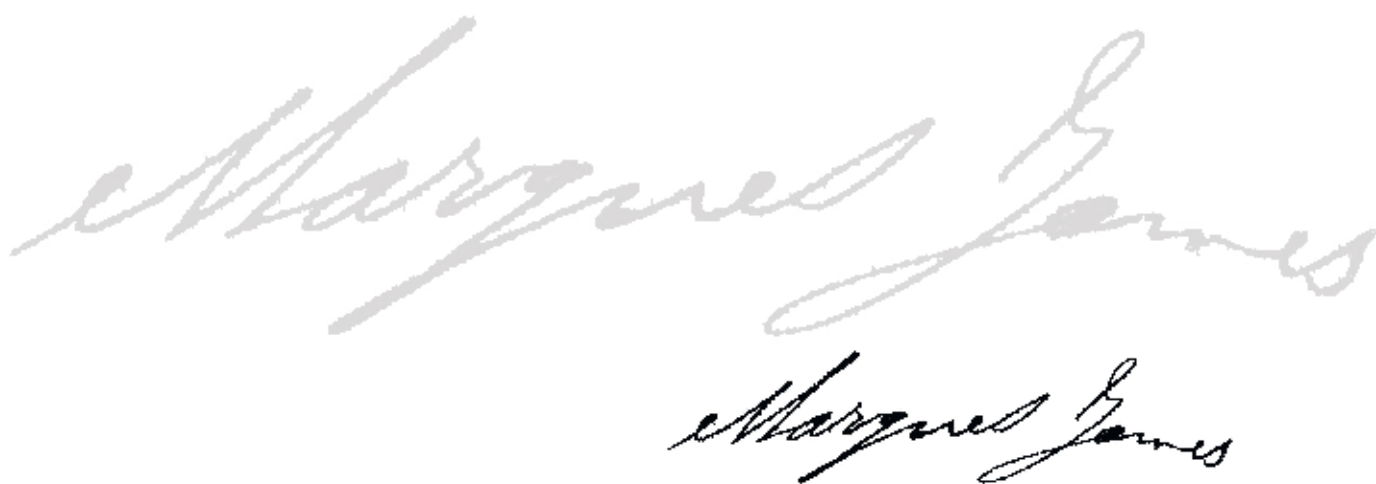
A participação de João Marques Gomes na vida pública não se resumiu às diversas iniciativas que promoveu, designadamente eventos de carácter cultural e pedagógico, mas igualmente por meio de uma vasta produção literária que se manifesta através da sua colaboração com diversas publicações periódicas, mais assiduamente nos jornais «O Districto de Aveiro» e «O Campeão da Províncias», dos quais foi redator, mas sobretudo pela produção de dezenas de obras de âmbito biográfico e histórico.

A profunda dedicação que votou à sua absorvente atividade profissional relegou para segundo plano a sua vida privada e familiar. Todavia, provavelmente motivado pelo seu catolicismo militante, que o levou inclusivamente a ingressar na Irmandade Senhor Jesus dos Passos de Aveiro⁶ em 1876, a família foi um alicerce fundamental para a construção da sua identidade e da sua vida profissional.

Em 1878, aquando da publicação da sua obra «A Mulher Atravez dos Seculos»⁷, João Marques Gomes dedica este trabalho à sua esposa, Joana Leopoldina Marques Gomes, e mãe dos seus dois filhos, Fernão e Hemengarda, de uma forma carinhosa e repleta de gratidão: «Escrever o teu nome na primeira página do livro que tem por objeto a mulher era já um dever, se não fosse também um testemunho da afeição que te consagro. O livro que te ofereço deve-o a ti e só a ti; podes e deves vangloriar-te d'isso. A vontade que mais d'uma vez me manifestaste em conheceres a historia do teu sexo, fez com que eu, obscuro entre os mais obscuros escriptores portuguezes, emprehendesse uma tão árdua tarefa, que difficilmente desempenharia se não fosse o desejo que nutro de ser útil a ti e à sociedade. Reconheço que o meu trabalho tem imperfeições: essas não t'as ofereço. O merecimento, se n'elle algum há, do coração te dedica o teu marido, João Augusto»

Não foram apenas as relações familiares que enriqueceram a personalidade de João Marques Gomes; igualmente e não menos relevantes foram as amizades e os convívios que fomentou ao longo da sua vida com diversas individualidades do panorama local e nacional.

José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães (1855-?), figura destacada como deputado



3. Assinatura de João Augusto Marques Gomes

A obra literária

por Ovar, insere-se no rol das personalidades que João Marques Gomes considerava como «companheiro de infância, antigo condiscípulo, hoje colega e mestre, sendo um dos primeiros, senão o primeiro amigo»⁸. Foi parceiro de colaboração como redator no jornal «O Campeão das Províncias», merecendo do nosso protagonista uma profunda admiração e estima.

Muitos foram os que com ele se cruzaram em diversas circunstâncias da sua vida e que por motivos distintos deixaram a sua marca. Destacamos apenas alguns nomes, como Jaime Magalhães Lima, cujo apreço pela personalidade e atividade de João Marques Gomes é notória e partilhada num artigo publicado na revista «Ilustração Moderna»⁹; Firmino de Vilhena, com quem partilhou a tarefa de redator no jornal «O Campeão das Províncias»; Joaquim de Vasconcelos, com o qual participou em diversos projetos e de quem acolheu numerosos elogios na qualidade de organizador do Museu Regional de Aveiro; entre tantos outros que tiveram o privilégio de serem seus contemporâneos e vivenciar os seus riquíssimos conhecimentos.

«Nasceu escriptor, e escriptor há de morrer. Não é auctor do romance banal para folhetim de dez reis por numero ou do volume barato de trinta reis por fasciculo. É o historiador profundo e consciencioso, sem prisões de estylo, sem gloriosos festões rethoricos com uma dialética clara, lógica, precisa.»¹⁰

João Marques Gomes, nome que adota em todas as suas obras, cedo começou a revelar um apaixonante aveirismo e uma vocação para o enaltecimento e compreensão das raízes da sua cidade natal, Aveiro. A sua contribuição para o desenvolvimento e divulgação da historiografia aveirense é inestimável, o que o torna num dos mais destacados investigadores dos finais do século XIX e inícios do século XX. A paixão que o move durante toda a vida manifesta-se, além das diversas iniciativas em que emprega os seus esforços, através da sua produção literária, certamente consciente de que esta seria a via privilegiada de perpetuação e disseminação dos seus conhecimentos.

Passados mais de cem anos sobre a redação dos seus inúmeros estudos, os mesmos continuam a constituir-se como uma fonte indispensável para qualquer pesquisa histórica. A profundidade e a pertinência das investigações a que se dedicou, associadas à clareza e à erudição dos seus textos, fazem de João Marques Gomes um escritor e, acima de tudo, um historiador de indiscutível qualidade e importância. Não resta, portanto, outra alternativa que não a de corroborar as opiniões de muitos dos seus contemporâneos, nomeadamente de Firmino de Vilhena cujas palavras no início se transcrevem.

⁸GOMES, Marques – *Estudos Historicos*, nº 2, p.107.

⁹Lima, Jaime Magalhães – O Sr. Marques Gomes. *Ilustração Moderna*. Porto, nº 5 (set.1926).

¹⁰Vilhena, Firmino de – Marques Gomes. In *O Campeão das Províncias*. 8-02-1908.



Participação em publicações periódicas e imprensa local

Os primeiros passos no sentido do grande empreendimento que constitui a sua obra literária, e que abrange a publicação de cerca de quarenta títulos, dá-os na qualidade de colaborador da imprensa local em diversas publicações periódicas, mas, de forma mais assídua, nos jornais «O Districto de Aveiro» e «O Campeão das Províncias».

O jornal «O Districto de Aveiro», fundado no dia 2 de julho de 1862 por José Estêvão Coelho de Magalhães, foi o primeiro jornal com o qual João Marques Gomes colaborou. Juntamente com Agostinho Pinheiro e Silva e Lourenço Almeida e Medeiros, em 1875, aquando da publicação do seu primeiro livro, já exercia funções na redação desta publicação.

A sua colaboração com o jornal criado em 14 de fevereiro de 1852, inicialmente intitulado «Campeão do Vouga» e a partir de 12 de novembro de 1859, «O Campeão das Províncias», inicia-se no verão de 1880. Embora tenha interrompido a colaboração com este jornal em 1881, quando assume o lugar de amanuense na secretaria do Governo Civil de Aveiro, nunca se dissociou totalmente da participação nesta publicação, tendo a partir de 1911 assumido um cargo mais proeminente na redação da mesma no qual se manteve até 1924, ano em que o «O Campeão das Províncias» interrompe a sua atividade.

Participou ainda noutras publicações periódicas de âmbito local e nacional com artigos sobre história e arqueologia em Aveiro, designadamente nos seguintes jornais: «Diário de Notícias», «O Concelho de Gaya», «O Noticioso», «O Ramalhete do Christão», «O Tirocinio», «O Archivo Popular», «Atualidade», «Jornal do Comercio», «Correio da Noute», «Commercio de Portugal», «A Locomotiva», «O Globo», «Correio da Tarde», «O Conimbricense», «Commercio do Porto», «Ilustração Portuguesa» e «O Globo Ilustrado».

Em 1899, a convite do proprietário do recém-criado «Jornal de Vagos», José da Maia Júnior, participou neste jornal desde o primeiro ao vigésimo primeiro número, através da publicação de diversos artigos alusivos à história de Vagos. Este trabalho ter-lhe-á valido, em 1900, uma polémica com J. Graça, médico partidista de Vagos, sobre a veracidade dos factos que veiculava.

É também de sua autoria uma série de artigos alusivos à organização do Museu Regional de Aveiro e sobre a constituição das coleções museológicas a cargo desta instituição, que publica, em 1926, na revista «Ilustração Moderna».

As monografias

De forma abrangente poderemos catalogar a sua extensa obra em dois grandes blocos temáticos: as abordagens historiográficas, de âmbito local e nacional, e os trabalhos biográficos que retratam diversas individualidades ligadas à região de Aveiro.

Este conjunto composto por numerosos títulos que abaixo se elencam por ordem cronológica de publicação, compila uma imensidão de textos redigidos com uma clareza que os torna acessíveis a todos os que pelas temáticas se interessam, revelando igualmente uma investigação aturada e uma profunda erudição que em alguns casos se torna quase poética.

Memórias de Aveiro. Aveiro: Tipografia Comercial, 1875.

D. Duarte de Menezes: esboço Biographico seguido de apreciação de diversos jornaes às Memórias de Aveiro. Aveiro: Tipografia Comercial, 1875.

O Districto de Aveiro: notícia geográfica, estatística, chorographia, archeologica, histórica e biográfica da cidade de Aveiro e todas as villas e freguesias do districto. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1877.

A Mulher Atravez dos Séculos. Porto: Livraria Universal de Magalhães e Moniz, 1878.

Joanna de Portugal a princeza santa: esboço biográfico. Aveiro: Imprensa Comercia, 1879.

Manoel José Mendes Leite: Esboço Biographico. Porto: Tipografia Comércio e Indústria, 1881.

A Vista Alegre: Apontamentos para a sua história. Porto: Tipografia Comércio e Indústria, 1883.

Exposição Distrital de Aveiro em 1882: relíquias da Arte Nacional. Aveiro: Grémio Moderno, 1883.
(Em coautoria com Joaquim de Vasconcellos)

Archivo Photográfico. Aveiro: Imprensa Aveirense, 1884. (Em coautoria com Joaquim de Mello Freitas)

Manuel José Mendes Leite: os seus amigos e admiradores. Aveiro, 1884.

A Mulher na Antiguidade. Lisboa: David Corazzi, 1888.

José Estêvão: apontamentos para a sua biografia. Porto: Tipografia Ocidental, 1889.

A Revolução da Maria da Fonte. Porto: Companhia Nacional Editora, 1889.

Bibliotheca Historico-Politica (org.). Tomo I. Aveiro: Tipografia Aveirense, 1892.

Luctas Caseiras: Portugal de 1834 a 1851. Lisboa: Imprensa Nacional, 1894.

Thomaz, Anibal Fernandes e Gomes, Marques – O Prior do Crato em Aveiro 1580: notas e documentos. Aveiro, 1894.

O Conimbricense e a História Contemporanea: publicação comemorativa do 50º anniversario do mesmo jornal. Aveiro, 1897.

Memória histórico-Genealógica da Casa Solar de Oliveirinha. Aveiro: Minerva Central, 1897.

D. Manuel Correia de Bastos Pina. Bispo de Coimbra e Conde de Arganil. Aveiro: Minerva Central, 1897.

Manuel Corrêa Bastos Pina. 2ª ed. Porto: Tipografia Ocidental, 1898.

Cincoenta anos de Vida Publica: o Conselheiro Manuel Firmino de Almeida Maia. Aveiro: Tipografia do «Campeão das Províncias», 1899.

Subsídios para a História de Aveiro. Aveiro: Tipografia do «Campeão das Províncias», 1899.

Aveiro Berço da Liberdade: o coronel Jerónimo Morais Sarmiento. Porto, 1899.

Santuário de Lourdes de Carregosa. Aveiro: Tipografia do «Campeão das Províncias», 1902.

Casa da Madalena: genealogia. Aveiro: Tipografia do «Campeão das Províncias», 1903.

Conselheiro António José da Rocha: perfil biográfico. Aveiro, 1904.

O edifício do Convento das Carmelitas: necessidade de o conservar como recordação histórica. Aveiro, 1908.

Ao Conselheiro Castro Mattoso: homenagem. Aveiro: Tipografia do «Campeão das Províncias», 1906.

Anais do Santuário de Nossa Senhora de Lourdes em Carregosa. Aveiro: Tipografia do «Campeão das Províncias», 1906.

Conselheiro António Ferreira da Araújo e Silva: esboço biográfico. Porto: Tipografia Industrial Portuguesa, 1906.

Centenário da Guerra Peninsular 1808-09: contribuição da Câmara Municipal para a sua história. Aveiro: Tipografia do «Campeão das Províncias», 1908.

Aveirenses que morreram, soffreram e combateram pela Liberdade: Monumento levantado á sua memoria pelo Club dos Gallitos. Aveiro: Tipografia do «Campeão das Províncias», 1909

1º Centenário do Nascimento de José Estêvão: contribuição prestada. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1909.

Aveirenses que morreram, soffreram e combateram pela Liberdade. Aveiro: Tipografia do «Campeão das Províncias», 1909.

O Espinho da Coroa de Christo da Casa de Oliveirinha: monografia histórica baseada em documentos inéditos. Aveiro: Off. do «Campeão das Províncias», 1909.

1º Centenario da Guerra Peninsular: Migalhas Bibliográficas. Aveiro: Tipografia do «Campeão das Províncias», 1910.

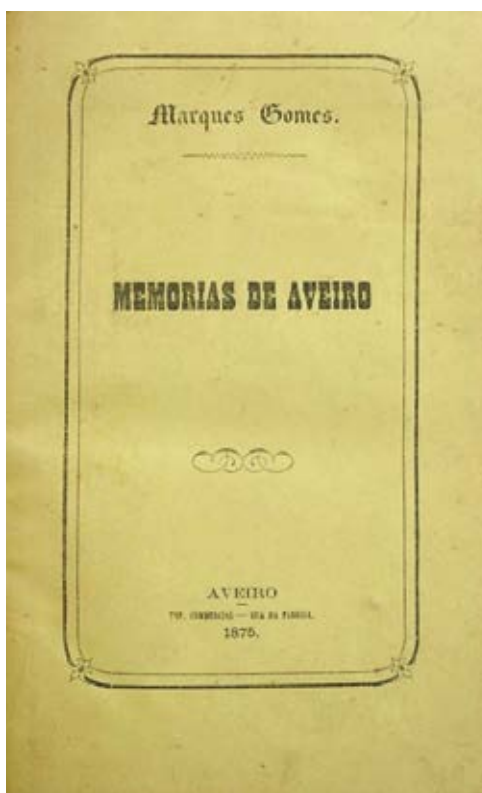
L'épine de la Couronne de Jésus Christ appartenant á la Famille da Oliverinha. Lisboa: Minerva do Comércio, 1910.

José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães: notas biográficas. 1915.

História do Museu Regional de Aveiro: 1911-1921. Aveiro: [s.n.], 1921.

A Vista Alegre: memória histórica. Aveiro: Tipografia Central, 1924.

A Revolução de 16 de Maio de 1828. Aveiro: Câmara Municipal, 1928.



4. Capa do livro «Memórias de Aveiro» de autoria de Marques Gomes.

João Marques Gomes dedicou parte substancial da sua vida a escrever. Fê-lo, como já foi referido, através da imprensa, da produção de monografias de sua autoria, da participação em catálogos de exposições, da colaboração com diversas publicações, etc., pelo que se pode assumir que o acervo de obras atualmente conhecido e preservado representa certamente apenas uma fração do conjunto original. Outras publicações não menos importantes, por circunstâncias históricas ou pela sua eventual efemeridade, terão ficado perdidas no tempo, restando-nos tão somente aquelas que, por uma série de circunstâncias históricas e fortuitas, terão sido preservadas e legadas aos vindouros.

Não sendo possível, no contexto deste trabalho, determo-nos detalhadamente em cada uma das publicações, destacaremos apenas algumas a título exemplificativo, representativas da tipologia histórica, política e biográfica, que de forma mais simbólica caracterizam o legado de João Marques Gomes neste campo, ficando as restantes de serem abordadas no seio de um estudo mais alargado sobre esta eminente figura.

Numa fase ainda precoce da sua vida, com apenas 22 anos de idade, João Marques Gomes, inicia a sua incursão no mundo literário, com a publicação da sua primeira obra intitulada «Memórias de Aveiro». Dedica-a a seu pai como um tributo por todo o conhecimento que este lhe legou, referindo-se a esta experiência pioneira nos seguintes termos:

«O livro que vae ler-se é despretensioso e humilde como as florinhas do prado. Nas suas paginas não sobresaem as pompas d'um estylo vigoroso e elegante, mas sim uma certa força de vontade e desejo de saber. Se tem algumas imperfeições, sirvam-lhe de desculpa os vinte annos do seu auctor.»¹¹

Esta obra apresenta-se como uma resenha história que tem como objeto a cidade de Aveiro

nas suas diversas vertentes. Ao longo das suas duas centenas de páginas, a história de Aveiro é retratada de forma descritiva, mas sucinta. São abordadas questões de índole política, económica, religiosa e social, apresentando alguns dos seus intervenientes num extenso percurso histórico que se inicia no século X. Trata-se de um livro «despretensioso e erudido – aliança difícil e rara»¹², que denota uma aturada e aprofundada pesquisa histórica.

A propósito da publicação deste trabalho, o jornal «Revolução de Setembro» fazia a seguinte apreciação de João Marques Gomes:

«(...) Memórias de Aveiro, que é conjuntamente um testemunho indiscutível do proveito que tem tirado dos seus labores literários e uma prova irresistível do grande amor que dedica á sua terra natal.»¹³

Outro trabalho que terá marcado o itinerário literário de João Marques Gomes foi o livro editado em 1899 sob o título «Subsídios para a História de Aveiro» e que, à semelhança de outros trabalhos, aborda de forma encadeada os factos da história de Aveiro. Trata-se uma extensa obra de 631 páginas repleta de notícias, nalguns casos inéditas e absorventes, que se apresentam ao correr da pena, proporcionando uma leitura fluida. O recurso a fontes primárias, assim como às vivências pessoais do autor, credibilizam os conteúdos que redigidos, proporcionando a leitura de «Subsídios para História de Aveiro» uma verdadeira viagem no tempo.

Durante o seu percurso literário, João Marques Gomes destacou-se igualmente pelos seus conhecimentos sobre o constitucionalismo liberal no plano da historiografia nacional. É neste contexto que, em 1894, surge uma das grandes, se não a sua maior, obra literária legada por João Marques Gomes, ostentando o sugestivo título «Lutas Caseiras: Portugal de 1834 a 1851». Nela pretende narrar os

¹¹GOMES, João Marques – *Memórias de Aveiro*. Aveiro: Tipografia Comercial, 1875.

¹²Palavras de Cândido Figueiredo em *Boletim Bibliographico apud Cincoenta anos de Vida Publica: o Conselheiro Manuel Firmino de Almeida Maia*, p.458.

¹³Cincoenta anos de Vida Publica: o Conselheiro Manuel Firmino de Almeida Maia, p.457.

5. Capa do livro «Luctas Caseiras» de autoria de Marques Gomes.



¹⁴GOMES, João Augusto – Luctas Caseiras (Advertência Preliminar – 12 de maio de 1894)

¹⁵GOMES, João Augusto Marques – *Cincoenta Annos de Vida Publica: o Conselheiro Manuel Firmino de Almeida Maia*. Aveiro: Tipografia do "Campeão das Províncias", 1899, p.476.

¹⁶Eminente historiador e político do século XIX (1845-1894).

¹⁷Carta de Joaquim Oliveira Martins datada de 15 de fevereiro (não especificando o ano). In ADA, vol. IV (1938), p. 137.

¹⁸Apontamentos para a história de Vagos – por J. Graça em polémica com Marques Gomes. p. 166.

¹⁹GOMES, João Marques – *Cincoenta Annos de Vida Publica: o Conselheiro Manuel Firmino de Almeida Maia*. P. 5.

«acontecimentos políticos de que Portugal foi testemunha de 1834 a 1851»¹⁴ e fá-lo em tom de crónica baseado em transcrições de discursos dos deputados das cortes.

Durante o período em que viveu, o autor demonstrou a tendência para adotar os princípios liberais prevaletentes na época. Essa inclinação é evidenciada logo no início da obra, quando enaltece a Revolução Liberal de 1820, atribuindo em parte o seu sucesso à participação de Aveiro.

Provavelmente devido à dedicação a que esta obra obrigou, João Marques Gomes sente a necessidade de escrever uma «advertência preliminar» na qual transmite a difícil tarefa que a organização da mesma implicou, justificando também a estrutura que lhe atribuiu. A par da nota explicativa, demonstra igualmente a sua gratidão por quem o auxiliou em tão árdua tarefa, designadamente a Joaquim Martins de Carvalho, José Luciano de Castro, Ignacio de Vilhena Barbosa, António Maria de Amorim, António Vianna e Barbosa de Magalhães.

Joaquim Martins de Carvalho, lisonjeado com a dedicatória de João Marques Gomes, aprecia a objetividade e imparcialidade do referido trabalho nos seguintes termos:

«D'aqui em deante já todos podem saber como os acontecimentos se passaram, sem ser necessário consultar muitas memorias, e sempre na incerteza se os factos estão narrados e apreciados exactamente, em razão dos seus auctores terem estado, quando os escreveram, dominados pelas paixões partidárias; emquanto que o sr. Marques Gomes escreve desapaixonadamente, porque a sua historia sae quando já tem decorrido muito tempo depois que se dêram as luctas que elle descreve; ao que acresce o seu estudo consciencioso e preservante.»¹⁵

Este trabalho, classificado como uma das melhores obras de sua lavra, valeu-lhe um elogio de Joaquim Oliveira Martins¹⁶ que sobre o sumário da mesma que ainda se encontrava em fase de publicação, refere: «(...) não posso deixar de aplaudir a publicação do seu livro como obra interessante, opportuna e útil a todos os respetos (...)»¹⁷

No início do século XX, João Marques Gomes já se encontrava a trabalhar no segundo volume das "Luctas Caseiras: Portugal de 1834 a 1851" «e cujo assumpto principal é o sistema religioso entre nós de 1834 a 1842 e que é um dos factos mais interessantes e menos conhecido da nossa historia contemporanea»¹⁸

Não menos importante que o conjunto de livros dedicados à história de Aveiro é a extensa obra de caráter biográfico dedicada a diversas personalidades.

No ano de 1899, João Marques Gomes propõe-se esboçar a vida pública de Manuel Firmino de Almeida Maia, por quem nutria uma profunda admiração.

«Desde creança comecei a nutrir por Manuel Firmino uma atraente sympathia pessoal, que mais acêso da lucta política jamais foi capaz de quebrar, e se muito cedo assim participei a estimar Manuel Firmino, muito cedo tambem comecei a combate-lo.»¹⁹

Manuel Firmino de Almeida Maia foi uma proeminente figura na sociedade aveirense do século XIX, nascida a 19 de janeiro de 1824 e falecida em 30 de julho de 1897. A sua passagem pela Câmara Municipal de Aveiro, na qualidade de presidente, entre 1896 e 1897, marcou de forma indiscutível a cidade de Aveiro, refletindo-se as suas ações num vigoroso progresso da cidade, pelas diversas iniciativas realizadas em prol do desenvolvimento urbano. Deixará igualmente a sua marca na imprensa local quando em 1851 funda o jornal «Campeão

do Vouga», mais tarde intitulado «O Campeão das Províncias». Foi a convite deste que João Marques Gomes, numa fase financeiramente delicada da sua vida, inicia, na qualidade de «colaborador litterario e revisor²⁰», funções no jornal «O Campeão das Províncias». Embora com posturas politicamente opostas, João Marques Gomes reconheceu em Manuel Firmino uma enorme lealdade e generosidade que nunca o impediu de participar ativamente neste jornal, que se considerava literário.

A biografia de Manuel Firmino de Almeida Maia desenvolve-se num texto organizado cronologicamente, em que são narrados os acontecimentos que marcaram a sua vida pública, num estilo literário muito próprio, a que João Marques Gomes nos foi habituando. O seu final é marcado pela sensibilidade do biógrafo exaltando a delicadeza e a grandeza do biografado: «Este homem foi o mais querido e popular que Aveiro tem visto nascer. Não foram os avós ilustres, a fortuna ou os fulgores d'uma eloquência tribunicia que o tornaram popular e querido, foi a abnegação sem igual que tributou sempre em engrandecimento da sua terra, a sua grande alma aberta a todos os infortúnios, a sua desinteressada protecção prestada a todos os desvalidos. Podendo ser rico, morreu pobre, porque sempre cuidou mais dos outros do que de si e dos seus.»²¹

Sendo objeto das suas biografias figuras que João Marques Gomes venerava do ponto de vista pessoal ou político, Manuel José Mendes Leite²², a quem se refere como «meu padrinho (...) de quem nunca me lembro senão com muita saudade»²³ e que considerou como segundo pai, não poderia ser esquecido no universo da sua produção literária. Provavelmente devido aos laços que os uniam, João Marques Gomes fez questão em reconhecer os méritos de Manuel Mendes Leite ainda em vida deste, lançando a sua biografia em 1881 e participando num opúsculo biográfico por ocasião do seu aniversário, em 1884.

Dedicada ao «Grémio Moderno», criado por iniciativa de João Marques Gomes, este apresenta 31 páginas, nas quais são narrados de forma encadeada e cronologicamente organizada os inúmeros méritos desta ilustre figura aveirense. O autor privilegiou a objetividade e imparcialidade dos factos em detrimento de uma apreciação pessoal que o levou a terminar este trabalho com as seguintes palavras:

«Que o publico ilustrado e sobretudo o futuro seja juiz imparcial do nosso biographado, foi única e exclusivamente o fim que tivemos em vista ao escrever estas paginas, que do coração offerecemos ao nosso amigo e padrinho Mendes Leite.»²⁴

Em 1907 enceta uma colaboração com a «História de Portugal, Popular e Ilustrada», dirigida por Manuel Pinheiro Chagas. Em substituição de J. Barbosa Colen é responsável pela produção do XII volume da obra que ilustra o período da Regeneração até ao início do século XX. A colaboração de João Marques Gomes na obra em apreciação surge na sequência do facto de J. Barbosa Colen, que vinha assumindo a função de redator, se encontrar impossibilitado por questões pessoais de dar continuidade ao trabalho que vinha desenvolvendo. Assumindo este último apenas a redação da parte respeitante à «chegada D. Pedro IV à Europa até a morte de D. Maria II» no XII volume da obra, havia necessidade de encontrar quem redigisse sobre os restantes acontecimentos.

Em nota prévia, o editor justifica a sua escolha referindo-se a João Marques Gomes como um «(...) escriptor muito douto, trabalhador infatigável, com o braço afeito a trabalhos deste género, pois a ele se devem notáveis estudos históricos que, sob o título geral de *Luctas caseiras* começaram há anos de ser publicados (...)».²⁵

²⁰Op. cit., p. 6

²¹Op. cit., p. 657-658.

²²Manuel Mendes Leite (1807 – 1887) - Foi jurista, político e jornalista, tendo-se destacado como parlamentar e como governador civil de Aveiro. Em 1852 foi responsável pela abolição da pena de morte para crimes políticos em Portugal.

²³GOMES, João Marques – *Cincoenta Annos de Vida Publica: o Conselheiro Manuel Firmino de Almeida Maia*, p.5.

²⁴GOMES, João Marques – *Manoel José Mendes Leite: Esboço Biográfico*. Porto: Tipografia Comércio e Indústria, 1881



O Museu Regional de Aveiro

²⁵O Campeão das Províncias. 8-02-1908.

²⁶Diário do Governo nº 92 de 21 de abril de 1911.

²⁷Diário do Governo nº 198 de 25 de agosto de 1911, p.368.

Não sendo possível no seio deste artigo apresentar uma análise exaustiva da experiência de João Marques Gomes no campo das letras, pretende-se ainda assim demonstrar a importância da sua produção literária no contexto histórico e cultural de Aveiro, evidenciando os aspetos que tornam a sua obra uma fonte valiosa para o estudo da literatura e da história local.

O Decreto de 28 de maio de 1834 que determinou a extinção das ordens religiosas em Portugal continental, insular e domínios ultramarinos, assim como um conjunto de legislação anticlerical motivada pela ideologia claramente baseada na laicização do Estado que caracteriza o espírito republicano, da qual se destaca a Lei da Separação do Estado das Igrejas²⁶, publicada em 1911, traz a debate a questão da gestão do património religioso por parte do Estado.

A 26 de maio de 1911 é publicado um decreto que visa regular os serviços artísticos e arqueológicos, mais concretamente no que respeita à implementação de medidas no ensino artístico e à gestão do património cultural que deixa de estar a cargo de algumas elites da sociedade e passa a integrar o domínio do Estado.

O Convento de Jesus de Aveiro, fundado em 1458, e classificado como Monumento Nacional com base na Lei de 16 de junho de 1910, vê a sua função destinada ao culto religioso ser convertida, após o desaparecimento da última religiosa em 1874, para o ensino regular do género feminino. Nele instalou-se o “Colégio de Santa Joana Princesa”, que viria a exercer funções até 1911. As circunstâncias da classificação em Monumento Nacional determinam a enorme importância da instalação de um museu numa parte do edifício para preservação do valioso espólio incorporado nos bens do Estado. A fim de se proporcionar uma gestão mais próxima do património religioso, é legalmente efetivada, em 1911²⁷, a cedência dos edifícios dos extintos conventos de Jesus e das Carmelitas à Câmara Municipal de Aveiro.

No seguimento das determinações do Decreto de 25 de agosto de 1911, em 1912, o Conselho de Arte e Arqueologia da 2ª Circunscrição propõe a organização de um museu no edifício do antigo Convento de Jesus, em Aveiro «(...) constituído pela numerosa coleção de objetos

de valor histórico e artístico provenientes das extintas casas religiosas e estabelecimentos públicos (...). O Governo da República Portuguesa, através de Portaria 7 de junho de 1912, determina a criação do referido museu, cuja comissão organizadora se compunha dos seguintes elementos: Dr. Jaime Magalhães Lima, Dr. Joaquim de Melo Freitas, João Marques Gomes, Francisco Augusto da Fonseca Regala, Dr. Álvaro de Moura Coutinho de Almeida de Eça, Jacinto Agapito Rebocho, José de Pinho, José Fonseca Prat, António Augusto da Silva, Firmino de Sousa Huet, José Gonçalves Gamelas, Dr. António Carlos da Silva Melo Guimarães, Dr. Luís Brito Guimarães e Mário Duarte.

Nomeado por Rodrigo Rodrigues²⁸ na qualidade de amanuense do Governo Civil, João Marques Gomes, movido pelo seu fervoroso entusiasmo, aceita com empenho e vigor a tarefa de organizar o futuro Museu Regional de Aveiro.

Em 1911, procede à limpeza e à organização do edifício, assim como à recolha de objetos de valor para integrar a futura coleção museológica. Devido à escassez de meios financeiros, é sugerida por Rodrigo Rodrigues, à data governador civil de Aveiro, a alienação de objetos danificados ou em mau estado de conservação e ainda a comercialização de «hervagens e fructa da cêrca»²⁹ para fazer face às despesas emergentes.

A instalação do Museu Regional de Aveiro exigia a mobilização de recursos humanos assim como de meios financeiros que o Governo Civil não se encontrava em condições de suportar de forma exclusiva, o que leva Rodrigo Rodrigues a dirigir-se, a 4 de setembro de 1911, ao presidente da Câmara Municipal de Aveiro, apelando à responsabilidade desta entidade no processo de instalação do Museu, nos seguintes termos:

«(...) não deixando por este Governo Civil de ser posta toda a boa vontade e serviço à disposição

d'essa Camara, podendo continuar a instalação o mesmo amanuense d'este Governo Civil, julgo conveniente que a Camara da vossa presidencia chame a si a direcção deste serviço nomeando uma comissão a quem tal incumba e inscrevendo a verba suficiente para estes trabalhos.

Incidentalmente devo fazer-vos notar que esta resolução visa apenas a entrega a quem de direito e competência a direcção deste serviço, sem dar o menor valor às allegações que appareceram n'um jornal local ácerca do descaminho de qualquer valor, por quanto tudo está inventariado e é absolutamente competente o funcionário que este serviço está a prestar a esta cidade.»³⁰

Enfrentando visíveis limitações financeiras e contundentes críticas ao seu bom nome, João Marques Gomes, denotando uma enorme persistência que só poderia advir da dedicação que devotava ao passado da sua terra natal, erigiu um Museu Regional que lhe valeu elogios de diversos quadrantes da sociedade.

José de Figueiredo, diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, após uma breve visita às instalações do recém-criado museu, quando este ainda se encontrava em fase de organização, dirige a João Marques Gomes, a partir da Curia as seguintes palavras:

«Meu Amigo: Dou-lhe os parabéns pelo verdadeiro trabalho de Hercules que representa o Museu districtal de Aveiro, tal qual o vi hontem, quando ahi estive. É extraordinário que só desajudado, e para mais, sem o menor subsidio monetário, pudesse em tão pouco tempo ter feito tanto. (...).»³¹

Aquando da abertura do Museu ao público, foram numerosas as apreciações positivas à nova estrutura cultural que se apresentava à cidade, assim como ao seu mentor, que o livro de visitantes regista.

²⁸Rodrigo José Rodrigues (1879-1963) foi um médico militar que ocupou diversos cargos durante o período da Primeira República Portuguesa, designadamente o de ministro do Interior, de governador civil de Aveiro e do Porto, etc.

²⁹*Ilustração Moderna*, nº 1 (mai. 1926), p.16.

³⁰*Ilustração Moderna* nº 1 (mai. 1926), p.19.

³¹*Ilustração Moderna* nº 2 (jun. de 1926), p.38.



³²Museu Regional de Aveiro – visitantes. Lv.2. 25.05.1916.

³³Museu Regional de Aveiro – visitantes. Lv. 2. 14.04.1912.

³⁴Joaquim Leite de Vasconcelos (1858-1941) foi um reputado etnólogo, arqueólogo e linguista.

³⁵Museu Regional de Aveiro – visitantes. Lv. 2. 17.08.1919.

³⁶*Diário do Governo* nº 291 de 16 de dezembro de 1915.

³⁷ADA, vol XIX (1953), p. 155.

³⁸*O de Aveiro*. 23-01-1921 (nº 233). p.1

São de realçar as palavras de Joaquim de Mello Freitas, que exorta as qualidades de João Marques Gomes «(...) que infatigavelmente investiga e escava como caboqueiro predestinado nestas ninharias»³²; de Jaime Magalhães Lima, que demonstra a sua gratidão por se reunir um «património precioso»³³ em risco de se perder; de José Marques da Silva, aplaudindo o novo projeto; de Joaquim Leite de Vasconcelos³⁴, que após a visita ao Museu se questiona da seguinte forma:

«(...) Quem não aplaudirá entusiasticamente o benemérito escritor e arqueólogo Marques Gomes, que com dedicação incedível não só as salvou [as peças museológicas] de inevitável perda, mas as dispôs com ordem metódica e sumo gosto, de modo que o museu serve ao mesmo tempo de lição de arte e historia aos estudiosos, e de recreio ainda aos mais leigos?»³⁵

Por Decreto de 11 de dezembro de 1915³⁶, João Marques Gomes é nomeado para o cargo de diretor do Museu Regional de Aveiro como justa recompensa por todo o trabalho empreendido na organização do mesmo.

Com uma preocupação não apenas focada na difusão de um património extenso e rico através de exposições de âmbito nacional e local, João Marques Gomes opta igualmente, na qualidade de diretor do Museu, pela realização de diversas iniciativas de carácter cultural e de promoção da instituição, como seja a "Sessão de Arte", realizada no dia 16 de janeiro de 1916 e que contou com a intervenção de diversas figuras ligadas ao panorama cultural de Aveiro como Egas Moniz, Querubim Valle Guimarães, entre outros.

A organização e instalação do Museu Regional de Aveiro foi, sem sombra de dúvidas, o grande empreendimento da vida de João Marques Gomes. Nas palavras de Eduardo Cerqueira, foi «(...) decerto o mais destacado dos seus títulos de servidor da cultura aveirense e também o que lhe mereceu maiores dissabores»³⁷.

A Sindicância

Desde cedo (1914) que a imprensa local, designadamente os jornais «O de Aveiro» e «O Democrata», vinha levantando uma série de suspeitas sobre a atuação de João Marques Gomes, primeiro como organizador e mais tarde como diretor do Museu Regional de Aveiro.

A partir de 1920, no jornal «O de Aveiro», Francisco Homem Cristo publicava uma série de artigos sob o título «Museu Regional – Aqui d'El-Rei!...», em que, no seu estilo inconfundível apelida João Marques Gomes de «ladrão-mór». O «O Democrata» acompanhava o registo crítico e ofensivo, publicando artigos regulares dedicados aos acontecimentos no Museu. Perante a situação que se revestia de uma gravidade e mediatismo crescente, o Ministério da Instrução Pública, por Decreto de 15 de dezembro de 1921³⁸, ordena a realização de uma sindicância aos atos praticados por João Marques Gomes na qualidade de diretor do Museu Regional de Aveiro.

Coube, primeiro a Alberto Viana Coelho, e mais tarde a Silvério Pereira Júnior, organizar a sindicância e apurar as infrações atribuídas a João Marques Gomes. A queixa apresentada por José de Pinho, conservador do Museu, contra a atuação de João Marques Gomes, agravou e engrossou o rol de delitos existentes.

Perante a situação que se afigurava grave, João Marques Gomes apresentou à Direção Geral de Instrução Pública, em 4 de janeiro de 1921, a sua demissão de diretor do Museu. Em agosto do mesmo ano suspende as suas funções e abandona as instalações do Museu, onde residia.

A 6 de fevereiro de 1922 é instaurado um procedimento criminal pelo Ministério Público a João Marques Gomes.

Visivelmente consternado com a situação em que se vê envolvido, João Marques Gomes



desabafa através das seguintes palavras:
«Tendo tido a desgraça de cair no desagrado do conhecido jornalista, de nada valem os serviços que os homens illustres do meu paiz decidiram que tenho prestado no Museu Regional de Aveiro, Homem Cristo considera-me ladrão e do alto da sua cadeira julga-me, condemna-me sem me ouvir e mette-me na penitenciaria.»³⁹

Perante os 24 crimes por alegados atos de furto e apropriação indevida de objetos pertencentes ao Museu Regional de Aveiro, e por desobediência e abuso de poder que, na qualidade de diretor desta instituição lhe são imputados, João Marques Gomes, a 31 de agosto de 1922, rebate individualmente cada um dos artigos de acusação em sua defesa numa carta dirigida ao Sindicante que resulta pequeno opusculo impresso para o efeito. E remata, afirmando que «(...) este processo é um processo político feito contra a família Barbosa de Magalhães e em que eu sou, não um fim mas unicamente um meio para atacar aquelle homem publico. Protesto contra tudo isto. Nunca fui nem sou politico e salvo a amizade pessoal que dedico áquella família nada tenho com a sua situação politica nem aquella respeitável família tem cousa alguma com os meus actos e com as acusações que sou vitima.»

Conclui ainda a sua defesa dizendo:
«Tenho 69 annos de idade e ha 42 annos exerço funções publicas.

Tinha-me habituado a crêr que tinha prestado um serviço á minha terra e ao meu paiz e orgulhava-me com a organização do Museu Regional e Aveiro cujos elementos reuni com improbo trabalho e com toda a dedicação que as forças me permitiam.

(...) Reuni uma grande colleção de quadros alguns que poderiam ter lugar nos grandes

Museus de pintura. Recolhi gravuras, desenhos e ferragens, fiz um pequeno Museu de Arte e tinha principiado uma biblioteca para a qual já tinha elementos importantes.

A obra está adiantada e já não será difícil destrui-la. Podem mandar-me para a penitenciaría...»

Em 18 de janeiro de 1927 é publicado o Acórdão da Relação do Porto que iliba João Marques Gomes dos crimes de que era acusado baseado nos seguintes argumentos:

«(...) Inquiridos grande número de testemunhas em corpo de delicto e procedendo-se a diversas diligências apurou-se que haviam desaparecido e tinham sido vendidos diversos objetos existentes no mesmo Museu, num valor de 1:557\$50, que estavam confiados á guarda do arguido, pelo que aquelle magistrado do M.P deu contra este uma querela (...).

(...) Não há duvida em face dos autos que o arguido a quem estava confiada a guarda e conservação dos objectos existentes no Museu de que se trata na qualidade de seu director, e sendo portanto o depositário desses objectos, vendeu alguns de certo valor, como sejam Christos de marfim e de madeira e diversos paramentos, sem que para tal tivesse autorização superior, pois apenas havia sido autorizada pelo Governo Civil d'então a alienar alguma madeiras velhas para com o seu producto verem colocadas fechaduras nas portas e adquiridos armários.

Exorbitou portanto excedendo aquella autorização, mas de forma alguma se deduz da leitura atenta e reflectida do processo que procedesse com dolo, má fé ou mesmo de furto.

O contrario d'elle se infere, pois vendo a maior parte das vendas feitas publicamente e o seu producto aplicado na instalação e

³⁹Processo do Juízo Criminal de Aveiro; Querela Pública; nº 251 – Maço 3, opúsculo, p.3.

6. Marques Gomes e Alberto Souto, c. 1923. Arquivo Fotográfico do Museu de Aveiro/Santa Joana.



⁴⁰Processo do Juízo Criminal de Aveiro; Querrela Pública; nº 251 – Maço 3; p.374-376.

⁴¹*O Debate*. 10-12-1931.

conservação do Museu e até na aquisição de novos objectos para ali serem guardados tal procedimento exclui por completo a fraude e consequentemente o animo de furtar.

Ora sendo assim e não se verificando por uma forma concreta que das vendas effectuadas pelo arguido resultaram prejuízo para terceiros ou para o Estado, proprietário do dito Museu, faltam elemento essencialmente constitutivos do crime d'abuso de confiança que o agravamento lhe imputa e porque primitivamente foi pronunciado.

Mas supondo mesmo que o Estado alguns prejuízos sofreu com as referidas alienações há na lei maneira de responsabilizar o arguido por esses prejuízos como o há também para lhe pedir centos das irregularidades cometidas.

Este processo é para tal pois incompetente e ineficaz. ⁴⁰

Este longo processo, que durou aproximadamente oito anos e ditou o seu afastamento do Museu, quer na qualidade de diretor, quer na de colaborador nas iniciativas promovidas por esta instituição, manchou de forma inequívoca a reputação de João Marques Gomes, mas afetou igualmente a sua personalidade.

Não obstante, o seu sucessor, Alberto Souto, que tomou posse como diretor do Museu a 19 de março de 1925 e que nutria uma especial consideração por João Marques Gomes, reconhecendo a importância do seu legado, a ele recorreu por diversas vezes solicitando as suas doudas opiniões.

A passagem de João Marques Gomes pelo Museu Regional de Aveiro ficou marcada pelo trabalho aturado de recolha e descrição de um espólio riquíssimo, mas igualmente por um processo penoso de sindicância que lhe causou grande desilusão e desgosto.

O fim de um percurso

No dia 1 de dezembro de 1931, faleceu João Marques Gomes na sua residência, em Aveiro. Talvez motivado pelos eventos que mancharam a sua reputação, foram poucos os anúncios da sua morte, como se os 78 anos de uma existência tão rica não significassem nada numa cidade que tanto usufruiu desse legado. O jornal «O Democrata», numa sintética nota necrológica reconheceu que João Marques Gomes foi «(...) por vezes duramente apreciado na imprensa». E terá isso certamente lhe valido a insignificância no momento do seu desaparecimento.

Aquando das exéquias fúnebres, Alberto Souto, seu sucessor no cargo de diretor do Museu Regional de Aveiro e, segundo o próprio, discípulo de João Marques Gomes, dirige-se aos presentes nos seguintes termos:

«Mal parecia meus senhores que à beira da sepultura de Marques Gomes se não se erguesse uma voz prestando-lhe a homenagem que lhe devem a cidade de Aveiro e os investigadores de Portugal. (...) Marques Gomes foi um infatigável trabalhador da pena, passando a sua vida nos arquivos e empregando o melhor do seu tempo nos mais árduos trabalhos de erudição. ⁴¹(...)»



7. João Augusto Marques
Gomes. Oferta do autor
David Cristo ao MAV/SJ.
Inv. 560/B.

Conclusão

⁴²Correio do Vouga. 7-02-1953. P.1

Ao longo do presente artigo foram explorados diversos aspetos fundamentais da vida e legado de João Marques Gomes, desde as suas origens até ao seu falecimento. Através de uma análise abrangente, pretendeu-se dar a compreender a riqueza e a complexidade da trajetória desta figura aveirense, e a forma como ela se entrelaçou com a história da sociedade em que viveu.

As origens de João Marques Gomes desempenharam um papel crucial na moldagem da sua personalidade e dos seus valores. A sua educação e experiências iniciais influenciaram diretamente a participação ativa na vida cívica.

As relações pessoais foram igualmente fundamentais na sua vida e permitiram-lhe certamente enfrentar os momentos menos positivos, como o processo de sindicância a que esteve sujeito e que muito o abalou emocionalmente.

A extensa obra literária produzida e as variadas iniciativas culturais em que se envolveu ao longo da vida foram fundamentais para a promoção e valorização da cidade de Aveiro. Os seus escritos refletem uma invulgar perspicácia intelectual e sensibilidade histórica/artística, constituindo-se como um estímulo para reflexões e debates que prevaleceram para além da sua geração.

O Museu Regional de Aveiro, que ajudou a estabelecer e promover, constitui-se como um dos maiores legados da pegada de João Marques Gomes. Apesar de ter enfrentado um difícil processo que acabou por se tornar judicial, e que o envolveu em graves acusações que mancharam a sua reputação, João Marques Gomes jamais desistiu dos seus empreendimentos e continuou a investir todos os seus esforços na organização e instalação do Museu, mas igualmente nos seus projetos literários.

Infelizmente, o seu falecimento aconteceu na penumbra do reconhecimento pelos seus feitos, mas a justa homenagem que lhe foi feita por ocasião do centenário do seu nascimento constituiu um testemunho da sua importância e da sua contribuição para a história e cultura de Aveiro.

Será certamente consensual afirmar que João Marques Gomes foi um homem cujo legado é de assinalável importância para a cidade de Aveiro. A sua dedicação à cultura local e à preservação da história da região de Aveiro é inegável.

Este foi inequivocamente um homem cuja controversa trajetória merece ser lembrada e estudada, já que o seu legado, constituído sobretudo pela existência de um museu que conservou até à contemporaneidade peças de inestimável valor artístico, e por dezenas de monografias publicadas sobre a história aveirense e os seus intervenientes, é de enorme relevância para a compreensão da identidade histórica de Aveiro.

Este contributo permite-nos essencialmente lembrar que a vida deste «aveirense ilustre que viveu para o passado servindo o futuro»⁴² impactou profundamente a sociedade da sua época e que os seus conhecimentos se tornaram intemporais, permitindo o seu usufruto contemporâneo.

Bibliografia

CHAGAS, Manuel Pinheiro Chagas – *História de Portugal Popular e Illustrada*. XII Vol. Lisboa: Empresa de História de Portugal, 1907.

GOMES, João A. Marques Gomes – *Aveiro, Berço da Liberdade: o Coronel Jeronymo de Moraes Sarmento*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1899.

GOMES, João A. Marques Gomes – *Cincoenta anos de Vida Publica: o Conselheiro Manuel Firmino de Almeida Maia*. Aveiro: Tipografia do “Campeão das Províncias”, 1899.

GOMES, João A. Marques Gomes – *Memórias de Aveiro*. Aveiro: Tipografia Comercial, 1875.

GOMES, João A. Marques Gomes – *Luctas Caseiras: Portugal de 1834 a 1851*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1894.

GOMES, João A. Marques Gomes – *Manuel José Mendes Leite: esboço biográfico*. Porto: Tipografia Comércio e Indústria, 1881.

GOMES, João Augusto Marques – *A Mulher Atravez dos Seculos*. Porto: Livraria Universal de Magalhães & Moniz, 1878.

GRAÇA, J. – *Apontamentos para a História de Vagos*. [s.n.]: [s.l.], p.166.

Publicações periódicas e legislação

CERQUEIRA, Eduardo – João Augusto Marques Gomes: um aveirense ilustre que viveu para o passado servindo o passado. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. XIX (1953), p. 155.

Correio do Vouga. nº 1128 (7-02-1953).

Diário do Governo. Nº 92 (24 abr.1911).

Diário do Governo. Nº 198 (25 ago.1911), p.368.

Diário do Governo. Nº 291 (16 dez.1915).

O Debate: Orgão do Partido Republicano Português de Aveiro. nº 447 (10-12-1931).

Ilustração Moderna: publicação mensal. Porto: Imprensa de Marques Abreu, 1º ano, nº 2 (Jun.1926).

O Campeão das Províncias. 8-02-1908.

O de Aveiro. nº 233 (23-01-1921), p.1.

Ilustração Moderna: publicação mensal. Porto: Imprensa de Marques Abreu, 1º ano, nº 5 (Set.1926).

TAVARES, José Pereira – Uma Carta de Oliveira Martins. *Arquivo dos Distrito de Aveiro*. Aveiro. Vol. IV (1938), p.137.

Fontes não impressas

Gomes, Marques – *Estudos Históricos* (compilação de artigos publicados na imprensa). Vol. 2. Museu de Aveiro/Santa Joana

Juízo Criminal de Aveiro – Querela Pública de João Augusto Marques Gomes. 1922-1928. Mç.3 nº 251. Arquivo Distrital de Aveiro (PT/TJCAVR/44/1.P.251.3).

Livro de Visitantes do Museu Regional de Aveiro. Museu de Aveiro/Santa Joana.

Ofício de 31 de março de 1905 João Augusto Marques Gomes na qualidade de Representante do Conselho de Monumentos Nacionais em Aveiro. Arquivo Nacional Torre do Tombo (PT-ANBA-ANBA-B-001-00018_m024).

Sob o signo da Observância:

Modelos de santidade feminina na produção hagiográfica aveirense

Gilberto Coralejo Moiteiro
Instituto Politécnico de
Leiria e Instituto de Estudos
Medievais (NOVA FCSH)
gilberto.moiteiro@ipleiria.pt

Identificam-se os modelos de santidade propostos pela narrativa de fundação do Mosteiro de Jesus de Aveiro, os quais são lidos à luz dos princípios orientadores das reformas observantes e dos critérios que, desde então, autorizam o reconhecimento da santidade feminina. Lógicas de integração da espiritualidade feminina em moldes monásticos e o controlo das vocações face a radicalismos religiosos manifestos na esfera pública constituem polos de tensão que os diretores espirituais procuram harmonizar. Acompanha-se a evolução dos paradigmas hagiográficos ao longo dos séculos XV e XVI para compreender os casos concretos representados pela hagiografia aveirense.

Models of sanctity proposed by the founding narrative of the Monastery of Jesus in Aveiro are identified, which are read according to the guiding principles of the Observant reforms, and the criteria that since then authorize the recognition of female sanctity. A rationale of integrating female spirituality into a monastic fashion, and the control of spiritual vocations facing religious radicalisms exposed in the public sphere are poles of tension that spiritual directors seek to harmonize. The evolution of hagiographic paradigms throughout the 15th and 16th centuries is followed to understand the concrete cases represented by the Aveiro's hagiography.





Introdução

¹Ver ROEST, Bert - *Observant Reform in Religious Orders*, pp. 446-457 e MIXSON, James D.; ROEST, Bert (eds.) - *A Companion to Observant Reform in the Late Middle Ages and Beyond*; e BEEBE, Kathrynne - *Observant Reform in the Late Middle Ages*, pp. 300-313.

²HAMM, Berndt - *Normative Centering in the Fifteenth and Sixteenth Centuries*, p. 311. Tradução minha.

³Designadamente aquelas que a Cristandade conheceu nos séculos XI-XIII, marcadas pela ação dos cluniacenses, cistercienses e mendicantes. Sobre o papel das ordens religiosas na formação da espiritualidade medieval, veja-se BOLTON, Brenda - *A Reforma na Idade Média: Século XII e VAUCHEZ, André - A Espiritualidade da Idade Média Ocidental*.

⁴MIXSON, James D. - *Religious Life and Observant Reform in the Fifteenth Century*, pp. 201-214.

⁵Para usar a expressão cunhada por HUIJBERS, Anne - *Zealots for Souls. Dominican Narratives of Self-Understanding during Observant Reforms*.

⁶Este argumento é explorado por MIXSON, James - *Observant Reform's Conceptual Frameworks*, pp. 60-84.

O período compreendido sensivelmente entre 1378 (início do Cisma da Igreja Ocidental) e 1545 (início do Concílio de Trento) foi marcado por movimentos religiosos reformistas¹.

Segundo o historiador alemão Berndt Hamm, a Reforma Observante pressupôs uma focalização normativa, um "alinhamento da religião e da sociedade em direção a um mesmo ponto focal"², regulador, uniformizador e legitimador, que implicou a Igreja, as ordens religiosas, a piedade, a lei e o império. Tratava-se de uma reforma total que procurava abarcar os mundos material e imaterial, mundano e espiritual. Os apelos à conversão dirigiam-se a todos os grupos sociais, clérigos e leigos, elites e povo.

A lei constituía o principal dispositivo de conversão: a lei dos homens e a lei de Deus. No campo religioso, pugnava-se por alcançar um estado de perfeição centrado nos votos essenciais (pobreza, castidade e obediência), entendidos como os melhores meios de realizar a caridade. Os princípios fundamentais da Observância radicavam em reformas anteriores³ e perspetivaram uma modernidade assente em instrumentos legislativos novos, adaptados às circunstâncias locais. Para além da tão afamada crise do séc. XIV e do declínio da vida religiosa que ela determinara, para James Mixson⁴, a compreensão deste contexto histórico deverá ter em conta a emergência de novas formas de vida religiosa que questionaram a tradição. A disseminação de comunidades consideradas demasiado autónomas – organizadas em beguinarias, beatérios, recolhimentos, ou eremitérios – que dispensavam regras canonicamente aprovadas, e a proliferação de espiritualidades de teor místico colocavam em risco a função intercessora das autoridades eclesiásticas. Estes fenómenos criaram a perceção da urgência em defender os fundamentos da vida religiosa, que, para

muitos, se encontravam sob ataque. Mas essa defesa não dependia apenas da lei (de regras e estatutos). Ela necessitava de dispositivos de persuasão e formação moral capazes de transformar a vida interior: instrumentos de circulação das mensagens de conversão (sermões, tratados devocionais, histórias, cartilhas; manuscritos e impressos), e a ação empenhada de setores rigoristas no sentido de reformarem as suas ordens e de atraírem a elas homens e mulheres devotos.

Não será por acaso que os reformadores deram primazia àqueles grupos piedosos sem regra aprovada. Estes "zelotas de almas"⁵ propunham converter todo o cristão num religioso (obediente, arrependido, penitente e ortodoxo). Propunham a monaquização da sociedade, apresentando o mosteiro como o verdadeiro modelo da experiência religiosa⁶.



O contexto aveirense

Os casos representados pelas comunidades dominicanas de Aveiro enquadram-se perfeitamente nestas dinâmicas. Aqui vemos os frades do Convento de Nossa Senhora da Misericórdia a encaminhar mulheres devotas em direção à conventualização⁷. Aqui percecionamos as ansiedades das mulheres que, como as viúvas Beatriz Leitão e Mécia Pereira, procuram a direção espiritual dos dominicanos. Estas inquietações decorrem de indecisão quanto ao melhor caminho a seguir: entre optar por uma vida evangélica inserida no mundo ou, em alternativa, afastar-se dos perigos do século e aderir a uma comunidade monástica, em clausura. As preocupações reveladas pela religiosa dominicana que escreveu a *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus de Aveiro* no primeiro quartel do séc. XVI refletem um panorama mais vasto que atravessava a cristandade.

Ao longo do século XV, e no preciso momento em que a comunidade devota de Aveiro recebe do papa Pio II a bula de fundação, em 1461, Catarina de Sena era reconhecida como santa. Os dominicanos procuraram associá-la à sua causa e à reforma da sua Ordem. O modo como a sua vida foi sendo reelaborada, entre o final do séc. XIV e a primeira metade do séc. XV, reflete o desconforto face ao modelo penitente inserido no mundo, que Catarina corporizara – um modelo mais difícil, mais exposto aos perigos – e, em alternativa, a proposta do modelo monástico, que ela própria reconhece e aconselha como sendo o mais seguro, porque sustentado na renúncia à vontade própria, em obediência aos superiores⁸.

É justamente este o argumento que atravessa toda a narrativa de fundação do Mosteiro de Jesus e que se anuncia cedo, quando Beatriz Leitão e Mécia Pereira se questionam quanto ao destino a dar à pequena comunidade

estabelecida à sombra dos frades Pregadores. Recordemos as palavras que Fr. João de Guimarães, prior do Convento de Nossa Senhora da Misericórdia, dirige às mulheres que ali praticavam uma vida semi-conventual:

“(…) foy per elle determinado cõ conselho mui discreto que mais servico de deus era entõ ao presente e seria pera os tẽpos viindoyros e mayormẽte pera molheres de nobre geeracõ e nõ de muita Idade como entõce erã e ao depois poderiã viir . mais certa e segura vida era a de Religiã e ordẽ . que beguinaria na qual muitas vezes costuma cõtecer periigos de Infamia e grãdes erros⁹.

O momento em que a autora anónima da crónica escreve, algures entre 1513 e 1525¹⁰, corresponde a uma fase particularmente relevante do ponto de vista da expansão da observância dominicana feminina em Portugal. A priora Maria de Ataíde, filha da fundadora Beatriz Leitão, que governou o mosteiro entre 1482 e 1525, teve um papel fulcral neste processo.

A comunidade aveirense consolidava-se através da atração que exercia sobre um elevado número de candidatas à vida religiosa; e expandia-se pelos centros urbanos do Centro e Sul do país, através da fundação de novos conventos, sempre sob o signo da observância. Durante os 43 anos em que Maria de Ataíde liderou a comunidade, foram 53 as religiosas que ali professaram¹¹. Durante esses anos, várias freiras saíram de Aveiro para colaborar na fundação e reforma de comunidades dominicanas em Leiria¹², Lisboa¹³, Évora¹⁴, Montemor-o-Novo¹⁵ e Santarém¹⁶, algumas delas nascidas em circunstâncias semelhantes às de Aveiro, a partir de pequenos grupos de devotas¹⁷. O priorado de Maria de Ataíde foi

⁷Como se mostrará adiante. A conventualização das comunidades religiosas femininas do género dos beatérios ou beguinarias verificou-se um pouco por todo o lado na Cristandade tardomedieval. Portugal não fugiu à regra, como demonstram os múltiplos exemplos reportados em SOUSA, Bernardo Vasconcelos e [et al.] - *Ordens Religiosas em Portugal: das Origens a Trento*. Para o caso específico da comunidade que, em Évora, no século XVI, haveria de conhecer um processo semelhante, veja-se o estudo de FONTES, João Luís Inglês – Ordenar na Observância, pp. 47-59.

⁸LUONGO, F. Thomas - Cloistering Catherine, pp. 25-69; LUONGO, F. Thomas - Catherine of Siena's Advice to Religious Women, pp. 99-124.

⁹*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, p. 25.

¹⁰Sobre a autoria e datação da crónica aveirense, veja o estudo de SOBRAL, Cristina - A Vida da Princesa Santa Joana de Portugal, pp. 213-224.

¹¹MOITEIRO, Gilberto Coralejo – As Dominicanas de Aveiro, pp. 11-14.

¹²Para fundar o Convento de S. Ana, em 1498. Cf. *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 196-197.

¹³Conventos da Anunciada e de Nossa Senhora da Rosa, respetivamente, em 1515 e 1519. Ver *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, p. 199 e SOUSA, Fr. Luís de - *História de S. Domingos*, vol. II, p. 87.

¹⁴Para Nossa Senhora do Paraíso, em 1516, segundo SOUSA, Fr. Luís de - *História de S. Domingos*, vol. II, p. 70.

¹⁵Convento de Nossa Senhora da Saudação, em 1513. Cf. SOUSA, Fr. Luís de - *História de S. Domingos*, vol. I, p. 1151.

¹⁶Para S. Domingos das Donas, em 1513. Cf. *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 198-199.

¹⁷Veja-se as histórias de fundação de conventos femininos dominicanos reportadas por SOUSA, Bernardo Vasconcelos e [et al.] - *Ordens Religiosas em Portugal: das Origens a Trento*, pp. 393-403.

¹⁸Argumento central do trabalho de MOITEIRO, Gilberto Moiteiro - *As Dominicanas de Aveiro*.

¹⁹Sobre o conceito de "biografia sagrada" e a sua dimensão discursiva, veja-se HEFFERNAN, Thomas J. - *Sacred Biography*; ROSA, Maria de Lurdes - *A Santidade no Portugal Medieval*, pp. 369-450; e SOBRAL, Cristina - *O modelo discursivo hagiográfico*, pp. 97-107.

também marcado por um forte investimento na aquisição de textos para uso da comunidade e pela produção da Crónica que aqui me ocupa¹⁸.

Nestes tempos de reforma, a observância dominicana portuguesa precisava certamente de figuras tutelares. As santas de Aveiro, e muito especialmente, Joana, de ascendência régia, adequavam-se perfeitamente ao projeto de afirmação e expansão da ordem. Ainda que, nesta cronologia, não tenhamos evidência documental da transmissão destas biografias sagradas¹⁹ para lá dos muros do convento aveirense, a mensagem seguiu decerto com as muitas religiosas que partiram de Aveiro para fundar e reformar as comunidades anteriormente referidas.

1. Retrato da Princesa Santa Joana
c. 1472
Oficina portuguesa (?)
Óleo sobre madeira de carvalho
Proveniente do Convento de Jesus, Aveiro
©Câmara Municipal de Aveiro –
Col. Museu de Aveiro / Santa Joana
Inv. 1/A
Fotógrafo: Luís Pavão, 1990





Modelos de santidade

É o momento de nos questionarmos acerca do modelo de espiritualidade que a cronista dominicana interpreta, verte no seu texto e promove, desde logo, no interior da sua comunidade. A meu ver, trata-se de um modelo essencialmente monástico, que encontra matizes peculiares em cada uma das figuras tratadas: as fundadoras Beatriz Leitão e Mécia Pereira; a filha de Beatriz, Catarina de Ataíde; e aquela que, no século XVII, viria a integrar o álbum dos beatos, a infanta D. Joana. Mécia e Catarina não gozam de um tratamento tão detalhado quanto Beatriz e Joana, mas também elas revelam traços de santidade.

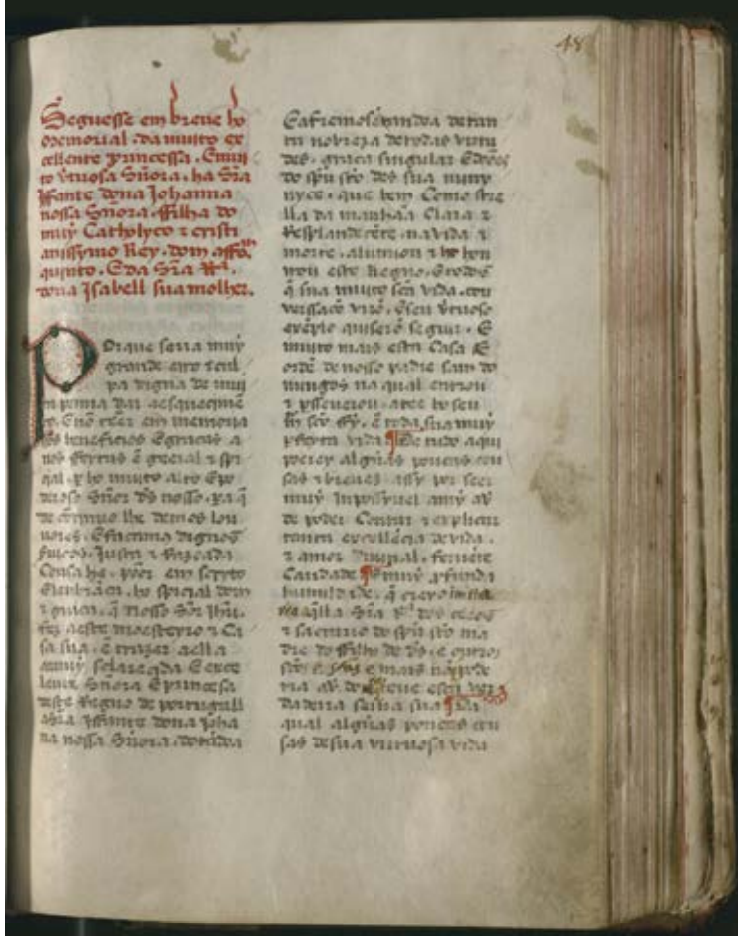
Analisarei de seguida os marcadores essenciais da sua espiritualidade. Abordarei os factos extraordinários que, para aquela que redigiu as suas vidas, atestam a santidade das protagonistas, no quadro de uma santidade admirável. De seguida, ocupar-me-ei dos traços de uma santidade imitável dirigida às religiosas do Mosteiro de Jesus para que estas repetissem aqueles exemplos²⁰. Os factos admiráveis e os comportamentos imitáveis situam-se na interseção dos conceitos de *charisma* e *habitus*, os quais permitem traduzir teoricamente as duas disposições fundamentais da vivência religiosa. *Charisma* é entendido como o dom ou a graça de Deus; *habitus*, como a disposição habitual ou a prática continuada de uma ação²¹.

Teremos, no entanto, de convir que esta tentativa de sistematização e a fronteira que separa as duas categorias não é sempre tão clara quanto gostaríamos, quando se trata de avaliar se o sentido atribuído a determinados feitos resulta da graça divina ou do empenho individual.

No que se refere às duas religiosas cujo tratamento foi mais breve, porque breves foram as vidas de Mécia Pereira e Catarina de Ataíde,

²⁰Os conceitos de "santidade admirável" e "santidade imitável" aqui empregados são devedores do trabalho de KIECKHEFER, Richard - *Unquiet Souls: Fourteenth-Century Saints*, p. 13. O conceito de santidade imitável foi também explorado por VAUCHEZ, André - *Saints admirables et saints imitables*, pp. 161-172; por SORELLI, Fernanda - *Imitable Sanctity: The Legend of Maria of Venice*, pp. 165-181; e DUVAL, Sylvie - *The Observance's Women*, pp. 13-31.

²¹*Charisma e habitus* são conceitos empregados por NAGY, Piroška - *Le don des larmes au Moyen Âge*, pp. 22-24.



2. Cronica da Fundação e Memorial

"Em este Liù he scritto e/ se contem ho nacimẽto principio e fundamẽto des/ te moesteyro e Casa de Jhũ/ Nosso Sõr desta villa de aveyro./ q pessoas ho fundarõ nos he diffiçios e Casa

[1467-1529], 1717-1748, 1773
Pergaminho de coloração amarela e papel manual avergado de coloração amarela com marca de água [1] 161 p. perg., 25 p. pap.
Letra manuscrita gótica a tinta sépia e vermelha
30,5 x 21,5 cm
Convento de Jesus de Aveiro
PT/MA/COD 9

Códice composto por duas partes. A primeira, em pergaminho, contém a Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus de Aveiro, o Memorial da Infanta Santa Joana, o Memorial das Religiosas que professaram e faleceram no Mosteiro de Jesus e o Memorial das servidoras que entraram e faleceram no Mosteiro de Jesus.

²²Aspeto assinalado por MACHADO, Ana Maria - O Memorial da Infanta Santa Joana, pp. 299- 309.

²³Para uma análise dos recursos expressivos a que a cronista de Aveiro recorre para redigir a *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, veja-se MOITEIRO, Gilberto Coralejo - Texto e experiência religiosa feminina, pp. 31-48.

²⁴*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 5 e 76.

²⁵*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 3, 16-17, 45, 77-79, 85, 89 e 92.

²⁶É o que deixam perceber as vidas de Beatriz Leitão e Catarina de Ataíde (*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 7-9), de Mécia Pereira (pp. 16-17) e da infanta D. Joana (pp. 131-132). Para uma interpretação dos fenómenos de abandono do mundo na sociedade de corte, veja-se ROSA, Maria de Lurdes - Exercício do poder e salvação da alma: a «fuga mundi», pp. 423-451.

²⁷*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 23-24, 34, 44, 47, 78.

²⁸*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 142-145 e 178-184.

²⁹*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 14,30 e 48.

³⁰Sobre a teoria sobre o discernimento dos espíritos nos textos de Jean Gerson

e as suas consequências e receção por reformadores das ordens mendicantes, assim como a análise de casos de mulheres sob suspeita, veja-se CACIOLA, Nancy - *Discerning Spirits: Divine and Demonic Possession in the Middle Ages*; ELLIOT, Dyan - *Proving Woman: Female Spirituality and Inquisitional Culture in the Later Middle Ages*; e HERZIG, Tamar - *Female Mysticism, Heterodoxy, and Reform*, pp. 265-270.

³¹*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, p. 180.

³²*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 50, 54, 124.

³³*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 36-37 e 184-185.

³⁴Veja-se a síntese de HERZIG, Tamar - *Female Mysticism, Heterodoxy, and Reform*, pp. 265-270.

³⁵Ver MCGINN, Bernard - *The Changing Shape of Late Medieval Mysticism*, pp. 197-219; HERZIG, Tamar - *Female Mysticism, Heterodoxy, and Reform*, pp. 255-282, e ZARRI, Gabriella - *Female Sanctity, 1500-1660*, pp. 180-200.

³⁶Cf. o estudo de DEBBY, Nirit Ben-Aryeh - *The images of Saint Birgitta of Sweden in Santa Maria Novella in Florence*, pp. 509-526, onde a autora explora a ação de reformadores dominicanos observantes na promoção do culto de S. Brígida na viragem do séc. XIV para o XV.

a cronista associa-lhes elementos que, de forma resumida, serão ampliados nas vidas das protagonistas Beatriz Leitão e da princesa D. Joana²². Os traços de santidade aí enunciados culminam numa alegação de incapacidade para exprimir factos tão extraordinários. A cronista remete-se, assim, ao silêncio, deixando espaço para o recetor completar a narrativa, designadamente, através dos atributos associados às figuras principais²³.

Entre os factos maravilhosos, há que destacar o nascimento em circunstâncias admiráveis²⁴. O dom da beleza²⁵, que lhes acarreta problemas, devido aos pretendentes que estas mulheres atraem. A resistência à vontade das famílias, que se opõem às suas entradas no convento, obriga-as a travar duras lutas. No entanto, são protegidas por Deus, que as auxilia na defesa da virgindade²⁶. O dom da sabedoria e da eloquência, pela graça do Espírito Santo²⁷. As visões proféticas e de atestação da santidade²⁸, mas também as aparições tentadoras²⁹. Este assunto mostrava-se particularmente sensível, numa época marcada pela desconfiança em relação aos fenómenos místicos. Recordemos a teoria do “discernimento dos espíritos” desenvolvida por teólogos como Jean Gerson para distinguir a verdadeira da falsa santidade, ou para diferenciar maravilhas com origem divina de enganos diabólicos³⁰. A cronista tem perfeita consciência deste problema; por isso, escreve:

“Nõ digo ysto porque cõtra a santa ffe Catholyca aja de afirmar o que ella nega defende e mãda nõ avermos de creer e sonhos . mas porque levemente leeya e ouca o que aquy diser cõ boa e sãa cõciencia . pera nysso Receber algũa cõssolacã . E pessar levemente poderia ser per võtade e ordenãca do piedoso Senhor deus (...)³¹”

Estas religiosas obtêm o dom do sofrimento, que expia os pecados próprios e alheios. É o próprio Deus que, nas palavras da cronista, visita as suas servas com doenças corporais³².

3. Túmulo Princesa Santa Joana
 (coro baixo do antigo Convento de Jesus de Aveiro)
 Encomendado em 1694
 [terminado em 1709]
 João Antunes, arquiteto régio
 Mármore policromos, embrechados
 © Câmara Municipal de Aveiro
 – Col. Museu de Aveiro / Santa Joana
 Inv. 272/B
 Fotógrafo: José Pessoa, 1992



O corpo padecente terá poder taumatúrgico, o que virá a ser confirmado pelos devotos que procuram a sua intercessão³³.

Os estudiosos dos movimentos observantes têm vindo a identificar uma certa ambivalência perante os fenómenos extraordinários que as hagiografias vinham acumulando, e que tenderam a multiplicar-se ao longo dos séculos XIII e XIV³⁴.

Referências de natureza mística e maravilhas tornavam-se cada vez mais explícitas, designadamente em vidas de mulheres falecidas em odor de santidade, aproximando-se perigosamente de correntes de misticismo que sugeriam a deificação do ser humano, como aconteceu nos territórios germânicos e Países Baixos³⁵. Ainda que os reformadores observantes promovessem o culto de personalidades tão “flamejantes” quanto Brígida da Suécia³⁶ ou Catarina de Sena³⁷, foram orientando paulatinamente o teor das suas mensagens na defesa de formas de vida mais contidas.

Fernanda Sorelli cunhou a expressão “santidade imitável” para se referir à vida de Maria de Veneza, escrita pelo dominicano Tommaso Caffarini no início do séc. XV, em comparação com aquela outra vida escrita pelo mestre dos dominicanos, Raimundo de Cápua, sobre S. Catarina de Sena. Ainda que os seus hábitos devocionais e penitenciais sejam essencialmente os mesmos, o modelo representado pelo primeiro mostra-se mais modesto, contido, humano e realizável do que o segundo. Caffarini privilegia a vida de Maria de Veneza centrada no seu valor exemplar; não tanto pelos seus elementos vibrantes, mas antes pela sua condição repetitiva, consistente, resguardada dos olhares do mundo, na clausura, em cumprimento dos princípios subjacentes à normativa monástica³⁸.

Parece-me que podemos ver nas santas de Aveiro, e particularmente em Joana, um modelo misto, que, por momentos, parece querer aventurar-se pelo extraordinário, pelo miraculoso, pelo dramatismo e, ao mesmo tempo, um modelo estruturado em torno de núcleos muito concretos, exequíveis, condizentes com uma vida monástica exemplar. A análise destes núcleos permite identificar propostas concretas a serem seguidas, antes de mais, pela comunidade dominicana de Aveiro.

Salta imediatamente à vista a função instrumental do corpo no processo de salvação da alma³⁹. Este deve ser renegado e flagelado. As santas de Aveiro exercitam continuamente o seu corpo ao serviço da divindade. Sublinha-se a diligência com que devem ser executados os trabalhos “corporais e espirituais”, em vigília e esforço constantes, em permanente luta contra a ociosidade⁴⁰. Seja em contexto litúrgico ou no âmbito de devoções e práticas ascéticas, a comunidade trabalha por manter a mente e o corpo ocupados em exercícios penitenciais. De dia e de noite, as religiosas mantêm-se constantes na prática das orações, na meditação sobre a Paixão de Cristo e nas disciplinas corporais⁴¹.

A narradora toma a mortificação do corpo como matéria principal, pois este é um dos requisitos que diferenciará as santas dos cristãos comuns, segundo o modelo induzido por outras vidas exemplares. É em relação à infanta que a referência a esta prática é mais desenvolvida. São várias as passagens em que a narradora relembra a forma como ela sacrifica a sua carne, especialmente nos dias dedicados à celebração da humanidade de Cristo⁴². Joana desenvolve inclusivamente a arte de preparar instrumentos de autoflagelação para si e as suas companheiras⁴³.

Os suplícios a que as religiosas se sujeitam, as constantes vigílias; os curtos períodos de sono em camas e tecidos desconfortáveis; as

³⁷Ver HAMBURGER, Jeffrey F. e SIGNORI, Gabriela Signori (eds.) - *Catherine of Siena: The Creation of a Cult*; FESTA, Gianni - *Il modello cateriniano nell'agiografia femminile domenicana tra Quattro e Cinquecento*, pp. 449-488; VAUCHEZ, André - *Catalina de Siena: Vida y pasiones*. Barcelona: Herder, 2017.

³⁸SORELLI, Fernanda - *Imitable Sanctity: The Legend of Maria of Venice*, pp. 165-181.

³⁹MOITEIRO, Gilberto Coralejo - *Manifestações exteriores da vida interior*, pp. 65-86.

⁴⁰MOITEIRO, Gilberto Coralejo - *Manifestações exteriores da vida interior*, pp. 76-77.

⁴¹MOITEIRO, Gilberto Coralejo - *Manifestações exteriores da vida interior*, pp. 78-80.

⁴²*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 78-84 e 142.

⁴³*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 116-117.

⁴⁴*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 78 e 91.

⁴⁵Cf. PETROFF, Elizabeth Alvilda - *Body and Soul: essays on medieval women and mysticism*; BYNUM, Caroline Walker - *The Female Body and Religious Practice in the Later Middle Ages*, pp. 181-238; COHEN, Esther - *The Animated Pain of the Body*, pp. 36-68.

⁴⁶MOITEIRO, Gilberto Coralejo - *As lágrimas na hagiografia do Mosteiro de Jesus de Aveiro*, pp. 391-411.

⁴⁷Cf. os estudos clássicos de BELL, Rudolph M. - *Holy Anorexia*; e BYNUM, Caroline Walker - *Holy Feast and Holy Fast*.

⁴⁸*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 14, 19, 22-23, 51, 82, 84, 87, 95, 111, 115, 120.

⁴⁹LUONGO, F. Thomas - *Catherine of Siena's Advice to Religious Women*, pp. 99-124, *passim*. Cf. MOITEIRO, Gilberto Coralejo - *Obediência e Clausura*, pp. 27-46.

⁵⁰*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 7, 87, 119, 136, 138-141.

⁵¹*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 5, 7-8, 12, 14, 37-38, 40, 42, 45-47.

⁵²*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 15-21, 29, 31-37.

⁵³*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 2-16, 20, 22-30, 35, 37-38, 40-44, 47-51, 56-57, 64-65, 67-69, 72, 101-106, 113-115.

⁵⁴*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, p. 72.

⁵⁵*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, pp. 1, 28, 53-54, 69, 71, 75-187.

⁵⁶Cf. SOBRAL, Cristina - *O modelo discursivo hagiográfico*, pp. 97-107.

tarefas quotidianas e os ofícios litúrgicos; as doenças que, por sua vez, as fazem redobrar em esforço e extenuam os corpos são entendidos como martírio, numa clara referência às santas virgens e mártires do cristianismo primitivo, explicitamente S. Catarina de Alexandria e S. Cecília⁴⁴. Ainda assim, em nada comparáveis ao sacrifício que Cristo oferecera ao Pai para a expiação do pecado humano e em relação ao qual as santas de Aveiro nutrem uma devoção declaradamente corpórea.

O culto do corpo de Cristo ocupa um lugar cimeiro na dinâmica devocional aveirense, em consonância com as tendências da época. No âmbito da espiritualidade feminina, esse lugar tem-se mostrado ainda mais marcante, associado à ideia da união mística e à identificação do género feminino com a humanidade de Cristo, a sua pobreza e padecimentos⁴⁵. Este é, em grande medida, o quadro que explica o copioso derramamento de lágrimas que perpassa todo o texto hagiográfico e no âmbito das quais, uma vez mais, se destaca a figura de Joana. As lágrimas assumem-se como mais um veículo de aperfeiçoamento espiritual a par de outros exercícios, como a oração, o jejum, a leitura, a meditação e a mortificação do corpo, sem nunca negligenciar a frequência dos sacramentos da Eucaristia e da Penitência⁴⁶.

Os corpos destas mulheres são ainda feridos pela prática contínua de jejuos e abstinências, numa espécie de *anorexia mirabilis*⁴⁷. A pobreza evangélica é aqui entendida no domínio da dieta alimentar e na aspereza dos tecidos que vestem os leitos e os corpos⁴⁸. O controlo do corpo é efetivado na clausura e no silêncio, numa "clausura de sentidos" – que recorda o conceito de "claustró interior" a que tantas vezes Catarina de Sena se referia⁴⁹ – e que elas praticam antes mesmo de ingressarem no mosteiro. Estas mulheres não atendem apenas aos seus corpos. Elas assumem uma conceção comunitária – a de corpo social – que obriga ao amparo dos corpos e das almas dos irmãos em Cristo, dentro e fora do mosteiro, especialmente dos mais pobres e marginalizados. É neste sentido que abundam as alusões a atos imbuídos do espírito da *caritas*, na prática das obras de misericórdia corporais e espirituais⁵⁰.

Porque até aqui apresentei traços transversais das santas dominicanas de Aveiro, gostaria de, em jeito de epílogo, distinguir os modelos individuais propostos pela autora da *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*.

A mais jovem de todas, Catarina de Ataíde, filha de Beatriz Leitão, falece com apenas 22 anos. Acompanha a mãe na reclusão e especializa-se na cópia de livros para assegurar as obrigações litúrgicas da comunidade. É apresentada como perfeita religiosa, obediente, cheia de virtudes, penitente, caridosa, de boa conversação, muito devota da Paixão, ostentando no corpo juvenil o presságio da vida religiosa e, no corpo falecido, o sorriso da glória celeste⁵¹.

Mécia Pereira, filha do senhor da Feira, é representada como uma rica viúva que, após a morte de Martim Mendes de Berredo, e com o amparo dos dominicanos, se sente impelida a juntar-se ao recolhimento de Beatriz Leitão e, com ela, solicitará ao papa a bula de fundação do Mosteiro de Jesus. O desprezo e a fuga do

mundo, a reação desfavorável da sua família e a luta que tem de travar para cumprir os seus intentos; a vasta doação de bens ao mosteiro e o seu envolvimento nos trabalhos de edificação e gestão da casa; a adesão à pobreza; a doença que sofre pacientemente, e na qual se mostra perseverante nos ofícios, nas penitências, obediente aos superiores, boa conselheira e sábia são os seus principais atributos. As provas da sua santidade manifestam-se admiravelmente no seu falecimento, cujo rosto se mantém belo e angelical. O reconhecimento popular de que gozava em vida, continua após a sua morte: prestam-lhe culto, visitam-na na sua sepultura, levam da sua terra e afirmam alcançar milagres⁵².

Beatriz Leitão⁵³, viúva de Diogo de Ataíde, que, como o marido, cedo denotou uma vocação religiosa, enquanto cofundadora do mosteiro, é apresentada como o modelo de prioresa observante. Carismática, mãe espiritual, impõe a vida comum em harmonia e em obediência aos instrumentos normativos da ordem (à regra e constituições). Religiosa contemplativa e superiora ativa, a vida de Beatriz tem intuídos hagiográficos e didáticos, funciona como um tratado destinado às jovens religiosas, repleto de exemplos acerca do quotidiano monástico, com ênfase na guarda da clausura. A cronista também assinalou o reconhecimento público da sua santidade, pois os seus restos mortais atraíram o povo de Aveiro: "(...) hūus por ho grāde amor que tiinhā aa sancta madre e conhecimēto de sua santa e doce cōverssacõ . e falla . Outros por ho louvor e fama de sua santa Vida e virtudes"⁵⁴.

Por fim, na vida da infanta D. Joana⁵⁵, todos os atributos das mulheres anteriores são amplificados. Em Joana, os elementos da santidade imitável são superados pelos de uma santidade admirável. O seu percurso é seguido desde a infância, fase em que se denotam já o aborrecimento do mundo, a recusa em contrair matrimónio, e a clara opção pela vida consagrada a Deus, contra tudo e todos, num mosteiro pobre e rigoroso. Imita as santas mártires; é constante nos exercícios espirituais, na mortificação do corpo, muito devota da Paixão. Oferece os seus sacrifícios pelo perdão dos pecados e a conversão dos pecadores. Apesar de não a deixarem professar, faz voto secreto de castidade e comporta-se como perfeita religiosa observante: humilde e obediente, pacificadora, caridosa, boa conselheira, assídua aos ofícios comunitários, espirituais e corporais, paciente. A sua santidade é comprovada pelas maravilhas que a rodeiam: sinais celestes; visões; a beleza e leveza do corpo falecido; a natureza em luto e outros milagres alcançados com a terra da sua sepultura. A vida de Joana segue, em tudo, o *modelo discursivo hagiográfico*⁵⁶.



4. Morte da Princesa Santa Joana
c. 1734
Escola portuguesa
Óleo sobre tela
Proveniente do Convento de Jesus, Aveiro
© Câmara Municipal de Aveiro
- Col. Museu de Aveiro / Santa Joana
Inv. 231/A
Fotógrafo: Carlos Monteiro, 1994

Conclusão

As santidades aveirenses reproduzem modelos essencialmente monásticos observantes. Ainda que anotem factos extraordinários e maravilhosos, eles são relativamente contidos, e podem ser compreendidos como estando situados a uma distância temporal não muito afastada da vida das protagonistas (havia ainda religiosas vivas, testemunhas dos acontecimentos). Ainda que este género de factos fosse objeto de desconfiança e, por isso, o modelo de santidade místico e profético (das beatas do tipo "Catarina de Sena") se mostrasse canonicamente desenquadrado, ele não se extinguiu de todo. No âmbito da Observância,

estes traços foram sendo substituídos por exemplos que pudessem ser imitados pelos auditórios que os recebiam, as religiosas nos mosteiros. Ainda assim, havia que anotar factos sobrenaturais e extraordinários que justificassem a veneração e devoção às santas, ao menos no âmbito da clausura.

Bibliografia:

Fontes primárias

Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro e Memorial da Infanta Santa Joana Filha Del Rei Dom Afonso V. Códice Quinhentista. Leitura, Revisão e Prefácio de MADAHIL, António Gomes da Rocha. Aveiro: Ed. do Prof. Francisco Ferreira Neves, 1939.

SOUSA, Frei Luís de - *História de S. Domingos*, 2 vols., introdução e revisão por ALMEIDA, M. Lopes de. Porto: Lello & Irmãos, 1977.

Estudos

BEEBE, Kathryn - Observant Reform in the Late Middle Ages. In KACZYNSKI, Bernice M. - *The Oxford Handbook of Christian Monasticism*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2020, pp. 300-313.

BELL, Rudolph M. - *Holy Anorexia*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1987.

BOLTON, Brenda - *A Reforma na Idade Média: Século XII*. Lisboa: Edições 70, 1986.

BYNUM, Caroline Walker - *Holy Feast and Holy Fast: The Religious Significance of Food to Medieval Women*. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 1988.

BYNUM, Caroline Walker - The Female Body and Religious Practice in the Later Middle Ages. In *Fragmentation and Redemption: Essays on Gender and the Human Body in Medieval*

Religion. Nova Iorque: Zone Books, 1992, pp. 181-238.

CACIOLA, Nancy - *Discerning Spirits: Divine and Demonic Possession in the Middle Ages*. Ithaca: Cornell University Press, 2003.

COHEN, Esther - The Animated Pain of the Body. *The American Historical Review*, vol. 105, 1 (2000), pp. 36-68.

DEBBY, Nirit Ben-Aryeh - The images of Saint Birgitta of Sweden in Santa Maria Novella in Florence. *Renaissance Studies*, 18, 4 (2004), pp. 509-526.

DUVAL, Sylvie - The Observance's Women: New Models of Sanctity and Religious Discipline for the Female Dominican Observant Movement during the Fifteenth century. In ROEST, Bert e UPHOFF, Johanneke - *Religious Orders and Religious Identity Formation, ca. 1420-1620: Discourses and Strategies of Observance and Pastoral Engagement*. Leiden e Boston: Brill, 2016, pp. 13-31.

ELLIOT, Dyan - *Proving Woman: Female Spirituality and Inquisitional Culture in the Later Middle Ages*. Princeton: Princeton University Press, 2004.

FESTA, Gianni - Il modello cateriniano nell'agiografia femminile domenicana tra Quattro e Cinquecento. In ROMAGNOLI, Alessandra Bartolomei, CINELLI, Luciano, PIATTI, Pierantonio - *Virgo digna coelo. Caterina e la sua eredità. Raccolta di studi in occasione del 550º*

anniversario della canonizzazione di santa Caterina da Siena (1461-2011). Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013, pp. 449-488.

FONTES, João Luís Inglês - Ordenar na Observância: Traços e Memória do Processo de Institucionalização do Mosteiro Dominicano do Paraíso de Évora. In GOUVEIA, António Camões; NUNES, José; FONTES, Paulo F. de Oliveira - *Os Dominicanos em Portugal (1216-2016)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa/Universidade Católica Portuguesa, 2018, pp. 47-59.

HAMBURGER, Jeffrey F. e SIGNORI, Gabriela Signori (eds.) - *Catherine of Siena: The Creation of a Cult*. Turnhout: Brepols, 2013.

HAMM, Berndt - Normative Centering in the Fifteenth and Sixteenth Centuries: Observations on Religiosity, Theology, and Iconology. *Journal of Early Modern History*, 3 (1999), pp. 307-354.

HEFFERNAN, Thomas J. - *Sacred Biography: Saints and their Biographers in the Middle Ages*. Oxford e Nova Iorque: Oxford University Press, 1988.

HERZIG, Tamar - Female Mysticism, Heterodoxy, and Reform. In MIXSON, James D.; ROEST, Bert - *A Companion to Observant Reform in the Late Middle Ages and Beyond*. Leiden e Boston: Brill, 2015, pp. 254-282.

HUIJBERS, Anne - *Zealots*

for Souls. Dominican Narratives of Self-Understanding during Observant Reforms, c. 1388-1517. Berlin e Boston: De Gruyter, 2018.

KIECKHEFER, Richard - *Unquiet Souls: Fourteenth-Century Saints and their Religious Milieu*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

LUONGO, F. Thomas - Cloistering Catherine: Religious Identity in Raymond of Capua's Legenda Maior of Catherine of Siena. *Studies in Medieval and Renaissance History*, 3 (2006), pp. 25-69.

LUONGO, F. Thomas - Catherine of Siena's Advice to Religious Women. *Specula: Journal of Humanities and Spirituality*, 3 (2022), pp. 99-124. Disponível em: https://doi.org/10.46583/specula_2022.3.1032.

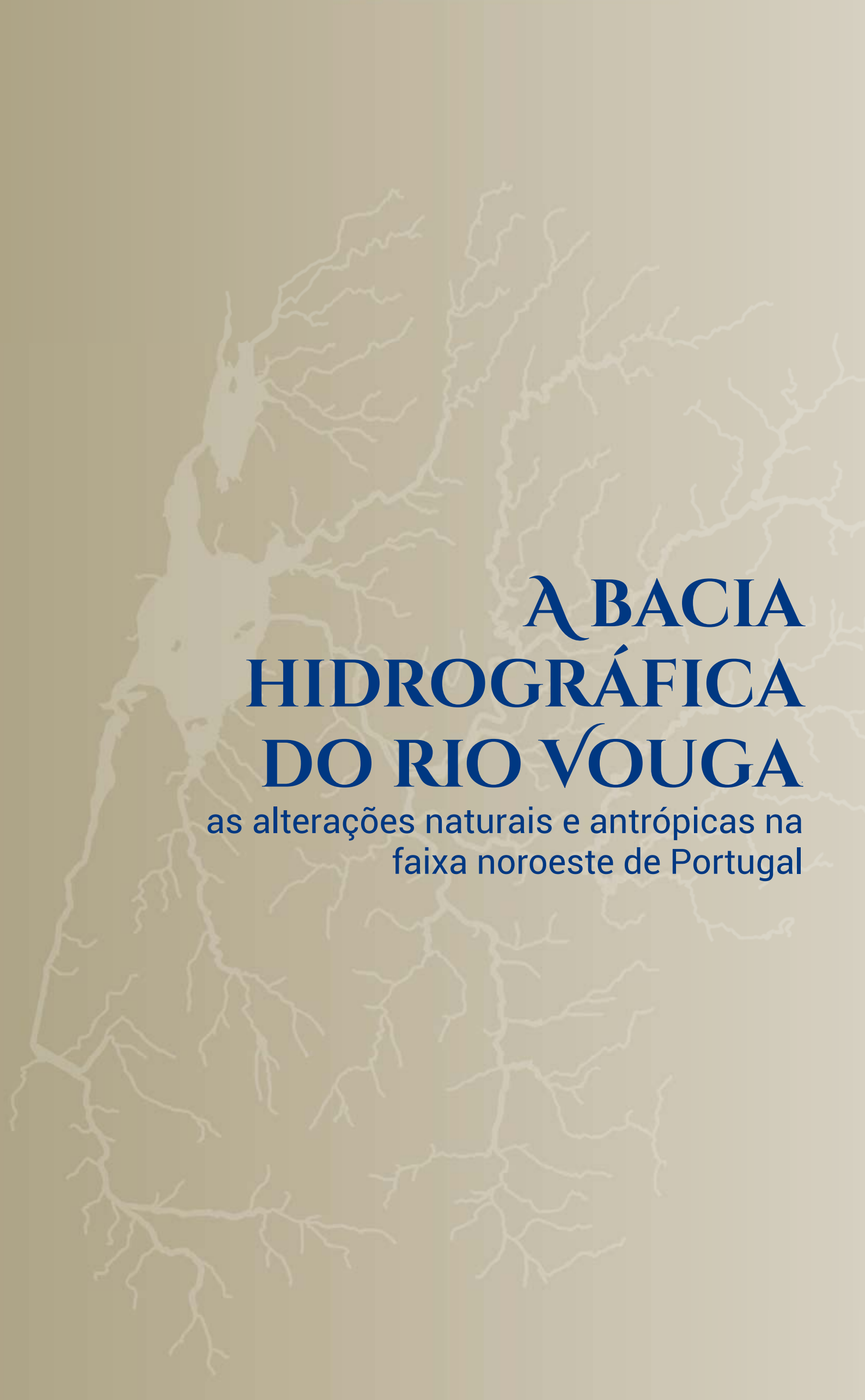
MACHADO, Ana Maria - O Memorial da Infanta Santa Joana. Entre a crónica e a hagiografia. *Revista da Universidade de Aveiro - Letras*, 6-8 (1989-1991), pp. 299-309.

MCGINN, Bernard - The Changing Shape of Late Medieval Mysticism. *Church History*, 65, 2 (1996), pp. 197-219.

MIXSON, James D. - Religious Life and Observant Reform in the Fifteenth Century. *History Compass*, 11, 3 (2013), pp. 201-214.


MIXSON, James - Observant Reform's Conceptual Frameworks between Principle and Practice. In

- MIXSON, James D.; ROEST, Bert - *A Companion to Observant Reform in the Late Middle Ages and Beyond*. Leiden e Boston: Brill, 2015, pp. 60-84.
- MIXSON, James D.; ROEST, Bert - *A Companion to Observant Reform in the Late Middle Ages and Beyond*. Leiden e Boston: Brill, 2015.
- MOITEIRO, Gilberto Coralejo - As lágrimas na hagiografia do Mosteiro de Jesus de Aveiro: expressão de uma comunidade emocional. In BARATA, Maria do Rosário Themudo e KRUS, Luís (eds.) - *Olhares sobre a História. Estudos oferecidos a Iria Gonçalves*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009, pp. 391-411.
- MOITEIRO, Gilberto Coralejo - As Dominicanas de Aveiro (c. 1450-1525): Memória e Identidade de uma Comunidade Textual [Em linha]. Tese de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2013, pp. 11-14. Consult. em março de 2023] Disponível em <<http://hdl.handle.net/10362/10793>>.
- MOITEIRO, Gilberto Coralejo - Texto e experiência religiosa feminina: estratégias discursivas hagiográficas no seio da observância dominicana portuguesa. In FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires - *Voices da Vida Religiosa Feminina: Experiências, Textualidades e Silêncios (Séculos XV-XX)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2015, pp. 31-48.
- MOITEIRO, Gilberto Coralejo - Manifestações exteriores da vida interior. Usos do corpo e representações da alma na Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus de Aveiro. In FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires - *Género e Interioridade na Vida Religiosa: Conceitos, Contextos e Práticas*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2017, pp. 65-86.
- MOITEIRO, Gilberto Coralejo - Obediência e Clausura: Receção e produção femininas de um tópico definidor e persistente. In GOUVEIA, António Camões; FONTES, Paulo F. de Oliveira (eds.) - *Os Dominicanos em Portugal (1216-2016)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2018, pp. 27-46.
- NAGY, Piroška - *Le don des larmes au Moyen Âge: Un instrument spirituel en quête d'institution (Ve-XIIIe siècle)*. Paris: Albin Michel, 2000.
- PETROFF, Elizabeth Alvilda - *Body and Soul: essays on medieval women and mysticism*. Nova Iorque e Oxford: Oxford University Press, 1994.
- ROEST, Bert - Observant Reform in Religious Orders. In *The Cambridge History of Christianity*, vol. 4, RUBIN, Miri; SIMONS, Walter - *Christianity in Western Europe*, c. 1100-c. 1500. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 446-457.
- ROSA, Maria de Lurdes - A Santidade no Portugal Medieval: Narrativas e Trajectos de Vida. *Lusitania Sacra*, 2.ª série, 13-14 (2001-2002), pp. 369-450.
- ROSA, Maria de Lurdes - Exercício do poder e salvação da alma: a «fuga mundi» na corte régia tardomedieval portuguesa. In BECEIRO PITA, Isabel - *Poder, piedade y devoción. Castilla y su entorno (Siglos XII-XV)*. Madrid: Sílex, 2014, pp. 423-451.
- SOBRAL, Cristina - O modelo discursivo hagiográfico. In LARANJINHA, Ana Sofia e MIRANDA, José Carlos Ribeiro - *Modelo. Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, pp. 97-107.
- SOBRAL, Cristina - A Vida da Princesa Santa Joana de Portugal: Hipóteses de Autoria. *Revista de Literatura Medieval*. 27 (2015), pp. 213-224.
- SORELLI, Fernanda - Imitable Sanctity: The Legend of Maria of Venice. In BORNSTEIN, Daniel e RUSCONI, Roberto - *Women and Religion in Medieval and Renaissance Italy*. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1996, pp. 165-181.
- SOUSA, Bernardo Vasconcelos e [et al.] - *Ordens Religiosas em Portugal: das Origens a Trento. Guia Histórico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- VAUCHEZ, André - Saints admirables et saints imitables: les fonctions de l'hagiographie ont-elles changé aux derniers siècles du Moyen Âge? In *Les fonctions des saints dans le monde occidental (IIIe-XIIIe siècle)*. Actes du colloque de Rome (27-29 octobre 1988). Rome: École Française de Rome, 1991, pp. 161-172.
- VAUCHEZ, André - *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental (Séc. VIII-XIII)*. Lisboa: Estampa, 1995.
- VAUCHEZ, André - *Catalina de Siena: Vida y pasiones*. Barcelona: Herder, 2017.
- ZARRI, Gabriella - Female Sanctity, 1500-1660. In HSIA, R. Po-Chia (ed.) - *Christianity: Reform and Expansion, 1500-1660*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, pp. 180-200.



A BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO VOUGA

as alterações naturais e antrópicas na
faixa noroeste de Portugal



Joana Margarida Ribeiro Marques
Universidade de Évora
joanaribeiro.99@outlook.pt

O rio Vouga, elemento organizador da paisagem, contribuiu para a subsistência das populações ao longo de vários séculos. Nascido entre os distritos da Guarda e de Viseu, viu a sua foz modificar-se ao longo do tempo, sobretudo depois do século VII. Apesar de não se assistirem a grandes alterações geológicas no leito do alto e do médio Vouga, a linha de costa noroeste de Portugal estava em constante crescimento, o que significa que as povoações tiveram de se adaptar ao ambiente, desistindo de zonas de exploração salífera, pesca, agropecuária e de portos marítimos/marítimo-fluviais, em detrimento de outros novos, mais próximos do Oceano Atlântico. Esta situação influenciou o progresso da demografia e a capacidade das pessoas viverem do mar e dos seus recursos.

The Vouga river, an organizing element of the landscape, has contributed to the subsistence of the populations throughout the centuries. It originates between the districts of Guarda and Viseu and it has seen its estuary change over time, especially after the 7th century. Despite not witnessing any major geological changes in the riverbed of the upper and middle Vouga, the northwestern coastline of Portugal was in constant growth, which means that the populations had to adapt to those changes, giving up saliferous exploration areas, fishing, farming and maritime/fluviio-maritime ports, to the detriment of newer ones closer to the Atlantic Ocean. This situation influenced the demographic evolution and the ability of people to live off the sea and its resources.



Introdução

A bacia hidrográfica do rio Vouga, maioritariamente situada na sub-região de Lafões, tem sido tópico de discussão em estudos relacionados com as mais diversas ciências, devido à sua localização e a todo o povoamento que se instalou nas suas margens até aos dias de hoje.

Os principais objetivos deste artigo passam por analisar brevemente a bacia hidrográfica do Vouga e a constituição de uma nova zona geológica denominada por 'Barra', em Aveiro, através de fontes literárias, cartográficas e arqueológicas.

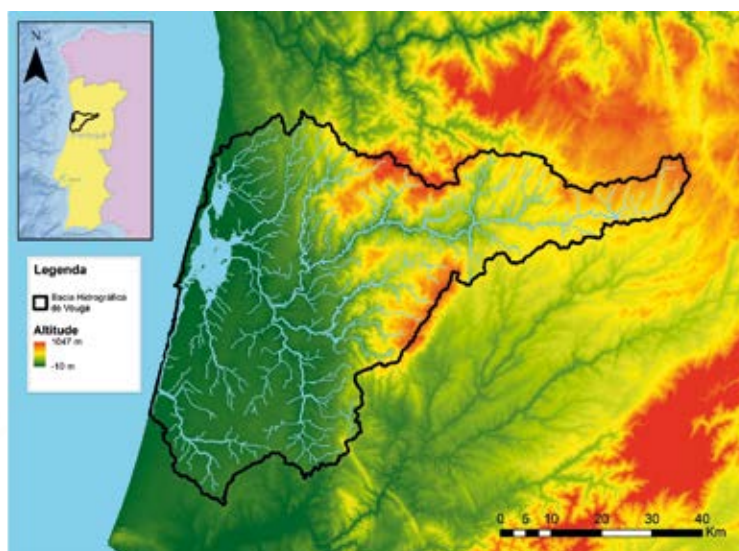


Fig. 1. Localização da bacia hidrográfica do rio Vouga. Elaboração própria a partir dos dados altimétricos do SRTM 30m.

Localização

A zona em estudo localiza-se, exclusivamente, em território português continental, entre as serras de Dão-Lafões e o Oceano Atlântico (fig. 1). Encaixada numa paisagem única, pintada em tons de verde e azul, a bacia hidrográfica do Vouga atravessa o país transversalmente na região centro, entre as bacias hidrográficas do Douro (a norte) e do Mondego (a sul).

O seu clima singular, pautado pelas influências marítimas e montanhosas, possibilita temperaturas baixas e taxas de pluviosidade altas no outono e no inverno, assim como temperaturas relativamente amenas e taxas de pluviosidade moderadas na primavera e no verão. De modo a aproveitar a qualidade e a controlar a quantidade de água disponível nesta bacia (relembrando as enchentes anuais no médio Vouga) para as mais variadas atividades (agricultura, pecuária, eletricidade, indústria), tem-se apostado, desde cedo, em pequenas hídricas e açudes para o abastecimento das populações.

Todavia, entre 2010 e 2015 desenvolveram-se trabalhos no âmbito da construção de um aproveitamento hidroelétrico a 85 km da nascente. Constituída por duas barragens, em Ribeiradio e na Ermida, respetivamente, esta obra veio alterar, consideravelmente, a paisagem e a bacia hidrográfica do rio Vouga. A cota do rio, anteriormente mais baixa e estreita, foi aumentada, resultando numa bacia larga com capacidade para largas toneladas de água. Os pequenos campos agrícolas que anteriormente se situavam nas margens do Vouga ficaram submersos, dando origem a novas zonas de aproveitamento agrícola. As cheias, que antes amedrontavam as gentes do campo, tornaram-se mais controladas, o que permitiu um uso racionalizado da água em tempos húmidos e secos. Ainda assim, no meio deste cenário rural e pitoresco, surgem duas construções betumadas em grande escala (fig. 2).

A bacia hidrográfica do rio Vouga é a terceira maior em área e está compreendida entre os distritos da Guarda, Viseu, Aveiro e Coimbra.



Fig. 2. Pormenor do Aproveitamento Hidroelétrico da Ermida na paisagem. Fotografia gentilmente cedida por João Marques. Abril de 2023.

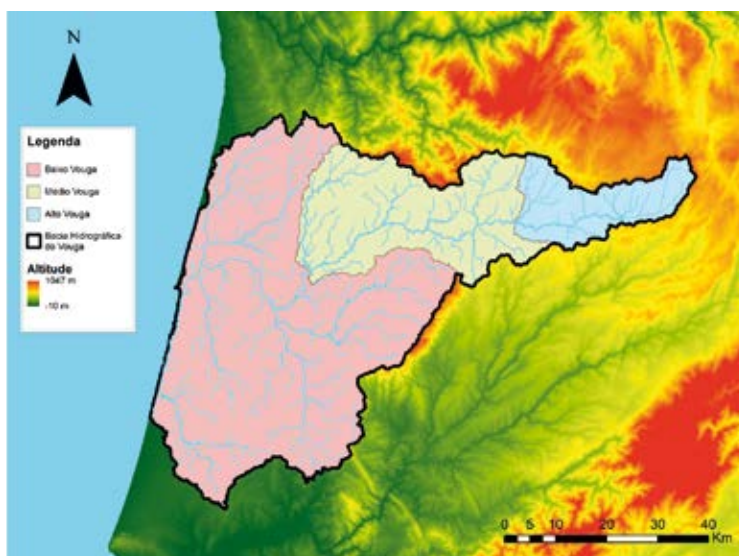


Fig. 3. As distintas secções do Vouga: o alto, o médio e o baixo Vouga. Elaboração própria a partir dos dados altimétricos do SRTM 30m.

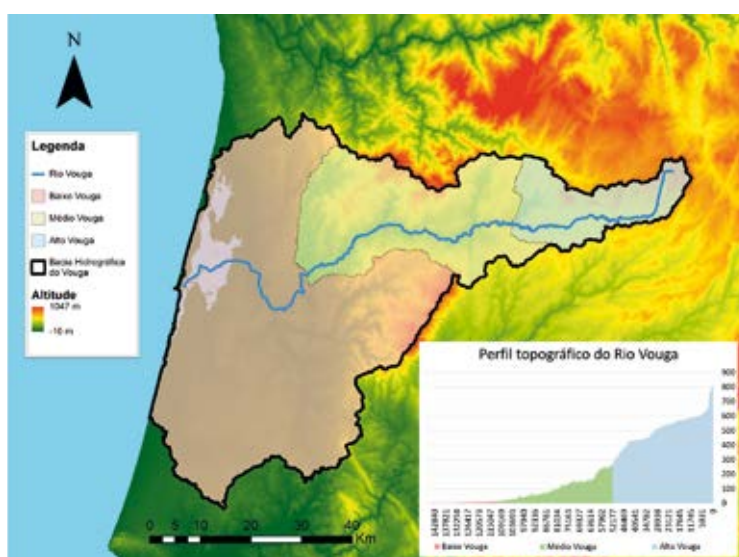


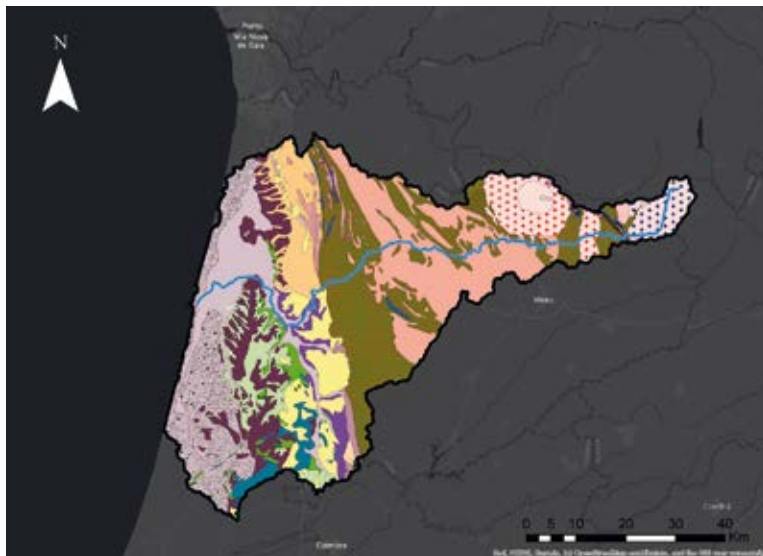
Fig. 4. O perfil topográfico do rio Vouga, onde está evidente a passagem das montanhas para o mar. Elaboração própria a partir dos dados altimétricos do SRTM 30m.

A bacia hidrográfica do rio Vouga

A bacia hidrográfica em estudo tem a sua origem na Serra da Lapa, a 930 metros de altitude, e apresenta uma morfologia triangular com 3645 km² de área. Está orientada no sentido este-oeste e possui a particularidade de desaguar, juntamente com os seus afluentes (Águeda, Cértima, Caster, Antuã, Boco e Valas de Mira) num local próximo da respetiva foz, onde se dividem em numerosos canais e formam os terrenos pantanosos do *haff-delta* da Ria de Aveiro (SANTOS, 2008: 15).

Ao longo dos seus 148 km de extensão, é possível identificar três distintas secções, conforme as diferentes formas de relevo: Alto Vouga, Médio Vouga e Baixo Vouga (fig. 3 e 4). A primeira compreende-se desde a nascente até ao limite do concelho de São Pedro do Sul, onde a bacia apresenta uma morfologia alongada e o rio se expande numa zona de planalto; a segunda desenvolve-se entre a entrada de São Pedro do Sul e Albergaria-a-Velha, com uma bacia hidrográfica circundada por vales encaixados e inserida em relevos irregulares, com grande capacidade de drenagem; já a terceira, segue de Albergaria-a-Velha até à foz, onde o rio flui numa área mais aberta e plana.

fig. 5. A constituição geológica da área de estudo. Elaboração própria a partir dos dados da Carta Geológica de Portugal 1:500000, LNEG.



Geologia

O estudo da geologia desta região é fundamental para a compreensão do tema, pois está relacionada com a organização e transformação da paisagem, a constituição geológica da bacia hidrográfica do Vouga e os diferentes tipos de exploração disponíveis na região.

As particularidades geológicas e os tipos de solo determinam a aptidão de armazenamento, escoamento e circulação (subterrânea e superficial) de águas numa bacia hidrográfica. Deste modo, a geologia é fundamental para a compreensão de "unidades hidrológicas e na definição de formações aquíferas, boas ou pobres, aquíferos, aquíclulos, etc" (SANTOS, 2008: 16).

Nas figuras 5 e 6 podemos observar a constituição geológica da Bacia Hidrográfica do rio Vouga. Granitóides, xistos, grauvaques, quartzitos e pontuais depósitos de cobertura (arcóscicos e aluviões), áreas mais permeáveis. Deste modo, são observáveis dois tipos hidráulicos: um onde a água circula através de fraturas, superfícies de diaclasamento ou de xistosidade, quando a rocha se apresenta sã, e outro onde se realizam trocas entre as fraturas e os poros intergranulares. O escasso tempo de contacto entre a água e a rocha em conjunto com a diminuta reatividade dos tipos litológicos existentes, contribuem para águas subterrâneas pouco mineralizadas (hipossalinas) MEDINA, 1996 ; SANTOS, 2008; VAZ, 1997).

Atendendo aos critérios geológicos, é possível considerar dois distintos grupos: o das rochas eruptivas, maioritariamente constituído por granitos, e o das rochas metamórficas, principalmente constituído por xistos e grauvaques. Relativamente aos quartzitos, têm pouca representatividade na bacia hidrográfica. Nesta, as aluviões possuem uma ligação entre a hidráulica do rio e o aquífero. Formam reservas aquíferas livres, circunscritas por bordos impermeáveis em ambas as margens e por uma delimitação permeável que compreende o próprio recurso fluvial (SANTOS, 2008: 17).



Fig. 6. Legenda representativa da geologia da bacia hidrográfica do rio Vouga da Carta Geológica de Portugal 1:500000, LNEG.



Fig. 7. Cartografia do século XVI, onde é visível o porto marítimo de Aveiro no contexto náutico. Homem, Diogo 1559. *Cartographe. [Atlas nautique de la Mer Méditerranée, de la Mer Noire et de l'Océan Atlantique nord-est] Diegus Home cosmographus me fecit ano salutis 1559.* Fonte disponível online: Gallica - Bibliothèque nationale de France.

A alteração da linha de costa: fenómenos naturais e antrópicos

Ao longo dos milénios, a paisagem da bacia hidrográfica do rio Vouga tem-se modificado. Autores como Amorim Girão¹, Alberto Souto², João Gonçalves Gaspar³, Maria Blot⁴, Olegário Pereira e Maria Bastos⁵ afirmam que o Vouga desaguaria mais para o interior e que a costa seria mais sinuosa. Atualmente, é possível observar uma escarpa com muito desgaste na margem esquerda do rio, entre Eirol e São João de Loures, perto de Aveiro. Através de antigas sondagens realizadas em depósitos sedimentares em Macinhata, foi possível observar a existência de fósseis de animais marinhos datados do Quaternário – entre 2,6 milhões a 10 mil anos atrás. Assim sendo, a zona lagunar onde o rio se encontrava com o mar situar-se-ia na atual região de Fermentelos, Frossos e Taboeira, enquanto a antiga linha de costa restringir-se-ia a Ovar, Estarreja, Salreu, Fermelã, Angeja, Esgueira, Aveiro e Vagos. Ainda se podem ver conglomerados e recentes formações de sedimentação marítima e fluvial dispersos por essa região, e ainda uma antiga escarpa marítima nas encostas do Cojo (GIRÃO, 1922: 55-57).

Entre 2000 a. C e meados de 700 d. C, a linha do litoral não deve ter apresentado grandes oscilações, apesar do processo de assoreamento estar em curso no fundo da baía, originando um cabedelo a norte e outro a sul.

De acordo com a investigação histórico-arqueológica do local, é plausível que tenha existido um porto marítimo nas proximidades do Cabeço do Vouga, em época romana, quando o mar estava mais para o interior. Aqui enfrentamos um dilema arqueológico, pois as fontes apontam para duas possibilidades. Se o sítio arqueológico do Cabeço do Vouga for *Talabriga*, capital de *civitas* referida em fontes antigas, é provável que tenha aplicado as suas "condições geográficas para atividades, dada a antiga litoralidade da zona (...)". Por sua vez,

se os achados arqueológicos aí encontrados não corresponderem aos documentos, pode-se tratar sim de um centro urbano que usufruía da sua posição geoestratégica (vias terrestres e aquáticas) (BLOT, 2003: 199). De qualquer modo, a foz do Vouga estaria localizada nas imediações do castro proto-histórico (GASPAR, 1983: 24 e 25).

No século IX verifica-se o aparecimento e o crescimento paulatino dessa faixa arenosa, enquanto no século seguinte se assiste a uma formação acelerada do cordão. De acordo com uma carta de fundação e de doação de edifícios religiosos do ano de 897, existiria uma lagoa conhecida como Ovil, perto de Esmoriz, que veio a secar posteriormente, permitindo a produção de sal em Esgueira e Vagos.⁶

Num outro documento, datado de 26 de janeiro de 959, é referida a doação de uns terrenos com exploração salífera por parte da Condessa Mumadona Dias ao Mosteiro de Coimbra: "(...) terras in Alauario et salinas que ibidem comparauimus (...)".⁷ Parte-se do princípio de que a produção de sal seja anterior a esta data, já que a Condessa adquiriu as salinas a um antigo proprietário.

Ainda durante a dinastia Afonsina (1143-1385), o sal aveirense abastecia não apenas o norte de Portugal, mas também Inglaterra, França e Flandres (GASPAR, 1983: 32-33).

Entre os séculos XIII e XIV ocorre um agravamento das alterações climáticas com a "Pequena Idade do Gelo" – "aumento de tempestades, da pluviosidade e da intensificação da atividade eólica" e, conseqüentemente, do arrastar de sedimentos. O cordão arenoso já estava na atual praia da Torreira, numerosos canais e ilhas haviam-se desenvolvido. Do golfo que outrora esteve no interior, resta agora Fermentelos, Frossos e

¹GIRÃO, Aristides de Amorim (1922) – Bacia do Vouga: Estudo Geográfico. Coimbra: Imprensa da Universidade. Dissertação de Doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Ciências Geográficas).

²SOUTO, Alberto (1923) – Origens da Ria de Aveiro: Apontamentos sobre a geografia da Beira-Litoral. Aveiro: Tipografia Minerva Central. Vol. 1.

³GASPAR, João Gonçalves (1983) – Aveiro: Notas Históricas. Aveiro: Edição da Câmara Municipal de Aveiro.

⁴BLOT, Maria Luísa de Brito Henriques Pinheiro (2003) – Os Portos na origem dos centros urbanos: Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal. In *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 28.

⁵PEREIRA, Olegário Nelson Azevedo, BASTOS, Maria Rosário (2019) – Poder e representações do litoral de Aveiro (Portugal) na cartografia histórica: séculos XIV-XVII. *Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*. Barcelona: Universitat de Barcelona. XXIV, 1282.

⁶"(...) et in ripa uauga uilla de seueri et mediadate do illa uarcena de caruonario et in ezebrario uilla de bigas quos fuit de froila lopo uilla de ermoriz que est circa lagona de auille (...)". P.M.H., Diplomata et Chartae, doc. 12.

⁷GASPAR, 1983: 29

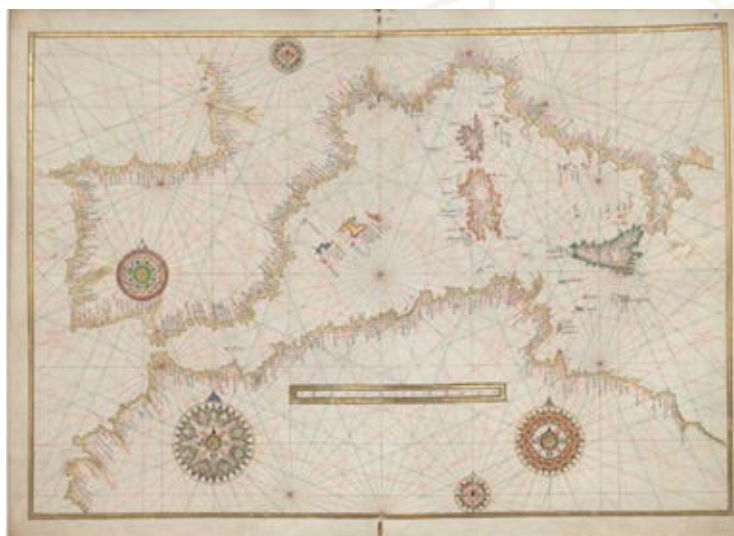


Fig. 8. Cartografia do século XVI, onde se observa o porto marítimo de Aveiro no contexto mediterrânico. Homem, Diogo 1572. *Portulan exécuté à Venise par Diogo Homem, cosmographe portugais.* Fonte disponível online: Gallica - Bibliothèque nationale de France.

Taboeira (BASTOS, 2006: 48) e um aumento considerável da atividade salífera (VICENTE, PEREIRA, BASTOS, 2021: 224).

Em meados do século XV, o litoral do reino português modifica-se de maneira notável e irremediável. Antigos portos marítimos e fluviais mais interiores acabam por perder o acesso à água, originando novos locais de atracadouro (ANDRADE, 2005: 60). No caso de Aveiro, a laguna estava a alterar-se morfodinamicamente: a barra natural estava a movimentar-se, enquanto surgiam novas ilhas e canais. Devido a uma peste causada pela estagnação de águas, a população viu-se reduzida a 3000 habitantes.

Registos documentais demonstram a enumeração de algumas ínsulas: a "*Ilha da Testada*" foi doada a D. Frei Álvaro Camelo por D. João I, em 1407; a "*Ilha do Poço*" ou a "*Ilha de Sama*" foi doada a Diogo Pires do Porto por D. João II, em 1494; e a posse da "*Ilha do Monte Farinha*" foi a tribunal, devido a um conflito entre D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, e o Mosteiro de Lorvão (BASTOS, 2006: 48).

Apesar da exportação de sal se ter iniciado na primeira dinastia, é só a partir do século XV que Aveiro ganha uma rota de comércio marítimo direta para as cidades alemãs pertencentes à Liga Hanseática (fig. 7).

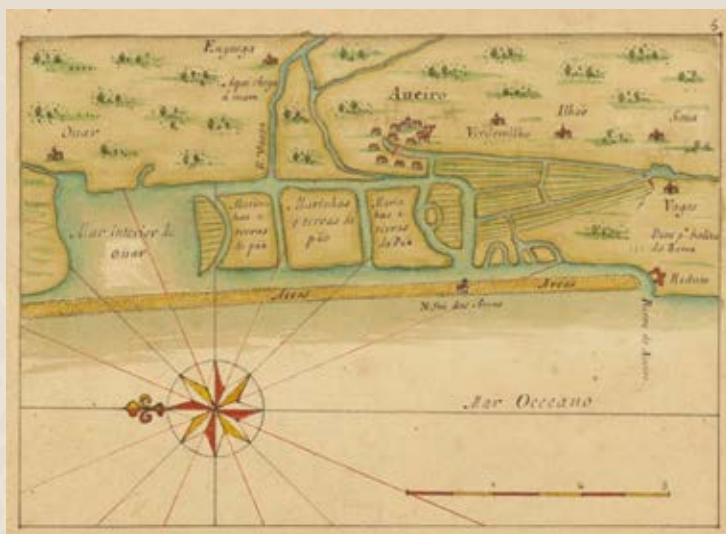


Fig. 9. Pormenor do porto marítimo de Aveiro. La Pointe, François de 1648. Cartographe. Descrição dos portos marítimos do Reyno de Portugal par João Teixeira, Cosmographo de S. Magestade. Anno 1648 / par F. de Lapointe. 1648-1669. Gallica - Bibliothèque nationale de France.

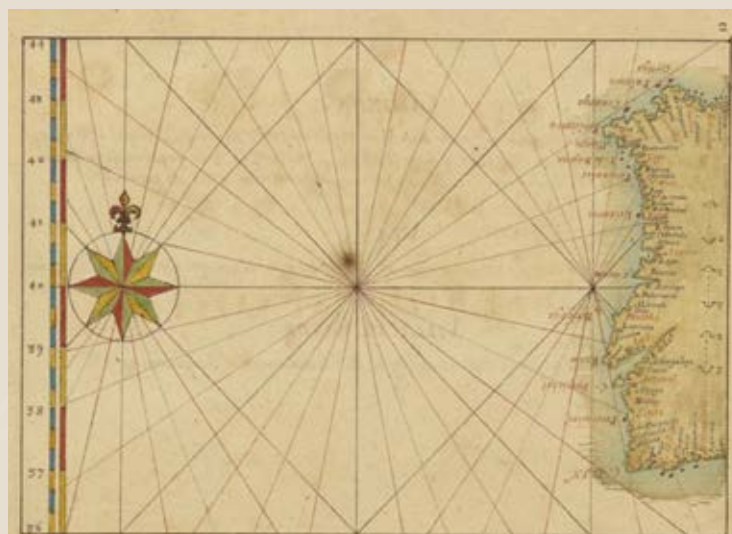


Fig. 11. Cartografia do século XVII com todos os portos marítimos em utilização na época, incluindo o de Aveiro. La Pointe, François de 1648. Cartographe. Descrição dos portos marítimos do Reyno de Portugal par João Teixeira, Cosmographo de S. Magestade. Anno 1648 / par F. de Lapointe. 1648-1669. Gallica - Bibliothèque nationale de France.



Fig. 10. Detalhe de uma escritura sobre o porto marítimo de Aveiro, na mesma fonte. Gallica - Bibliothèque nationale de France

Resolução de problemas – os Projetos da Barra

Como é perceptível, o estado da barra está diretamente relacionado com o desenvolvimento populacional da região, o fomento da atividade portuária e a produção de sal, bacalhau e construção de embarcações. Por isso mesmo, no decorrer do século XVI assistiu-se a um "elevado e progressivo índice comercial e marítimo", onde Aveiro ganhou destaque enquanto centro produtor e exportador de sal, bacalhau salgado e barcos de diferentes calados (GASPAR, 1983: 92-94). Esta região viu-se aumentada em 3 freguesias, sendo povoada por estrangeiros e elevada a vila por Filipe II de Espanha (BLOT, 2003: 202). (Fig. 8)

Após um inverno rigoroso em 1575, a barra ficou obstruída: a navegação ficou reduzida a embarcações de pequeno tamanho, logo, a pesca e a exploração salífera ficaram comprometidas devido à ausência de água salgada e à difícil contenção de água doce (GASPAR, 1983: 94). (Fig. 9, 10 e 11)

A situação não melhorou nos anos seguintes. A barra estendeu-se em direção ao sul da Vagueira, aproximando-se de Mira e de Vagos em 1756. Os habitantes, ao verem o seu problema por resolver, dirigem-se ao Governo. A 27 de maio do mesmo ano é criada a Superintendência da Barra por D. José I e é lançado um imposto com a finalidade de custear as obras da "abertura de uma nova barra em São Jacinto". Mais uma vez, as cheias do Vouga não deram tréguas e impossibilitaram os trabalhos durante o inverno de 1757 (GASPAR, 1983: 117).

No ano seguinte, o aveirense João de Sousa Ribeiro da Silveira investiu na abertura de um canal na Vagueira, permitindo o tráfego de grandes embarcações até à vila. Esta resolução a curto prazo viu-se interrompida quando declararam a barra um local perigoso e instável.

Ciente das dificuldades, Marquês de Pombal pede que façam uma planta e um traçado da navegação pelo Vouga em 1762, no entanto, a Guerra Fantástica impediu a sua realização.

Ainda no decorrer da administração pombalina, em 1777, o engenheiro inglês Guilherme Elsdon é destacado para trabalhar na barra, juntamente com Isidoro Paulo Pereira e Manuel de Sousa Ramos, dois engenheiros militares portugueses que conceberam diversas cartas e um relatório onde é expressa a navegabilidade pelo rio Vouga até São Pedro do Sul. Três anos depois, sob a chefia de Iseppi, procedem ao arranque dos trabalhos. Só a 2 de agosto têm ordem para facilitar a navegação no Vouga, a 31 de agosto essa ordem passa a secundária, priorizando as obras na barra (VIDAL, 1989: 60).

Seguiram-se novas intervenções, como em 1794 por parte do Dr. Manuel Joaquim Lopes Negrão, e em 1802 pelos engenheiros Coronel Reinaldo Oudinot e Capitão Luís Gomes de Carvalho. Entretanto, Pedro de Mello Brayner dedicava-se ao estudo do encanamento do Vouga, de maneira a torná-lo navegável até São Pedro do Sul. Infelizmente, as invasões francesas interromperam as intervenções (VIDAL, 1989: 53). A necessidade de desobstruir as águas estagnadas resultou na destruição das muralhas de Aveiro e no reaproveitamento da pedra na



nova barra, finalmente terminada em abril de 1808. Um outro ponto de discussão relevante é o decréscimo do número de residentes em Aveiro, fortemente associado ao mau estado da Barra (GASPAR, 1983: 118-120).

Antes de partir para o caso particular de Aveiro, é pertinente referir que a demografia em Portugal aumentou nos séculos XIV e XV depois de um período conturbado por pestes, fome e guerras. Até à década de 80 do século XVI é notório um aumento populacional geral, ao contrário do período compreendido entre 1580-1640, resultado das crises de mortalidade, emigração para o Brasil e êxodo rural (preferencialmente para Lisboa). Entre 1660 e 1700 registou-se um aumento modesto apesar da situação política estar comprometida, a climatologia instável e a disseminação de epidemias influenciaram os números de óbitos. Até meados da década de 30 do século XVIII observou-se um novo decréscimo devido à emigração para o Brasil (coincidente com a descoberta de ouro). Os próximos tempos marcam um crescimento paulatino e, embora se verifique uma atenuação depois de 1758, existiriam 3 000 000 habitantes em Portugal – três vezes mais do que em 1701. Importa referir que esta descrição é generalista, uma vez que se observaram assimetrias regionais ao longo destes três séculos. Trás-os-Montes, Alentejo e Algarve são zonas que apresentaram uma concentração populacional baixa, as Beiras mantiveram os seus valores, a região da Estremadura tinha valores médios numa primeira fase, aumentando exponencialmente numa segunda, enquanto Entre Douro e Minho asseguraram um elevado número de

concentração populacional (SANTOS, 2008: 206-207).

Partindo para o particular, e de acordo com a investigação de Francisco Ferreira (2008), a cidade de Aveiro apresentou um decréscimo demográfico, principalmente infantil, no decorrer do Antigo Regime. Motivado pela ausência de explicações coesas e científicas, este investigador recorreu aos Registos Paroquiais das freguesias de Nossa Senhora da Apresentação (1590) e de Vera-Cruz (1572), zonas próximas dos pântanos aveirenses, para examinar o percurso de vida de cada habitante a partir de 1690 e, conseqüentemente os movimentos demográficos.

Como aqui importa aferir a veracidade do decréscimo populacional em Aveiro a partir do século XVIII proposto por Gaspar (1983), passarei para a amostragem de resultados apresentados por Francisco Ferreira.

Até meados do século XVII presencia-se uma interrupção nos nascimentos/batismos nas duas freguesias; nos trinta anos seguintes esse valor aumentou, com mais relevo na Vera-Cruz do que na Nossa Senhora da Apresentação; entre 1680 e 1770 observa-se um decréscimo acentuado nos nascimentos/batismos, primeiro na Vera-Cruz e depois em Nossa Senhora da Apresentação, e também esporádicos momentos de recuperação. Passando para dados numéricos, foram apresentadas as seguintes médias: na Vera-Cruz, de 1647 a 1679 constam-se 61,5 nascimentos, caindo para 45,6 de 1680 a 1771; em N.ª Sr.ª da Apresentação, de 1624 a 1694 constam-se 46,2s batismos, caindo



Fig. 12. Cartografia do século XIX representa a costa de Portugal. Collin, E. (père) 1816. Graveur. *Carte réduite de la Côte de Portugal depuis le Cap Silleiro jusqu'à la Barre de Huelva*. Gallica - Bibliothèque Nationale de France.

para 28,6 de 1695 a 1771. Perante as crises de mortalidade de 1720, 1723, 1742 e 1749 (que são a soma das crises de intensidade média e forte em ambas as freguesias), o investigador aplicou o "método de determinação de crises de mortalidade proposto por J. Dupâquier", estabelecendo "para o efeito de determinação da média aritmética os 10 anos anteriores ao ano em apreço". Contraditoriamente, ao esperado, não se observaram "crises de mortalidade com intensidade de nível superior", prevalecendo as crises de menor intensidade, com exceção de apenas uma crise forte em cada freguesia: Vera-Cruz em 1742 e N^a Sr.^a da Apresentação em 1749. Mais adianta que a faixa etária com maior incidência de mortalidade é a que está compreendida entre os 0 e os 15 anos (FERREIRA, 2008).

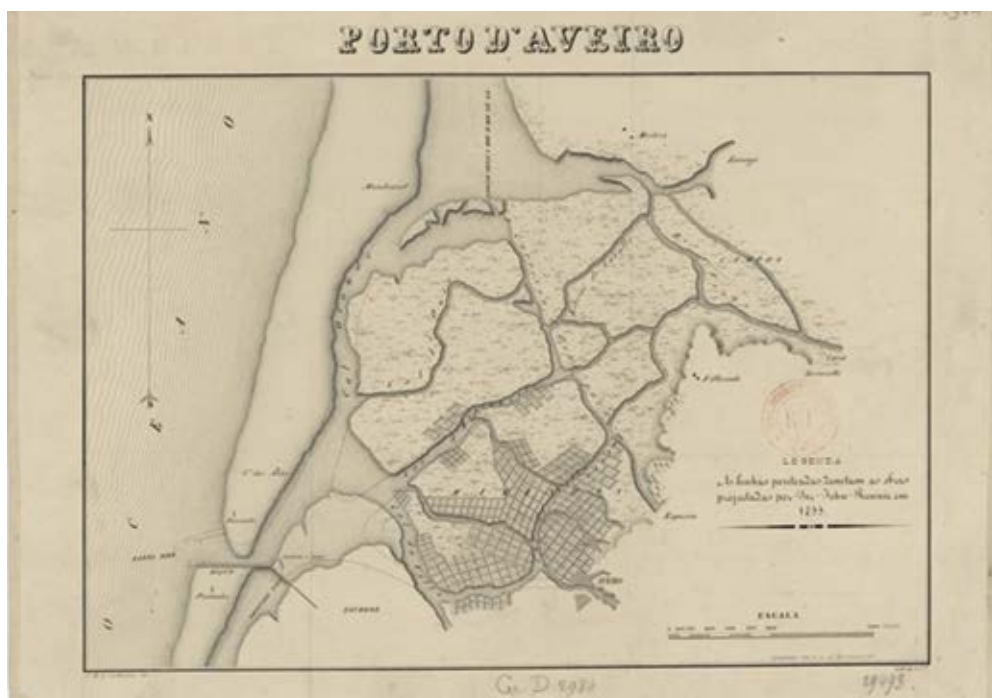
Posto isto, podem-se retirar as seguintes ilações. Relativamente ao decréscimo de nascimentos/batismos nesta região, adverso ao modesto aumento registado em Portugal na passagem do século XVII para o século XVIII, é possível que se justifique através da constante transformação da Barra, que impedia o desenvolvimento de atividades como a produção, a pesca, a salga do pescado e o comércio marítimo. Esta fragilidade associada à descoberta do ouro no Brasil pode ter inflacionado a procura de melhores condições de vida (emigração).

A crise de mortalidade de 1747-1749 não teve paralelo com o resto do país, registando-se um aumento a partir de 1730, à exceção de Idanha-a-Nova que sofreu com o tifo vindo de Espanha, e os concelhos de Eixo e de Arada, adjacentes

à área de estudo. Logo, essa perturbação teve origem e impacto somente a nível regional. Seguidamente, o aumento desenfreado de mortes em ambas as freguesias desenvolvia-se em época estivo-outonal, resultando num número de óbitos oscilante durante os três anos. Tanto na Vera-Cruz como na N^a Sr.^a da Apresentação, totalizou-se um total de 432 óbitos, com maior incidência no grupo dos menores de 15 anos, sobretudo entre os 0 e os 5 (FERREIRA, 2008). Uma vez que não se registam períodos epidémicos em Portugal nessa altura, pode-se conjecturar que a causa da mortalidade infantojuvenil tenha tido origem em fatores internos não externos. Como as crianças não têm um sistema imunológico tão desenvolvido quanto os adultos, estariam mais expostas aos perigos da água insalubre, que piora em estações mais quentes. Com isto, pode-se concluir que, embora não se registem crises epidémicas violentas (como refere Gaspar em 1983), o mau estado da Barra atrasava o desenvolvimento da qualidade de vida das pessoas que viviam dos recursos flúvio-marítimos. (Fig. 12)

Alguns tempos depois, Joaquim Baptista de Sousa, médico e cronista em Lafões, resgata e atualiza o projeto de Pereira e Ramos, apresentando-o à Real Academia das Ciências em 1820. Este ambicionava o 'voltar às origens', quando os romanos utilizavam o rio Vouga como meio de comunicação e de transporte, pelo menos entre as Antigas Termas Romanas, em São Pedro do Sul, e o Oceano Atlântico. Para tal, seria necessário construir uma barra segura e alterar algumas partes do leito. Posto isto, começou por salientar "que a base sólida, e permanente da riqueza de qualquer nação he o commercio

Fig. 13. Pormenor do porto marítimo de Aveiro no século XIX. Bettencourt, Emiliano Augusto de (18...). *Auteur du texte. Porto d'Aveiro, desenhado / por E. A. de Bettencourt.* Gallica - Bibliothèque Nationale de France.



interno; e que este he nullo sem boas estradas, e canaes de navegação, porque são de tanta necessidade como os vazos da circulação nos corpos organizados" e que há tendência para inferiorizar o comércio interno em detrimento do externo, quando no passado Portugal fora uma das principais nações com uma exponencial taxa de comercialização por via marítima. Continua as suas críticas ao referir que a utilização do rio somente até Pessegueiro do Vouga prejudicava a restante gente a montante; a nova barra, com capacidade para numerosas embarcações de três mastros, estava a ser mal rentabilizada; havia pessoas da administração, como inspetores, desembargadores, engenheiros e escrivães, que preferiam apoderar-se de dinheiros públicos em vez de investirem no bem estar e qualidade de vida da população; poder-se-ia poupar mais dinheiro se os alambiques da Companhia d' Agricultura do Alto Douro fossem transportados unicamente por água e não por regime misto (vias térreas e via flúvio-marítima); famílias abastadas procuram o luxo e a ociosidade das grandes cidades, abandonando o campo e a sua rentabilização (VIDAL, 1989: 51-54).

Apresenta ainda um conjunto de argumentos a favor da sua proposta, entre os quais: o Vouga é um canal natural destinado à navegação pela Beira Alta; a *villa* de São Pedro do Sul, que estava a atravessar por momentos difíceis no século XIX, poderia engrandecer novamente se a navegação chegasse até lá, dando a conhecer as Caldas a portugueses e a estrangeiros; as enchentes do Vouga, e consequente deposição de matéria orgânica nas margens, estavam a ser mal aproveitadas na agricultura; a região de Aveiro só fornecia sal, sardinha e loiça à Beira Alta, quando poderia disponibilizar diverso pescado seco se desenvolvessem a pesca; a Beira Alta beneficiaria de produtos como chapéus, papel, vidro e linho através de via fluvial, enquanto Aveiro poderia receber grãos, lãs, panos, vinho e água ardente de

Lafões; desta última eram comercializados produtos como cereais, vinho verde, vinagre, água ardente, sarro das pipas, cortiça, casca, castanhas, bolotas, frutas, panos de linho, presunto, unto, couros crus, lãs, porcos e bois para Porto, Lisboa, Espanha e Brasil, quando metade das suas terras não são agricultadas e, por isso, não se produz e exporta em maior número; a existência de elevada mão de obra em Lafões poderia ser aplicada na exploração de metais, escoando esse material e recebendo carvão de Figueira e de Valongo pelo rio; a criação de um trajeto fluvial entre São Pedro do Sul e Aveiro desviaria o fluxo da cidade do Porto; a existência de boas áreas florestais e de recursos hídricos poderia significar a implementação de fábricas de papel e posterior escoamento de produtos através do Vouga; as habitações dos lavradores lafonenses eram construídas em pedra, sem qualquer cal, uma vez que o preço desses materiais encarecia com o transporte térreo; as trocas comerciais entre São Pedro do Sul-Porto e Águeda-Lamego poderiam ser rentabilizadas se optassem por incluir o transporte fluvial (VIDAL, 1989: 54-58).

Apesar do surgimento de alguns entraves, o projeto encontrava-se em desenvolvimento nos anos 1837 e 1853, assim como umas obras de requalificação na barra, em 1860, e a construção de um farol entre esta e Mira, em 1862. (Fig. 13)

Mais tarde, com o progresso das linhas ferroviárias, esta ideia tornou-se obsoleta. Com a finalidade de unir a circulação de pessoas, bens e mercadorias, apostam na construção da "linha ferroviária do Vale do Vouga", também ela com múltiplos problemas. Iniciada em 1877, só fora inaugurada na sua totalidade em 1914. (Fig. 14)



Considerações finais

Como se pode constatar, a bacia hidrográfica do rio Vouga é o resultado de diversos fatores que, conciliados, compactuam com alterações na paisagem, no leito da bacia hidrográfica e até mesmo no mar. Os sedimentos levados pelo curso do Vouga e as areias oriundas do Douro, as pontuais cheias no inverno e a agitação marítima, processos incontornáveis pelo Homem, influenciavam a miséria e/ou a bonança das gentes ribeirinhas.

Face ao exposto, a bacia hidrográfica do rio Vouga e toda a região envolvente têm potencialidade para novas investigações históricas, arqueológicas, geológicas, ambientais, hidrográficas, entre outras. Seria importante responder a questões que nos construíssem um cenário de toda esta narrativa, desde a navegação em época romana, a ligação entre o povoado do Cabeço do Vouga e o mar e a utilização do rio Vouga enquanto meio de comunicação e de transporte ao longo dos séculos.

Atualmente, a autora encontra-se a realizar a sua dissertação de mestrado na Universidade de Évora, na componente de Arqueologia e Ambiente, onde aborda problemáticas como a navegabilidade do rio Vouga em época clássica e a influência das alterações da faixa litoral do noroeste português. Os seus objetivos, para além da compreensão do estado da questão sobre a navegabilidade histórica do rio Vouga, passam pela análise desta paisagem, a recompilação de documentos históricos onde se registou a paisagem e a utilização flúvio-marítima do Vouga, a redação de uma breve pesquisa acerca das distintas fases da barra e a perceção de que produtos estariam disponíveis neste contexto.

Ainda no âmbito dos novos projetos, será produzido um artigo para o "29th EAA Annual Meeting in Belfast, Northern Ireland", um congresso europeu de arqueologia, onde se

pretende o debate de diversos temas como a alteração da paisagem e de ambientes flúvio-marítimos. O mesmo será redigido em coautoria, permitindo uma análise mais aprofundada do tema.

Espera-se que estes novos trabalhos abram 'portas' para a discussão e divulgação das temáticas, tanto na comunidade como na investigação. A intenção é sempre chegar mais além.

Fig. 14. Pormenor do porto marítimo de Aveiro inserido no projeto da Direção geral dos trabalhos geodésicos em Portugal. Direção geral dos trabalhos geodésicos (Portugal). *Editeur scientifique. Plano hydrographico da Barra e Porto da Ria de Aveiro: Levantado em 1865 sob a Direção do Conselheiro F. Folque pelo engenheiro hydrographo A. M. dos Reis / pelo engenheiro hydrographo A. M. dos Reis. 1887. Gallica - Bibliothèque Nationale de France.*

Fontes

Bettencourt, Emiliano Augusto de (18.). *Auteur du texte. Porto d'Aveiro, desenhado / por E. A. de Bettencourt.*

Collin, E. (père) (1816). *Graveur. Carte réduite de la Côte de Portugal depuis le Cap Silheiro jusqu'à la Barre de Huelba.*

Direcção geral dos trabalhos geodesicos (Portugal) (1887). *Éditeur scientifique. Plano hydrographico da Barra e Porto da Ria de Aveiro: Levantado em 1865 sob a Direcção do Conselheiro F. Folque pelo engenheiro hydrographo A. M. dos Reis / pelo engenheiro hydrographo A. M. dos Reis.*

Homem, Diogo (1559). *Cartographe. [Atlas nautique de la Mer Méditerranée, de la Mer Noire et de l'Océan Atlantique nord-est] Diegus Home cosmographus me fecit ano salutis 1559.*

Homem, Diogo (1572). *Portulan exécuté à Venise par Diogo Homem, cosmographe portugais.*

La Pointe, François de (1648-1669). *Cartographe. Descrição dos portos marítimos do Reyno de Portugal par João Teixeira, Cosmographo de S. Magestade. Anno 1648 / par F. de Lapointe.*

P.M.H., *Diplomata et Chartae*, doc. 12. (897).

Bibliografia

ANDRADE, Amélia Aguiar, (2005), A estratégia régia em relação aos portos marítimos no Portugal Medieval: o caso da Fachada Atlântica, Universidade Nova de Lisboa.

BLOT, Maria Luísa de Brito Henriques Pinheiro (2003) – Os Portos na origem dos centros urbanos: Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal. In *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 28.

GIRÃO, Aristides de Amorim (1922) – *Bacia do Vouga: Estudo Geográfico*. Coimbra: Imprensa da Universidade. Dissertação de Doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Ciências Geográficas).

GASPAR, João Gonçalves (1983) – *Aveiro: Notas Históricas*. Aveiro: Edição da Câmara Municipal de Aveiro.

PEREIRA, Olegário Nelson Azevedo, BASTOS, Maria Rosário (2019) – Poder e representações do litoral de Aveiro (Portugal) na cartografia histórica: séculos XIV-XVII. *Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*. Barcelona: Universitat de Barcelona. XXIV, 1282.

RODRIGUES, Cristina Maria Cordeiro de Carvalho, (2009), *Risco de Inundação. Área das Termas de S. Pedro do Sul (1960-2001)*, Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, pág. 15. Dissertação de Mestrado em Geografia Física, especialidade em Ambiente e Ordenamento do Território.

SANTOS, Juliana Marisa Ferreira dos, (2008), *Estudo da relação entre o caudal e indicadores de qualidade da água no Médio Vouga*, Universidade de Aveiro, Departamento de Ambiente e Ordenamento do Território, pág. 15. Dissertação de Mestrado em Engenharia e Ambiente.

SOUTO, Alberto (1923) – *Origens da Ria de Aveiro: Apontamentos sobre a geografia da Beira-Litoral*. Aveiro: Tipografia Minerva Central. Vol. 1.

VICENTE, Pedro, PEREIRA, Olegário Nelson Azevedo, BASTOS, Maria Rosário (2021) – Impacto do Pequeno ótimo Climático na formação e exploração da Laguna de Aveiro (Portugal). In *Sociedade, Ambiente e Tecnologia: Mar afora, costa adentro*. Tomo X da Rede BRASPOR. Capítulo XIV, pp. 220-221.

VIDAL, Armando Lúcio (1989) – *Reflexões sobre a navegação do Rio Vouga*, por Dr. Joaquim Baptista (1829). Aveiro: Estante Editora, pág. 60.







